

REVISTA DA SEMANA

Nº 3

CR \$ 2.00 EM TODO O BRASIL

17.1.48



PARA O HOMEM E PARA A MULHER

Divirta-se, instrua-se, aprenda e aproveite seu tempo, lendo **ALMANAQUE EU SEI TUDO**, para 1948, que está à venda.

Por Cr\$ 15,00, — no país inteiro, — os seus leitores conhecerão o que há de mais moderno e interessante em todo o mundo e o que guarda através dos tempos, a eterna beleza do passado. Ciência, arte, esporte, literatura, charadas, diversões, acontecimentos palpitantes, e um calendário completo para 1948.



ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL
SEM AUMENTO DE PREÇO

Pedidos à **COMPANHIA EDITORA AMERICANA**
Rua Visconde de Maranguape n.º 15 — Rio de Janeiro

ALMANAQUE EU SEI TUDO

Paulistana



— Dois tabletas?

— Um, faz favor. E limão em vez de creme.

Paravento chinês e mordomo. Rosa de caule comprido e um oficial que acaba de chegar das Índias... Romance esquecido sôbre a poltrona — Rosamond Lehman, decerto. Este é o clima desta manhã, que era para outro país e tombou sôbre São Paulo inadvertidamente apagando o verdeamarelismo da paisagem em troca de tons neutros. Só gente em debuxos civilizados passa pela rua. Mediôcres paisagens capilares. Sardas sôbre geografias branquicentas... Isto nunca foi Brasil! Melhor fôra ficar mesmo em país distante. Gostaria de comer pé-de-moleque neste momento, como um grito de revolta, trautear o... "é doce morrer no mar", afirmar minha brasilidade de algum modo diante do ambiente usurpador. As gêmeas inglesas se aproximam. — Flanelas cinzentas. Olhos desbotados. Param rente ao portão. Abrem a boca e falam numa linguagem de Tietê tôda aberta ao sol como as velhas casas paulistas:

— A senhora deixa a gente colher uma rosa no seu jardim pra levar pra Mamãe?
— ?||

★

O QUADRO GUARDADO NO TEMPO — Bastaria olhar o casal jantando, naquele restauran-
tezinho escondido, no Braz, ver a maneira um pouco sonhadora com que o homem e a mulher fa-
lavam, para perceber que êles estavam fazendo passado, guardando imagens sons e tatos para
épocas avaras de amor. A mulher, então, com a poupança tão característica do sexo, parecia re-
ter tôdas as palavras e tôdas as visões e todos os rumores. Guardava o homem do bandonion a
quem pediram uma valsa vienense, guardava a mesa alegre onde rapazes do comércio festeja-
vam entre vinhaças algum acontecimento, e o jôgo da luz sôbre a alvura da toalha, sôbre o rosto
do companheiro. Guardava a música langorosa escorrendo da concertina como algo manhoso
que fosse concedido por intermitências — sim... não... sim... não... Imaginei-os, depois, mul-
to tarde, em ambientes diversos, distantes um do outro, envolvidos pela engrenagem dos dias,
puzados por tôrças contrárias, dóceis aos tabús. Ela pensaria na noite de sua vida em que vivera
mais segundo ela própria, e, de mansinho, como quem abre uma gaveta cheia de guardados, na
penumbra de um quarto, tiraria, então, da memória, aquele jantar de aventura. Tiraria o rosto
do amigo inclinado sôbre o dela cômo um toldo de amor e o gesto gótico das grandes mãos apr-
sionando as suas. E tiraria a valsa vienense e o rendado da árvore contra o céu todo vestido de
estrêlas, e o gato lamuriento e preto que vinha enroscar-se em suas pernas, e a maneira do namora-
do pronunciar seu nome que ficava lindo como o título de uma lenda estranha... Ele talvez tivesse
vivido mais o presente e, esgotando-o, não guardasse tantas visões. Todas as coisas daquela noi-
te lhe surgiriam como detalhes de um quadro expressionista: os cabelos dela, partidos ao meio,
com a testa clara e, mais abaixo as duas manchas castanho-verdes dos olhos, o recorte da árvore,
as mãos com unhas côr de sangue... Passo um lento olhar sôbre o casal que janta esquecido
da vida, na mesa pequenina. Amo-os um momento como se fossem criaturas que eu houvesse
criado e tenho vontade de recortá-los, certos, assim como estão, pô-los em uma moldura e levá-
los, para que o Tempo não os envolva, e os poupe do seu contacto.

★

SALOMÉ — Salomé! Salomé! — ouvi gritar pelos moleques de minha rua. Por um instante tive a idéia da figura bíblica varando os espaços e o tempo e vindo dançar, diante de minha janela, com a ensanguentada cabeça de João Batista dentro de uma bandeja. Mas as vozes infantis, agora, eram nitidamente desacatantes:

— Salomé! Salomémémémémémé! diziam, imitando cabritos. E o que a janela enquadrava foi uma negrinha pulando em um pé só e chutando um pedregulho. Carvões riscaram na calçada os quadrados da "amarelinha" e Salomé saltava com um brio de profissional daquele esporte...

Bem por cima das crianças o céu era alto com debrum de nuvens formando uma cúpula azul. A vizinha da frente veio sacudir um tapete e ficou um momento de braços alçados, no terraço. Era como se a doçura do ar a tivesse fixado.

— Salomémémémémémé! Salomémémémémémé! Não vê que você ganha!

Mas Salomé parece que saiu vitoriosa da partida e se retraiu, depois, para junto do portão da lavadeira, aquela que tem um filho bobo. O menino ficou à janela fazendo glúglús com a boca. A saliva escorria-lhe dos lábios. A pequena começou a falar com jeito manso e carinhoso com o enfermo. Ele ria e aumentava os glúglús, meneando a cabeça com o modo obstinado dos débeis mentais. Salomé, na sua atitude, misturava a enfermidade e o anjo e era comovedor ver-se essa fórmula combinada no exíguo corpo negro que a idade desajeitava. Era longa, de joelhos cinzentos, de braços muito compridos. E o rosto miudo parecia inacabado quando chegava o pixaim da testa. Percebi em Salomé um coração ardoroso. Depois a vida poderia modificá-la, dar-lhe garras. Mas naquele instante a menina desabrochava em solidariedade humana. Era uma floração de ternura a se esparrizar pela calçada pobre. Posto que estávamos perto do Natal, imaginei Salomé dando lição de bondade aos poderosos. Vi-a, como Jesus, não falando aos sábios, mas aos senhores do mundo, aos importantes cavalheiros: — "você sabe com quem está falando?". Vi-a numa cátedra, exigua, negra e feiosa, d. Salomé, professora de Bondade. E, em torno, atentas cabeças adultas, encanecidas cabeças que viveram sem conhecer o Amor, soletrando, penosamente, o abecedário do carinho. Não havia quadro negro. Salomé mostrava seu coração. Com simplicidade. Como quem sustém uma flor modesta na ponta dos dedos.

E os homens importantes aprendiam...

SUMARIO

COLABORAÇÃO:

Três manchinhas paulistanas (Helena Silveira)	3
O embaixador do sertão (Herman Lima)	28

BIOGRAFIA:

A vida de Confúcio (Henry Thomas e Dana Lee Thomas) 34

HUMORISMO:

Bom humor	20
---------------------	----

REPORTAGENS:

A batalha da cassação dos mandatos (Demóstenes Varela)	6/11
Uma nova iniciativa do Teatro de Es- tudentes do Brasil	14/17
O terrível Dan Duryea (Luís Serrano)	26/27
Os "embaixadores dos vinhos da Fran- ça" (Lucien Corosi)	30/33

CONTOS:

O porco do “seu” Fidelis (Thereza de Almeida)	12/13
A fada das pérolas (João do Rio) . . .	18/19
Vende-se um vestido de noiva (Lola Kneip de Melo)	22/23
O avião (Martins Capistrano)	29

SECÇÕES PERMANENTES:

A Semana em Revista	4
O Mundo Marcha	5
Gente de Rádio	25
Música	48/49
Cancioneiro Internacional	50

SUPLEMENTO DA MULHER:

Nos bastidores femininos	35
O espírito feminino através dos tem- pos	36
A personalidade da semana (Ivonne Jean)	37
Mães e filhos (Zóia de Laet)	40
Muro das lamentações	41
“Week-end” na cozinha (Marie Cook)	44
Caixa de ressonância (Violeta de Al- cântara Carreira)	45

FOLHETIM:

"Na cova das serpentes" (Mary Jane
Ward-Frank Godwin) 57/58

ILUSTRAÇÕES:

Armando Moura, Orlando Matos, Armando Pacheco e Abelardo Zaluar.

N O S S A C A P A:





Nossa capa apresenta hoje a linda figura de Joan Caulfield, uma das "estrelas" de maior sucesso da Paramount, atualmente. Entre os seus êxitos já exibidos no Rio, contam-se "Monsieur Beaucaire", no qual trabalhou ao lado de Bob Hope, e o recente "Deus me deu um amigo", contracenando neste com Bing Crosby e Barry Fitzgerald. Próximamente nós a veremos em "Miragem Dourada", filme no qual aparecem todos os "astros" e "estrelas" da Paramount. Após essa película, Joan Caulfield voltará à Cinelândia em "Romance Inacabado", ao lado dos veteranos Bing Crosby e Fred Astaire.

PARA O HOMEM E PARA A MULHER

Divirta-se, instrua-se, aprenda e aproveite seu tempo, lendo **ALMANAQUE EU SEI TUDO**, para 1948, que está à venda.

Por Cr\$ 15,00, — no país inteiro, — os seus leitores conhecerão o que há de mais moderno e interessante em todo o mundo e o que guarda através dos tempos, a eterna beleza do passado. Ciência, arte, esporte, literatura, charadas, diversões, acontecimentos palpitantes, e um calendário completo para 1948.



ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL
SEM AUMENTO DE PREÇO

Pedidos à **COMPANHIA EDITORA AMERICANA**
Rua Visconde de Maranguape n.º 15 — Rio de Janeiro

ALMANAQUE EU SEI TUDO

BIBLIOTECA DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

Paulistana



★

★

E os homens importantes aprendiam...

a semana EM REVISTA

A CASSAÇÃO DOS MANDATOS E AS VAGAS NO CONGRESSO



A cassação dos mandatos, — veja-se, nesta edição, a reportagem de Demóstenes Varela sobre o assunto, — é um fato consumado. O encerramento dessa questão política deixa em aberto uma nova questão, — e esta é a do preenchimento das vagas abertas no Congresso Nacional, como nas Assembléias Estaduais e na Câmara Legislativa do Distrito Federal, com a expulsão dos representantes do extinto Partido Comunista do Brasil, cujos mandatos foram cassados. Como a lei que cassou os mandatos não previu o preenchimento de tais vagas, há quem queira especular a tal respeito. Assim, várias fórmulas são aventadas, de acordo com interesses dos grupos políticos, para que os órgãos legislativos possam ser completados. Uma dessas fórmulas é a de que sejam considerados “em branco” os votos dados aos representantes comunistas, — o que viria favorecer os partidos majoritários no Distrito Federal e nos Estados em que os comunistas haviam eleito representantes. Uma segunda fórmula é a de que sejam anulados os mesmos votos, com o fim de se tornar mais baixo o quociente

eleitoral, beneficiando, assim, não apenas o partido majoritário, mas as demais organizações políticas que concorreram ao pleito. Com essa última solução, por exemplo, poderiam lucrar organizações que, no pleito municipal, no Rio, não lograram eleger um único vereador, — o Partido Democrata Cristão, por exemplo. Há, ainda, uma terceira fórmula, que é a da realização de novas eleições, para as referidas vagas. E' por esta solução que nos inclinamos, por ser a mais democrática e a mais equitativa de todas. Acresce, ainda, a circunstância de que, verificadas essas vagas, devem elas interessar a todos os partidos e encorajar a apresentação de novos candidatos. Os que não foram eleitos nos pleitos anteriores, de um modo ou de outro, foram candidatos repelidos ou desprezados pelo eleitorado. Que esses candidatos infelizes venham a atuar, no caso de se darem vagas em suas respectivas bancadas e de serem convocados como suplentes, ainda muito bem, porque estarão recolhendo uma herança legítima. Mas subirem aos órgãos legislativos numa situação dessa natureza, por efeito da retroatividade de uma lei, não só não nos parece lícito, como ainda tira aos novos legisladores a autoridade moral de que eles devem estar revestidos. Portanto, vamos às urnas. Façam-se novas eleições e que saia vencedor quem tiver mais prestígio e mais votos. Aliás, é isso o que preceitua, de forma clara e iniludível, o artigo 52, parágrafo único, da Constituição da República.

A REVOGAÇÃO DE UMA PORTARIA INFELIZ



O chefe de Polícia, general Lima Câmara, desta vez está de parabéns. Porque não se mostrou obstinado e deu o braço a torcer, lisamente, na questão dos auto-lotações particulares, que retirara de circulação, a 1.º de janeiro, como um presente de grego aos cariocas no dia de Ano Bom... Soprado por um mau conselho, o sr. Edgard Estrela, que há tantos anos tumultua o tráfego carioca, fazendo da cidade o paraíso dos atropeladores, o general Lima Câmara baixou aquela portaria nos últimos dias de dezembro, para beneficiar a classe dos choferes de carros de praça, sem considerar que, na verdade, estava contribuindo para agravar, consideravelmente, as aflições do pobre povo carioca. Um dos argumentos dos choferes de praça contra os lotações particulares

é o de que estes fazem concorrência profissional aos mesmos. Entretanto, mesmo com essa concorrência, os problemas de condução estão longe de estarem aliviados. E, se os carros particulares ganham o que se apregoa, nesse caso a situação dos choferes de praça não é tão má assim, porquanto rodam o dia inteiro e ganham tanto quanto os outros... O patrono dos choferes de praça, sr. Edgard Estrela, deve ser um ídolo da classe e não temos dúvida em que será eleito deputado, — como dizem ser de sua intenção, — só com os votos de milhares de profissionais do volante... Porque há muito mais, ainda: os choferes de táxi, salvo raríssimas exceções, não aceitam passageiros pelas tabelas em vigor e para a zona que convenha a quem toma o carro. Nas barcas, na Central, na Leopoldina e até mesmo na Cinelândia, os passageiros têm que se “explicar” primeiro, combinando corridas pelo “câmbio negro”. Não adianta chamar os guardas, para que estes dêem uma providência, porque os referidos guardas, que garham ordenados de fome, estão geralmente acumpliciados com os choferes, recebendo por dia cinco a dez cruzeiros de cada um, no ponto... Do mesmo modo que recebem dez ou vinte cruzeiros para “não riscar” em casos de infração... Carros de praça com a bandeira arriada, em ponto de estacionamento, ou com “Cosme Velho” escrito a alvalade (há muitas centenas de carro com esse dístico, à espera de “conversas particulares”...), choferes que escolhem um itinerário “porque vão recolher”, mas deixam de recolher se podem cobrar no câmbio negro o preço da corrida elevada ao dobro, são coisas de todos os dias, abusos sobre abusos, que a nossa indulgente e generosa polícia não vê... nem verá, enquanto houver tal corrupção na polícia do tráfego. Ora, a portaria que entrou a 1.º de janeiro não fazia senão entregar o povo carioca de pés e mãos atadas aos seus exploradores. Revogando-a, ante o clamor do povo e da imprensa, o chefe de Polícia fez muito bem. O que o general Lima Câmara precisa, agora, é dar menos ouvidos aos maus conselhos de sua má estrela, — que é o perene Estrela do terrível tráfego do Rio...

A CANDIDATURA DO SR. OSWALDO ARANHA AO PRÊMIO NOBEL DA PAZ



Telegramas publicados nos jornais de domingo registraram a adesão da República do Peru ao lançamento da candidatura do embaixador Oswaldo Aranha ao Prêmio Nobel da Paz de 1948. O eco despertado no Peru pela candidatura do ilustre brasileiro àquela láurea de excepcional valimento não pode deixar de sensibilizar o sentimento dos nossos patriotas, em geral, porque representa um apelo altamente significativo, mais importante do que tudo quanto se possa fazer, dentro do nosso país, para exaltar a dedicação do sr. Oswaldo Aranha à causa da confraternização dos povos. O apelo do Peru se consubstanciará através de uma comunicação da representação diplomática peruana em Estocolmo, apresentando o nome do sr. Oswaldo Aranha ao Senado da Suécia, como candidato oficial do governo de Lima. Temos a impressão de que o gesto do governo peruano não ficará isolado e que despertará testemunhos idênticos nas repúblicas latino-americanas, das quais foi ele o candidato

vitorioso à presidência da Assembléia Geral das Nações Unidas, pela segunda vez. O Prêmio Nobel da Paz, instituído pelo químico sueco Alfred Nobel, só uma vez foi dado a uma personalidade sul-americana. E essa personalidade foi o sr. Saavedra Lamas, estadista argentino, que, como ministro das Relações Exteriores do general Agustin P. Justo, muito influuiu para a cessação da luta entre o Paraguai e a Bolívia, em 1935. Sem querer diminuir os méritos do ilustre diplomata argentino, realmente digno da distinção que recebeu, releva notar, entretanto, que a atuação do sr. Oswaldo Aranha, tendo sido igualmente brilhante nos quadros sul-americanos, adquiriu, nos últimos anos, relevo mundial, graças à sua compreensão, tacto diplomático, cultura e espírito conciliador. Portanto, não seria senão de estrita justiça que, depois de ter recaído sobre a Argentina, recaísse agora sobre o Brasil, na pessoa de um dos seus filhos mais ilustres, o prêmio mais alto que é reservado aos que se dedicam com sincero afã à causa da paz mundial. Quer tenhamos, quer não tenhamos o prazer de ver esse prêmio outorgado ao sr. Oswaldo Aranha, devemos, entretanto, guardar na lembrança o gesto amigo, a lembrança gentil, a atitude delicada do governo do Peru para com o Brasil, no apoio tão oportuno e tão espontâneo, que acaba de dar à candidatura do nosso embaixador ao Prêmio Nobel da Paz.

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário: R. MAGALHAES JUNIOR
ANO XLVII — N.º 3 — 17-1-1948

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A décana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 2,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 2,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: “REVISTA” — Rio de Janeiro

Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corrs. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 142

EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da “Agência Zambardino”, à rua Cap. Salomão, 67 — Tel. 4-1569; — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 613, 2.º andar — Sala 217.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes, 1746, Montevideo. Na Argentina: “Inter-Prensa” — Florida, 299 — Tel. 32 — Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



I NICIOU-SE nos Estados Unidos a luta pela presidência da República. O senador republicano Tobey apresentou em nome do seu partido a candidatura do general Eisenhower às eleições de novembro próximo. Apesar do ressentimento dos senadores Vandenberg e Taft, que pretendiam o apoio do Partido Republicano às suas candidaturas, presume-se que essa organização apoiará Eisenhower. De outro lado estão Truman com o Partido Democrático e Henry Wallace com sua nova facção, o Partido Trabalhista Norte-Americano. Não estando certo ainda o "forfait" do general Douglas Mac Arthur, que poderá se inscrever no páreo à última hora, as eleições dos Estados Unidos vão ser disputadas como nunca! Pela primeira vez em sua história três fortes candidatos lutarão pela presidência da República... Enquanto internamente se desenvolve esta luta fria, no exterior os Estados Unidos preparam-se para intervir pela força nos Balcãs contra os guerrilheiros gregos, segundo as palavras do senhor Paul Porter, representante especial de Truman, no conflito helênico... Enquanto a luta continua na Grécia — e também na China — a Itália prepara-se para as novas eleições, no próximo mês de abril. Se os "provocadores reacionários" se opuserem — ameaça o líder comunista Togliatti — "dezenas de milhares de jovens estarão prontos a usar de suas armas". Enquanto isso, o Tesouro norte-americano continua fabricando dólares para combater a ideologia vermelha nesses dois países. O presidente Truman pediu ao Congresso um crédito de 18 bilhões de dólares para esse fim... Como compensação a esses gastos fantásticos e extraordinários o nosso bom vizinho aumentou de seiscentos por cento as exportações de máquinas para a América Latina de 1938 até hoje, figurando o Brasil como o principal comprador. No primeiro semestre do ano passado adquirimos trezentos e cinquenta e cinco milhões e setecentos mil dólares, não só de maquinismos, mas também de isqueiros, óculos para praia, ventiladores, grampos para o cabelo, etc... Em Praga, Tchecoslováquia, o secretário geral do Partido Comunista, Rudolf Slanki, pediu ao Parlamento a supressão de todos os partidos, menos do seu, é claro... Nessa última semana desapareceram três grandes figuras do nosso meio artístico e jornalístico; o coreógrafo Yuco Lindberg, o jornalista teatrólogo Benjamim Lima e o cantor João Petra de Barros... O Congresso Sindical Norte-Americano reunido em Lima e que pretende agrupar quinze milhões de trabalhadores latino-americanos junto à American Federation of Labor — cujo primeiro ponto de programa é o combate ao comunismo — sofreu violenta campanha da Confederação Geral de Trabalhadores da Argentina, já por várias vezes acusada de fascista — Das duas uma: ou a AFL norte-americana não é apenas anti-comunista, ou a CGT argentina não é fascista... O senhor Correia e Castro, que "salvou" o crédito da União no Banco do Brasil, está fazendo falta em Belo Horizonte. A Prefeitura encerrou o ano de 1947 com um "deficit" de doze milhões de cruzeiros... Fora do cenário político, a mais sensacional notícia nos vem da circunspecta, ponderada, educadíssima Inglaterra. Vamos transcrever literalmente a notícia: — "Os soldados pretos do Exército norte-americano criaram um programa na Inglaterra e lá o deixaram: o dos mulatinhos. Não foram poucas as inglesas que se enamoraram dos sobrinhos negros de Tio Sam, sem se preocupar com as consequências. O resultado disso é a existência, atualmente, na Inglaterra de cerca de dez mil mulatinhos, segundo a estimativa de "Anti-Slavery Society". A situação desses pequeninos é lamentável porque são filhos ilegítimos, sendo que muitos até adúlteros. Os pais de numerosos deles não se interessaram pela sua sorte. Outros ainda, mesmo que tivessem pedido e conseguido tal permissão, não poderiam contratar matrimônio, porque as mães das crianças já eram casadas com brancos, que na época se achavam ausentes nos diversos teatros da luta." Como se vê, as inglesas não são tão frias como se apregoa... O major-brigadeiro Sá Earp, diretor geral do Ensino da Aeronáutica, denunciou grave "marmelada" nos exames de admissão à Escola de Aeronáutica, afirmando, entre outras coisas que o diretor do Curso Tuluí, major Paulo Lopes, que prepara alunos para esses exames, conhecia a matéria das provas que iriam se realizar. "Coincidentemente — continua o brigadeiro, as melhores provas foram feitas pelos alunos daquele curso"... Diz um vespertino de Salvador que o barbeiro Alfredo Nery de Almeida descobriu um preparado contra a calvície, cuja eficácia já foi constatada em inúmeros casos. Parabéns — se isto for verdade — ao novo Crespo balano... Os "comandos" da Prefeitura continuando uma das mais úteis campanhas que já se fez entre nós, descobriram que na Confeitaria Cavé vinte galinhas estavam mergulhadas em água sanitária, para que mais tarde — macias e fofinhas — pudessem ser vendidas como frangos... Parece que a liberdade de expressão existe mais na teoria do que na prática. Porque estava criticando a situação do país em um bonde da Praça da Bandeira, o ex-precinha Antonio Pereira da Silva, morador à rua Moraes e Vale, 30, foi preso no próprio veículo e por causa disso passou dezesseis dias no xadrez, incomunicável, tachado como "perigoso comunista". Nada foi encontrado em seu poder que servisse de base à acusação. A polícia do Distrito Federal inaugurou a Rádio-Patrolha, dez anos depois de existir tal serviço em São Paulo, — e, assim, descobriu uma ocupação útil para os atléticos rapazes da Polícia Especial. Vamos ver se os ladrões deixam a cidade em paz... Um engraçado procurou a Polícia e disse ter sido roubado, certa noite, em que fora ao Teatro Recreio. Nessa noite, o Teatro Recreio não funcionou, nem existia, no lugar dado, a residência do queixoso. Tudo o mais era mentira. Mas a polícia levou sete dias para descobrir que fora vítima de uma pilhéria. Por hoje, é só. Até sábado vindouro!

Os Sofrimentos das Mulheres

Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Esses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o domínio de seus nervos!



A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gestelra** sem demora.

Regulador Gestelra trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gestelra trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gestelra**

MENSAGENS DE BOAS-FESTAS

NOSSOS AGRADECIMENTOS

A Companhia Editora Americana e as Revistas — EU SEI TUDO, A CENA MUDA, ESPORTE ILUSTRADO e REVISTA DA SEMANA, agradecem e retribuem os votos de boas festas e feliz ano novo recebidos das seguintes pessoas e organizações comerciais: Companhia Paulista de Papéis e Artes Gráficas; J. C. Eno (Brasil) Ltd.; William Ewart McGregor; Arthur Meyer; S. A. Mercantil Anglo-Brasileira; Studart & Cia.; Waldemiro Freire de Castro; Mara Rubia; Anselmo Duarte; Wahyta Brasil; Bibi Ferreira; Club de Regatas Vasco da Gama; Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac); Cia. T. Janer; Record Propaganda Ltda.; Empresa de Transportes Campos; Bartholomeu Oliveira; Indústrias Neve Limitada; Empresa Elca Ltda.; J. Rasina; Linotipo do Brasil S. A.; Companhia Melhoramentos de São Paulo; Cavalcanti Junqueira S. A.; Rádio Mayrink Veiga-PRA-9; Murray, Simonsen & Cia. Ltda.; Agência de Publicidade Triângulo Ltda.; Martins Gomes & Cia. Ltda.; Casa Nunes (Móveis); Companhia Química Rhodia Brasileira; Sra. e Sr. Luis Serrano; J. M. Huber Corp.; Serviço de Radiodifusão Educativa da PRA-2; Nadir de Melo Couto; Ollivinha de Carvalho; Celso Guimarães; Cacilda Becker e Tito Fleury; Antonio Rodrigues dos Santos, de Sapucaia; Sociedade Anônima Magalhães, Comércio e Indústria; Companhia Lanston do Brasil, S. A.; Banco do Comércio S. A.; Bulkley, Dunton Paper Co., S. A.; Albino Mesquita & Cia.; Julio Siqueira & Cia. Ltda.; Mme. Campos; Liceu Literário Português; Dorival Hipólito Ferreira Pena; Herbert John Yates; Raúl Pederneras; Instituto Santa Rosa; Companhia Importadora Sueca Ltda.; Sul America Capitalização S. A.; Centro Carioca; Banco Português do Brasil, S. A.; "A Voz da Serra"; Diretoria da "Pro-Matre"; Sociedade dos Auxiliares da Imprensa; Alfredo Souza; Shell-Mex Brazil Limited; Cia. Radio Internacional do Brasil; Graficor Concentra Hartmann Irmãos S. A.; J. Walter Thompson Company do Brasil; Rádio Tupi PRG-3; Antonini & Cia. Ltda.; Empresa S. E. S. de Transportes Urgentes do Rio de Janeiro Ltda.; Walter Scabell & Cia. Ltda.; Empresa de Propaganda Sino S. A.; Dr. Mozart da Gama; Folha da Manhã e Folha da Noite, de S. Paulo; Empresa de Propaganda Poyares Ltda.; Agência Continental Ltda.; Distribuidora e Importadora Nacional de Filmes Ltda.; Polícia Militar do Distrito Federal; Casa Bruno, Mandarino, Papéis e Artes Gráficas Ltda.; Secretaria Geral do Ministério da Guerra; Indústrias de Tintas e Vernizes Cottomar Ltda.; Chimica Bayer Ltda.; Rolos Tipográficos Imperial Ltda.; Rádio Sociedade Guanabara Ltda. PRC-8; Eros Volusia; Luis Tito; Edson Lopes; Edgar Cardoso; Edouard Legris; Lidia Bastiani; Roberto Lyra Filho; Dr. Michel B. Kamenka; Irmãs Meireles; Revista "A Gaiola"; Mr. and Mrs. Cardoso Martins (Russo do Pandeiro); Martha e Paulo Sieran; Companhia Importadora Gráfica Arthur Sleviers; Bureau do Contribuinte S. A.; Distribuidora Magalhães; Produtos Químicos E. H. Wolff; Agência Sul Americana de Publicidade; Instituto de Fisiologia Aplicada; Latt & Cia. Ltda.; Empresa de Propaganda Standard Ltda.; Empresa Gráfica Ovidor S. A.; Empresa de Propaganda Lincoln Ltda.; Companhia de Seguros Minas-Brasil; Sra. Vitória David; Sr. Vito José L'Abbate; Sr. Antonio Poll; Sra. Nadir Pereira de Almeida; Associação Brasileira de Desenho; Panair do Brasil S. A.; Antenor Sanches; Antonio Annunziato; Tecnigráfica S. A.; Antonio Zambardino; Sr. Luis S. Miranda Sá; Esperanto Klub do Rio de Janeiro; Palladio Tupinambá; Diretoria de Aeronáutica Civil; Sr. E. Benjamim Rogers, da Embaixada do Canadá; Sr. Carlos W. Allsenis, de Montevideo e Conjunto Coreográfico Brasileiro.

OFICINA DE 1.º ORDEM AVIAM-SE RECEITAS MÉDICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ DE OURO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS

R. CARIOCA N.º 28

Foalheria

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

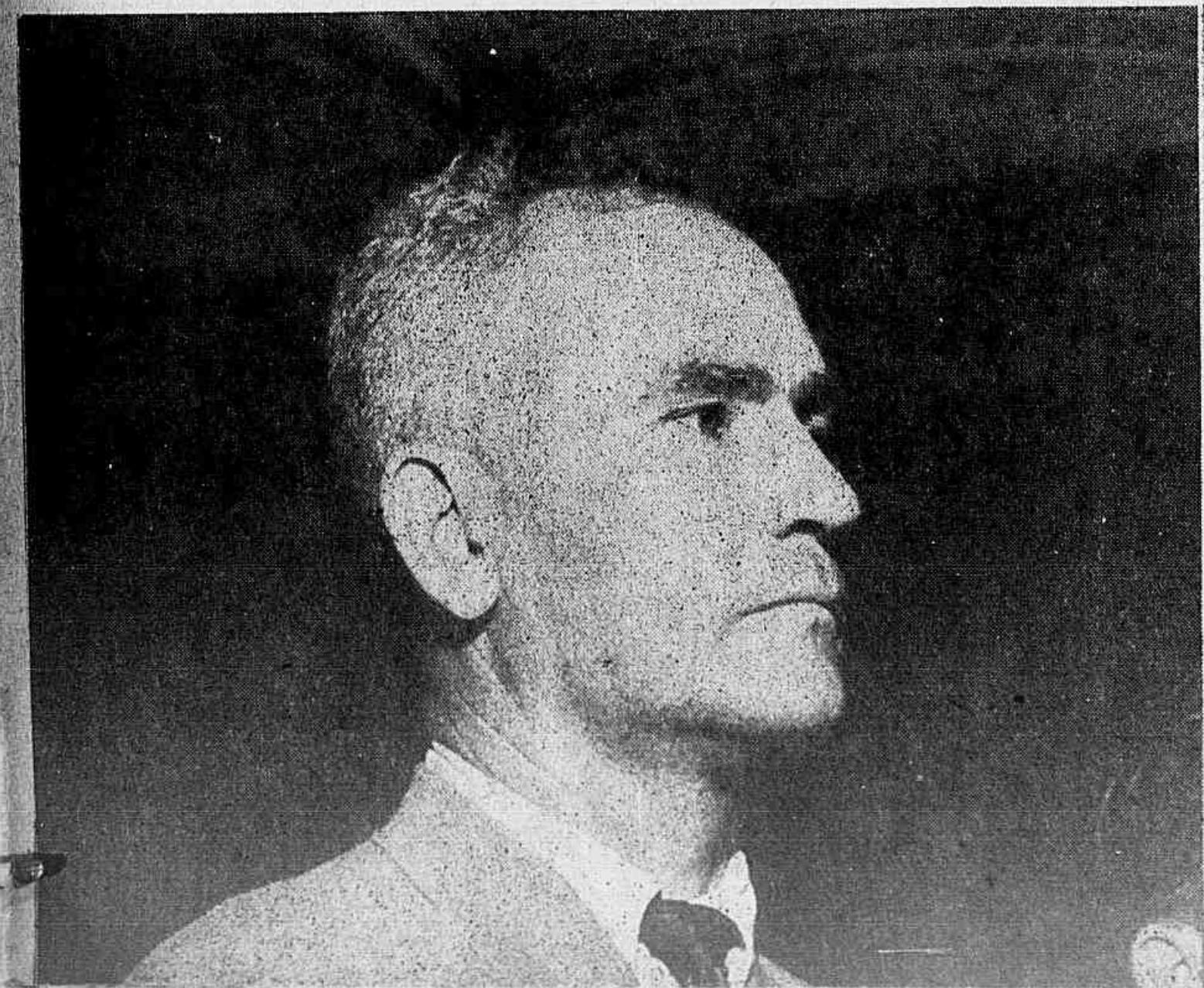
JÓIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES E ARTIGOS PARA PRESENTES



A esquerda: José Maria Crispim, paraense, eleito pela chapa paulista do P. C. B. para a Câmara Federal. A direita: Oswaldo Pacheco, filho do Estado de Sergipe e também eleito pelo PCB de São Paulo.



Em cima, à esquerda: Pedro Pomar, deputado comunista eleito pelo Partido Social Progressista, e Maurício Grabois, ex-líder da bancada do PCB. A direita: Alcedo Coutinho, eleito pela chapa comunista de Pernambuco. Em baixo, à esquerda: Gregório Bezerra, também eleito pelo PCB em Pernambuco. A direita: o escritor baiano Jorge Amado, deputado comunista por São Paulo.





Um flagrante do plenário da Câmara, vendo-se ao microfone o deputado pessedista Acurcio Torres, líder da maioria, e que comandou naquela casa do Congresso a batalha pela cassação dos mandatos dos comunistas. Ao seu lado, vêem-se, entre outros, os deputados udenistas Soares Filho e Prado Kelly (este, líder da minoria), que combateram veementemente a cassação, levantando dúvidas quanto à sua constitucionalidade. A esse propósito, cabe declarar que o Superior Tribunal Eleitoral, por quatro votos contra dois, admitiu esta constitucionalidade. Em seguida, as mesas da Câmara, Senado e outros órgãos declararam extintos os mandatos.

A BATALHA DA CASSAÇÃO DOS MANDATOS

UMA DECISÃO HISTÓRICA ABALA O PARLAMENTO BRASILEIRO — EXPULSÃO EM MASSA DOS REPRESENTANTES COMUNISTAS DOS ÓRGÃOS LEGISLATIVOS DO PAÍS — UMA QUESTÃO QUE PROVOCOU DIVISÕES DE OPINIÃO EM QUASE TODOS OS PARTIDOS POLÍTICOS — UM TEXTO DE LEI SANCIONADO QUASE À MEIA NOITE

Reportagem de DEMÓSTENES VARELA



Fotos de ARNALDO VIEIRA

Na semana passada, terminou a longa batalha da cassação dos mandatos, em torno da qual a imprensa gastou rios de tinta e toneladas de papel, escrevendo pró e contra a medida. Não se pode dizer, entretanto, que tenha havido surpresa no resultado final do longo embate político. E isto porque, sendo o projeto de cassação apresentado no Senado Federal pelo líder do P.S.D., em nome desse partido, que é o majoritário no Congresso Nacional e de cujo seio saiu o presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra, não se tinha dúvida quanto ao seu desfecho, — quaisquer que fossem as objeções surgidas de outras agremiações, a massa compacta das bancadas pessedistas bastaria para fazer passar o projeto. Foi isso, realmente, o que se deu, mas não deixa de ser interessante notar que a questão produziu desentendimentos e contradições no seio de quase todos os partidos políticos.

A UNIÃO DEMOCRÁTICA NACIONAL CONTRA O PROJETO

O projeto Ivo de Aquino — pois é esse ilustre senador catarinense o líder do P.S.D. no Senado Federal — começou a encontrar logo, na Câmara Alta, a oposição da União Democrática Nacional, cuja comissão executiva, em reuniões sucessivas, protestara contra o cancelamento do registro do Partido Comunista e, em seguida, contra a iniciativa da cassação dos mandatos. Coube ao senador Ferreira de Souza, líder udenista, impugnar o projeto Ivo de Aquino, numerado 900-A. E ele o fez sob o fundamento de sua inconstitucionalidade, — fundamento desprezado pelos senadores, que, por maioria, o aprovaram, enviando-o então à Câmara. Nessa casa, outros representantes udenistas e, em especial, o sr. Prado Kelly, líder da bancada do partido que teve o brigadeiro Eduardo Gomes como candidato à Presidência, se manifestaram com veemência contra o projeto. Mas foi de todo vão o trabalho do líder e de seus companheiros, — pois nem todos os udenistas se mantiveram fiéis à orientação geral do partido, pois o general Flores da Cunha e o coronel

Juracy Magalhães, aquele representante do Rio Grande do Sul e este representante da Bahia, furaram a decisão da U.D.N., votando pela cassação. A mesma coisa fizeram os srs. João Cleofas, Rafael Cincurá e outros.

O P.R. CONTRA E A FAVOR...

Vejam a atitude de outro partido: o Partido Republicano, com base no antigo P.R.M. — o Partido Republicano Mineiro — e presidido pelo ex-presidente da República, sr. Artur da Silva Bernardes. Vários deputados do P.R. votaram a favor do projeto Ivo de Aquino, seguindo a orientação do ex-presidente e hoje deputado Artur da Silva Bernardes. Mas outros votaram contra o projeto e a favor da continuação dos comunistas nos órgãos legislativos. Os que destoaram da linha partidária foram os srs. Lino Machado, do Maranhão (e oficial do Exército), Amando Fontes, de Sergipe, e Altino Arantes, de São Paulo, e o sr. Munhoz da Rocha, do Paraná. Assim, o P.R. também teve divergências de opinião em seu seio.

NO P.S.D. ACONTECEU A MESMA COISA

O P.S.D. esteve quase inteiramente unido em torno do projeto Ivo de Aquino. Não se esperava que no partido político oficial houvesse discrepâncias. Entretanto, houve, como em quase todos os outros. O sr. Agamenon Magalhães, que foi ministro do Trabalho e da Justiça e, por fim, interventor federal em Pernambuco, durante a ditadura Vargas, deu seu voto contra a cassação dos mandatos. Esse voto podia ser antecipado, em razão de sua atitude anterior, na Comissão de Justiça da Câmara, contra o projeto Ivo de Aquino. Outro voto discordante da maioria do P.S.D. foi o do sr. Barbosa Lima Sobrinho, candidato pessedista ao governo de Pernambuco, no qual assegura-se que, em breve, será empossado. Mas outro voto pessedista foi também colhido, — e este inesperado, — o do deputado Amaral Peixoto, genro do sr. Getúlio Vargas (que, como sempre, esteve ausente à votação) e antigo interventor no Estado de Rio. E, ainda, o sr. Osvaldo Lima...

NO P.T.B. FALTOU, IGUALMENTE, UNIDADE

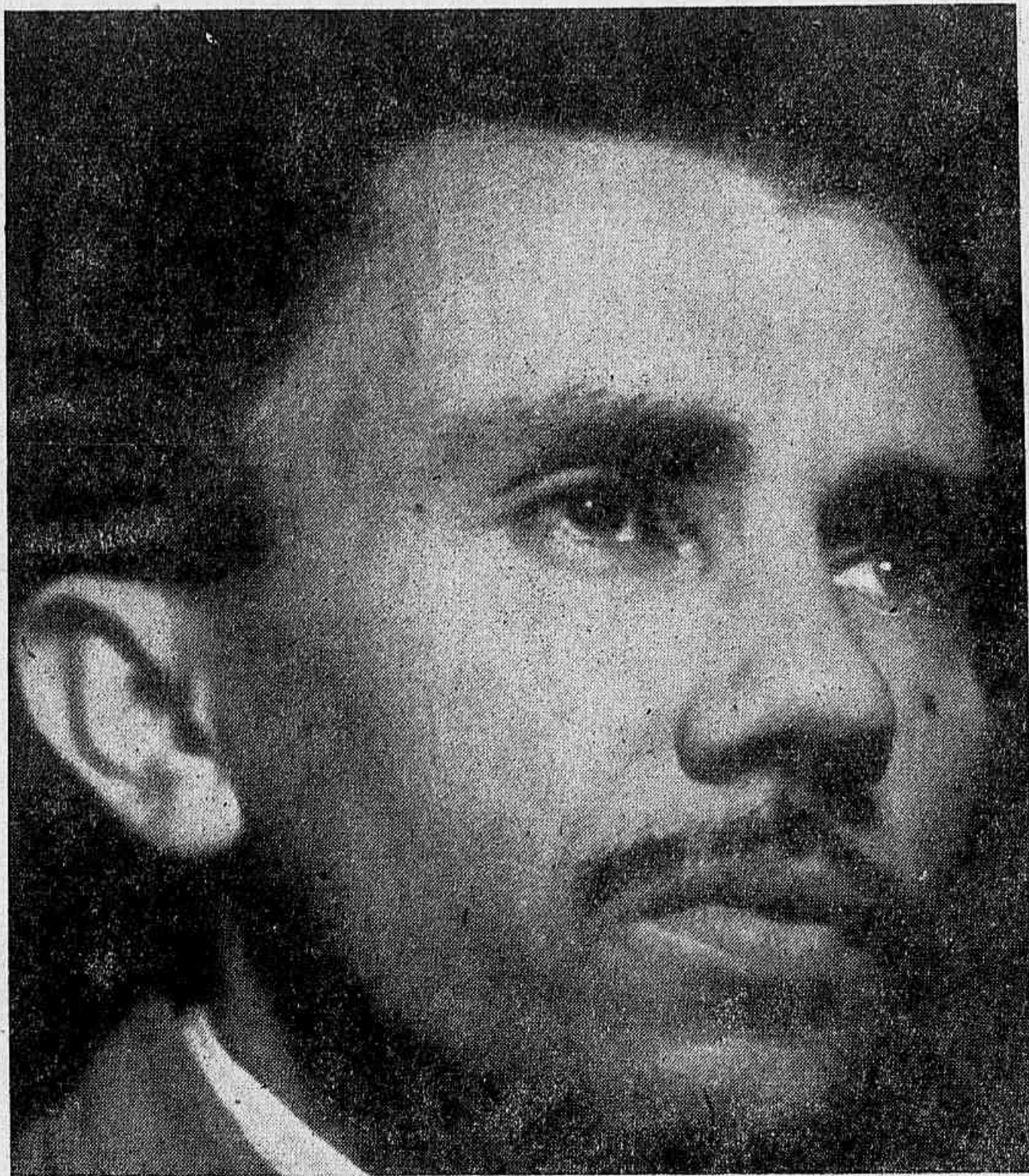
E o P.T.B.? Nele também faltou unidade. Aliás a bancada eleita sob a legenda do P.T.B. já se fracionou em várias bancadinhas, sob iniciais diversas. Nunca se sabe, ao certo, onde está a gente do P.T.B... Um dos primeiros deputados a votar, nesse partido, foi o sr. Gurgel do Amaral, que fez uma declaração de voto em nome do P.T.B... A declaração foi contra a cassação dos mandatos. Com ele votaram o sr. Vargas Neto, sobrinho do ex-ditador (que, como já dissemos, não se manifestou no Senado), e o sr. Segadas Vianna. Assim também votou o sr. Romeu de Flori. Mas os srs. Leopoldo Perez, Barreto Pinto, Lery Santos e outros, eleitos sob a mesma legenda, mas ausentes do partido, igualmente aprovaram o projeto Ivo de Aquino.

AS ÚNICAS BANCADAS IDENTIFICADAS COM UM SÓ PENSAMENTO

Só duas bancadas não se dividiram. Uma, a do Partido Socialista Brasileiro, — só de três membros, os srs. João Mangabeira, Hermes Lima e Domingos Velasco, — que votou solidária e unida contra o projeto Ivo de Aquino. Outra, a própria bancada expulsa do Congresso Nacional, a do Partido Comunista. Esta, pudera! — votou contra, mas inexplicavelmente vários dos seus elementos deixaram de comparecer à Câmara dos Deputados no dia da votação final.

169 VOTOS A FAVOR E 76 CONTRA, O «SCORE» FINAL

Os comunistas foram expulsos dos órgãos legislativos por 169 votos a favor do projeto Ivo de Aquino e 74 votos contra, — menos de metade da massa P.S.D.-P.R.-P.T.N.-P.S.T.-P.T.B.-U.D.N. que se congregou no campo vencedor. Por ocasião da votação, registraram-se vários incidentes anti-parlamentares: xingações, protestos, mãos fechadas, empurrões, etc. E' que os elementos mais pugna-



A esquerda: João Amazonas, paraense, foi eleito pelo Distrito Federal na chapa do PCB e foi o candidato mais votado da bancada carioca. A direita: Carlos Marighella, eleito pelo PCB na Bahia. Ambos não estiveram na Câmara, quando se travaram os últimos debates sobre a cassação dos mandatos dos parlamentares comunistas.

zes entre os comunistas — os srs. José Maria Crispim, Gregório Bezerra e outros — quiseram armar um sarilho, quase se pegando com os deputados Pereira da Silva e padre Arruda Câmara. Este, rubro de cólera, dizia:

— Você não é mais homem do que eu!

O revólver era do sr. Benedito Valadares, puxado em defesa do seu colega Pereira da Silva, mas guardado em estado virginal na cartucheira.

OS QUE VOTARAM A FAVOR DO PROJETO

Aqui está a relação de todos os que votaram a favor do projeto:

Carvalho Leal, Leopoldo Peres, Manuel Anunciação, Mourão Vieira, Pereira da Silva, Vivaldo Lima, Agos-

tinho Monteiro, Carlos Nogueira, Duarte de Oliveira, João Botelho, Lameira Bittencourt, Rocha Ribas, Virgínio Santa Rosa, Afonso Matos, Alarico Pacheco, Elizabeto de Carvalho, Freitas Diniz, Luis Carvalho, Odilon Soares, Areia Leão, Renault Leite, Teodoro Sobral, Alves Linhares, Edgard Arruda, Frota Gentil, Francisco Monte, João Adeodato, João Leal, José Borba, Leão Sampaio, Osvaldo Studart, Raul Barbosa, Dioclécio Duarte, José Arnaud, Mota Neto, Valfredo Gurgel, Argeniro Figueiredo, Janduí Carneiro, João Ursulo, José Jofily, Alde Sampaio, Arruda Câmara, Costa Pôrto, João Cleofas, Souza Leão, Afonso Carvalho, José Maria, Lauro Montenegro, Luis Silveira, Diniz Gonçalves, Graccho Cardoso, Aluisio de Castro, Aristides Milton, Cordeiro de Miranda, Eunápio de Queiroz, Fróis da Mota, José Jatobá,

Juraci Magalhães, Manuel Novais, Negreiros Falcão, Pacheco de Oliveira, Rafael Cincurá, Régis Pacheco, Rui Santos, Teodulo de Albuquerque, Vieira de Melo, Alvaro Castelo, Carlos Medeiros, Eurico Sales, Luis Cláudio, Barreto Pinto, Benjamin Farah, Jonas Corrêa, José Romero, Jurandir Pires, Acúrcio Tôres, Bastos Tavares, Carlos Pinto, Eduardo Duvivier, Heitor Collet, Migue! Couto Filho, Artur da Silva Bernardes, Augusto Viegas, Benedito Valadares, Bias Fortes, Carlos Luz, Celso Machado, Duque de Mesquita, Euvaldo Lodi, Faria Lobato, Felipe Balbi, Gustavo Capanema, Israel Pinheiro, Jaci Figueiredo, Joaquim Libânio, João Henrique, José Alkmin, Juscelino Kubitschek, Leopoldo Maciel, Leri Santos, Mário Brant, Milton Prates, Olinto Fonseca, Pedro Dutra, Rodrigues Pereira, Wellington Brandão, Ataliba Nogueira,

Os ex-deputados Alcedo Coutinho (à esquerda) e Claudino José da Silva escutam interessados as razões apresentadas na tribuna da Câmara pelo deputado Café Filho, do PSP, que defendeu ardorosamente os mandatos dos comunistas, sob a alegação de inconstitucionalidade do projeto 900-A.



Costa Neto, Emilio Carlos, Gofredo Teles, Honório Monteiro, Horácio Lafer, Hugo Borghi, José Armando, João Abdala, Machado Coelho, Romeu Lourenço, Sampaio Vidal, Caiado de Godói, Galeno Paranhos, Guilherme Xavier, Jales Machado, João de Abreu, Vasco dos Reis, Agriola de Barros, Argemiro Fialho, Martiniano Araujo, Pereira Mendes, Ponce de Arruda, Vandoni de Barros, Acir Guimarães, Aramis Ataíde, Fernando Flores, João Aguiar, Lauro Lopes, Munhoz de Melo, Aristides Largura, Hans Jordan, Joaquim Ramos, Orlando Brasil, Otacilio Costa, Roberto Grossembacher, Rogério Vieira, Tomaz Fontes, Antero Leivas, Artur Fischer, Batista Luzardo, Jayard Lima, Damaso Rocha, Daniel Faraco, Darci Gross, Flores da Cunha, Freitas e Castro, Glicério Alves, Herófilo Azambuja, Manuel Duarte, Mércio Teixeira, Osório Tuiuti, Osvaldo Vergara, Pedro Vergara, Souza Costa, Teodomiro Fonseca, Castelo Branco, Hugo Carneiro, Coaraci Nunes e Aluisio Ferreira.

OS QUE VOTARAM CONTRA O PROJETO

Responderam NÃO, negando aprovação ao projeto de cassação, os srs. deputados: Antenor Bogéa, Clepory Franco, Lino Machado, Antônio Corrêa, Coelho Rodrigues, José Cândido, Beni de Carvalho, Café Filho, José Augusto, Ernani Satiro, Plínio Lemos, Osmar de Aquino, Agamenon Magalhães, Agostinho Oliveira, Alcedo Coutinho, Barbosa Lima, Gregório Bezerra, Osvaldo Lima, Amando Fontes, Luis Garcia, João Mangabeira, Luis Lago, Nelson Carneiro, Ari Viana, Asdrubal Soares, Vieira de Resende, Baeta Neves, Benício Fontenelle, Francisco Gomes, Gurgel do Amaral, Hermes Lima, Maurício Grabois, Segadas Viana, Vargas Neto, Abelardo Mata, Amaral Peixoto, Brígido Tinoco, Claudino Silva, Getúlio Moura, Henrique Oest, José Leomil, Paulo Fernandes, Prado Kelly, Romão Junior, Soares Filho, Afonso Arinos, Alfredo Sá, Ezequiel Mendes, Gabriel Passos, José Esteves, Lahir Tostes, Lopes Cansado, Monteiro de Castro, Vasconcelos Costa, Altino Arantes, Aureliano Leite, Berto Condé, Batista Pereira, Cesar Costa, Antônio Feliciano, Campos Vergal, Franklin de Almeida, Gervásio Azevedo, Guaraci Silveira, José Crispim, Moraes Andrade, Osvaldo Pacheco, Pedro Pomar, Plínio Cavalcanti, Romeu de Fiori, Toledo Piza, Domingos Velasco, Dolor de Andrade, Munhoz da Rocha e Abílio Fernandes.

OS QUE NÃO COMPARECERAM

Não estiveram na histórica sessão da Câmara os seguintes deputados: Freitas Cavalcanti, Mário Gomes de Barros, Rui Palmeira, Aliomar Baleeiro, Carlos Marighela, Gilberto Valente, João Mendes, Luis Viana Filho, Crisanto Moreira da Rocha, Egberto Rodrigues, Gentil Barreira, Paulo Sarazate, Rui de Almeida, Licurgo Leite, Jarbas Maranhão, Epílogo de Campos, Ferreira Lima, Oscar Carneiro, Pessoa Guerra, Ulisses Lins, Ademar Rocha, Aluisio Alves, Raul Pila, Cirilo Júnior, José Alves Palma, Pedroso Júnior, Plínio Barreto, Paulo Nogueira Filho, Heribaldo Vieira, Euclides Figueiredo e Carlos de Lima Cavalcanti.

O TEXTO DEFINITIVO DA LEI DE CASSAÇÃO DOS MANDATOS — A JUSTIÇA ELEITORAL DECLARA-A «CONSTITUCIONAL»

No mesmo dia em que o projeto oriundo do Senado Federal foi votado na Câmara dos Deputados, o presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra, e o ministro da Justiça, sr. Adroaldo de Mesquita Costa, apuseram suas assinaturas ao texto da já então lei nº 211.

Sua redação é a seguinte:

«Lei nº 211, de 7 de janeiro de 1948. — Regula os casos de extinção de mandatos dos membros dos Corpos Legislativos da União, dos Estados, do Distrito Federal, dos Territórios e dos Municípios:

Art. 1º — Extingue-se o mandato dos membros dos Corpos Legislativos da União, dos Estados, do Distrito Federal, dos Territórios e dos Municípios, eleitos ou não sob legendas partidárias: a) pelo decurso de seu prazo; b) pela morte; c) pela renúncia expressa; d) pela sua perda nos casos dos §§ 1º e 2º do artigo 48, da Constituição Federal; e) pela cassação do registro do respectivo partido, quando incidir no § 13 do artigo 141, da Constituição Federal; f) pela perda dos direitos políticos.

Art. 2º — Nos casos das letras e e f do artigo 1º, as Mesas dos Corpos Legislativos, a que pertencerem os representantes, declararão extintos os mandatos.

Parágrafo único — Para esse fim, o órgão judiciário ou autoridade, que houver cassado o registro do partido ou declarado a perda dos direitos políticos dos representantes, levará o fato ao conhecimento das referidas Mesas, dentro de 48 horas contadas do trânsito em julgado da decisão ou da publicação do ato, e, quanto aos atos e decisões já existentes, da vigência desta lei.

Art. 3º — Nos outros casos do mesmo artigo 1º a declaração será feita nos termos do Regimento de cada Corpo Legislativo.

Art. 4º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação; revogadas as disposições em contrário.»

No dia 9 do corrente, a Justiça Eleitoral, por quatro votos contra dois, em seu órgão supremo, reconheceu a constitucionalidade da lei, afastando, assim, a principal objeção dos que a combateram no Congresso, — a preliminar da inconstitucionalidade.

OS COMUNISTAS PERDERAM UM SENADOR, QUATORZE DEPUTADOS E 18 VEREADORES NO DISTRITO FEDERAL

Com a aprovação da lei acima, perderam seus mandatos 76 representantes comunistas, em todo o país, — no Senado Federal, na Câmara dos Vereadores, na Câmara Legislativa do Distrito Federal, nas Assembléias Legis-



Um flagrante das agitadas horas que a Câmara viveu no dia 7 próximo passado. Os ex-deputados comunistas Agostinho Dias de Oliveira (à esquerda), Maurício Grabois e José Maria Crispim apartelam violentamente o líder da maioria, deputado Acurcio Torres, que trabalhou com afincio em prol da cassação.

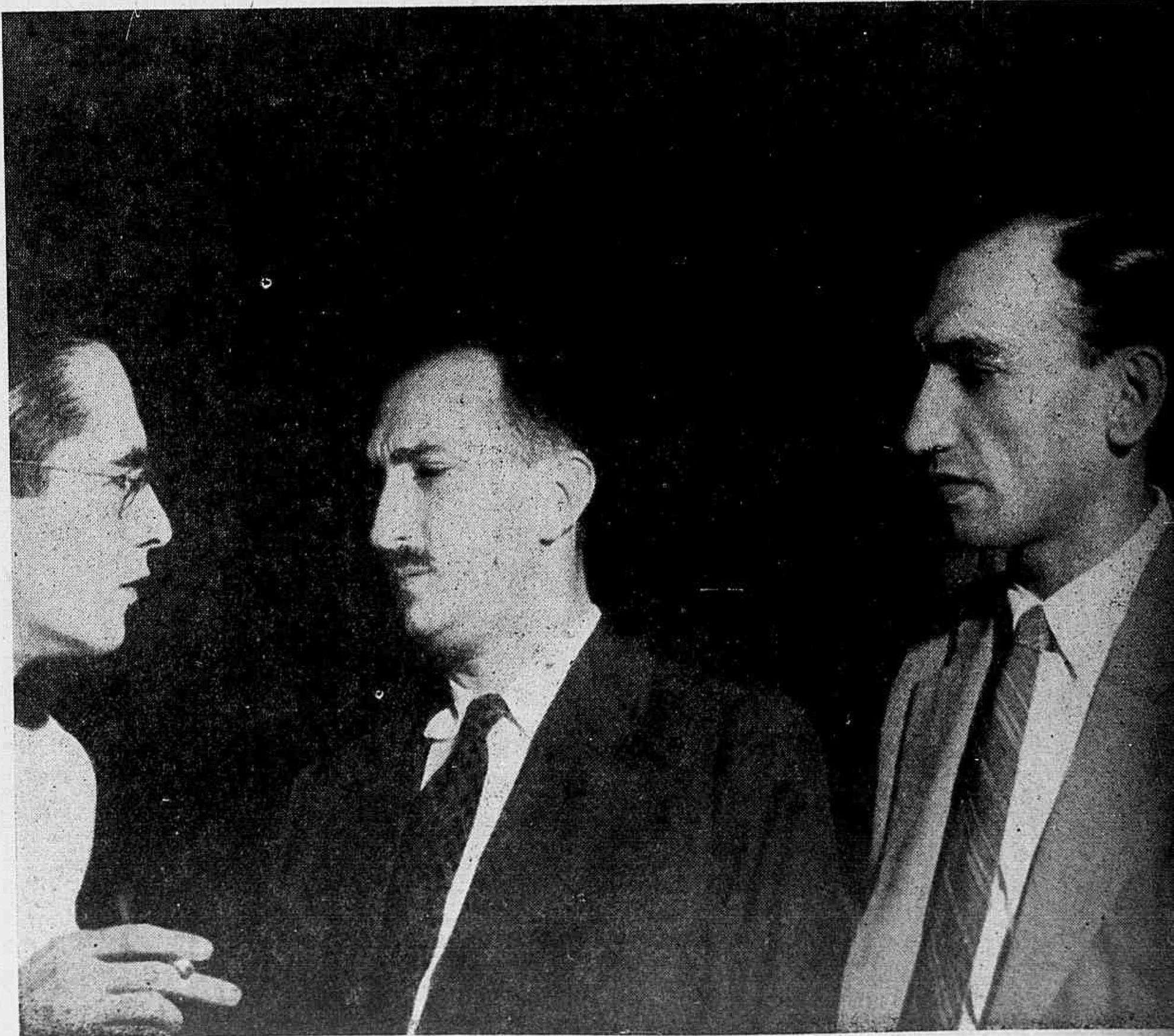
lativas Estaduais. As Mesas das casas legislativas coube providenciar a eliminação daqueles elementos.

As expulsões são as seguintes:

Em Pernambuco são nove os representantes. A Assembléia do Pará possui um elemento comunista. A da Paraíba também um. Em Alagoas, três. Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Minas e Paraná, possuem um deputado comunista cada qual; Mato Grosso e Goiás, dois; São Paulo, onze; Rio de Janeiro, seis, e Rio Grande do Sul, três.

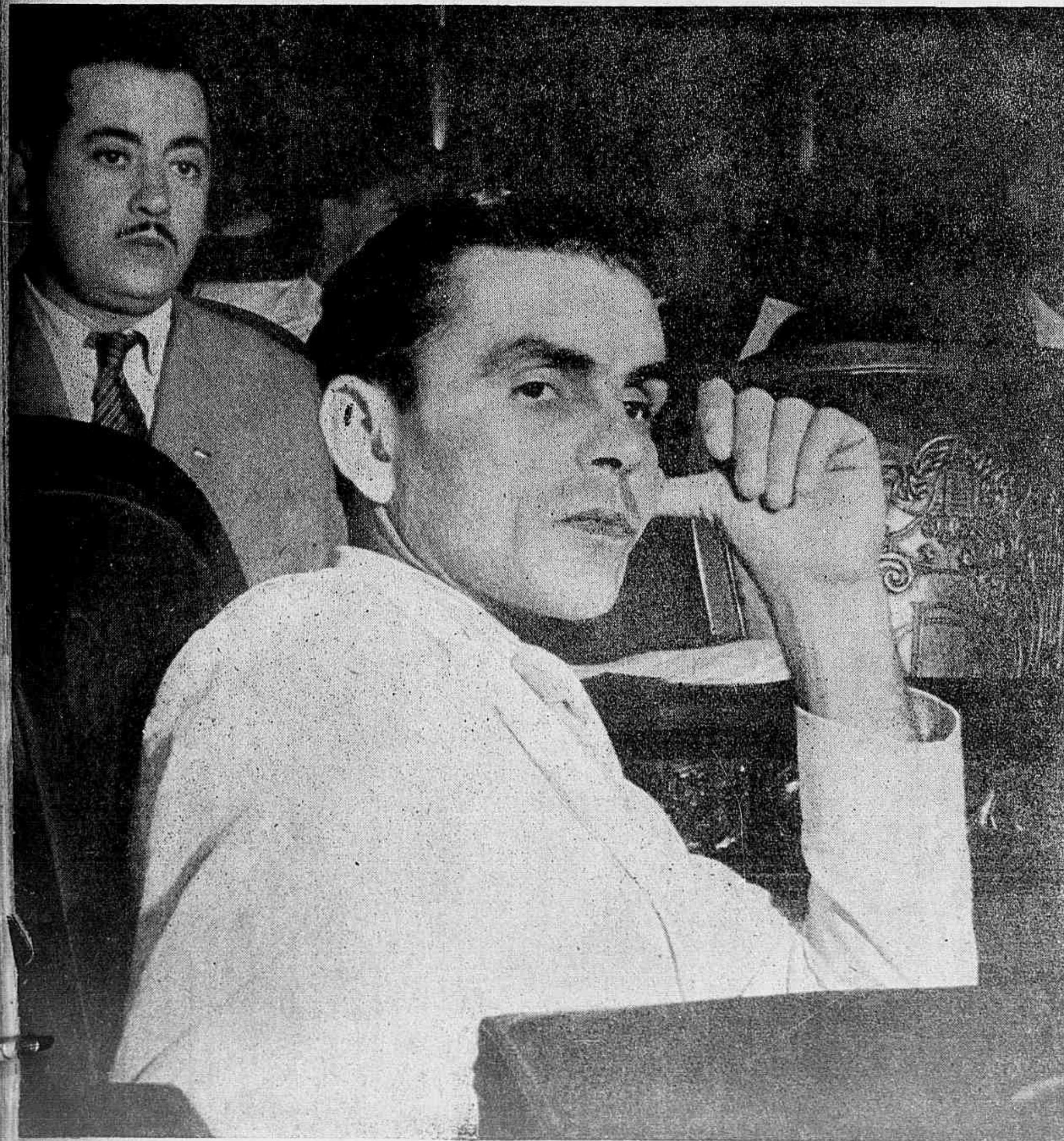
Na Câmara do Distrito Federal existem 18 vereadores (a bancada vermelha é majoritária): srs. Amarílio de Vasconcelos, Agildo Barata, Aparício Torelly, Arlindo Pinho, João Massena Melo, Joaquim Rego, Otávio Brandão, Ari Rodrigues, Bacelar Couto, Carvalho Braga, Coelho Filho, Hermes de Caires, Iguatemi Ramos, Joaquim Barroso, Carlos Fernandes e o suplente do sr. Campos da Paz; e sras. Arcelina Mochel, Lia Corrêa Dutra e Odília Schmidt.

O líder da bancada comunista, deputado Mauricio Grabois (ao centro), tendo à sua esquerda o deputado Osvaldo Pacheco conversa com um parlamentar durante um dos poucos momentos serenos da histórica sessão de 7 de fevereiro de 1948, de que resultou o alijamento do senador, deputados e vereadores comunistas.





Em cima: O senador Luis Carlos Prestes, secretário-geral do extinto PCB, num flagrante tomado quando ocupava no Senado, a cadeira que acaba de perder. Em baixo: expectativa e descrença era o que já se lia nos olhos dos representantes comunistas Gervásio de Azevedo e Francisco Gomes, durante a histórica sessão do dia 7 de janeiro.



QUANTO CUSTOU A NAÇÃO A REPRESENTAÇÃO COMUNISTA NO CONGRESSO NACIONAL

Cada deputado ganhou:	
em 1946	Cr\$ 186.000,00
em 1947	Cr\$ 195.000,00
de ajuda de custo	Cr\$ 9.000,00
Total	Cr\$ 390.000,00
Cr\$ 390.000,00 x 14 (nº de deputados)	Cr\$ 5.860.000,00
Incluindo-se o que recebeu o senador Prestes em dois anos e mais a sua ajuda de custo ..	Cr\$ 399.000,00
Total	Cr\$ 6.259.000,00

Os quatorze deputados comunistas eram: Henrique Oest, Gervásio de Azevedo, Maurício Grabois, Carlos Marighella, João Amazonas, Agostinho Dias de Oliveira, José Maria Crispim, Alcedo Coutinho, Gregório Lourenço Bezerra, Jorge Amado, Claudino José da Silva, Abílio Fernandes, Osvaldo Pacheco da Silva e Francisco Gomes.

São também deputados comunistas os srs. Pedro Pomar e Diógenes Arruda Câmara. Esses, entretanto, não perderam os mandatos, porque foram eleitos pelo Partido Social Progressista, o partido do sr. Ademar de Barros, que fez coalizão com os comunistas de São Paulo para fortalecimento de sua candidatura à governadoria paulista. Esses dois ficarão sendo uma espécie de cabeça de ponte — como frisou o deputado Café Filho — do P.C.B. dentro da Câmara. Essa cassação parcial não deixa de tornar um tanto inútil o decreto, pois este não conseguiu, de início, cumprir a sua finalidade, que era despejar todos os deputados comunistas do Parlamento Nacional.

BIOGRAFIA DOS PARLAMENTARES ALIJADOS DO CONGRESSO NACIONAL

Aqui vai a biografia sucinta dos parlamentares alijados do Congresso Nacional:

Luis Carlos Prestes — Natural do Rio Grande do Sul, contando cinquenta anos de idade. Ex-capitão do Exército Nacional. Envolveu-se no movimento revolucionário de 1922. Em 1924, participou de novo movimento revolucionário, chefiando então a Coluna Prestes, como comandante de um grupo de que faziam parte João Alberto, Filinto Muller, Siqueira Campos e outros. Depois de 1930, tendo aderido ao comunismo, rejeitou a anistia e começou a atividade subterrânea, de que resultou a revolução fracassada em 1935. Prêso no Rio, no subúrbio em que se escondera, foi processado, julgado e condenado pelo Tribunal de Segurança Nacional, sob várias acusações, entre as quais a de ser o responsável pela morte da menor Elza Fernandes, apelidada a «Garota». Anistiado, ao fim da guerra, no ano de 1945, organizou o Partido Comunista, lançou o jornal «Tribuna Popular» e se fez eleger senador, pelo Distrito Federal. Foi membro do Komintern e viveu durante vários anos na Rússia, em companhia de toda a sua família. Sua esposa, Olga Benário, foi deportada para a Alemanha, em estado de adiantada gravidez, morrendo em um dos campos de concentração da Gestapo, mas salvando-se a criança, que hoje vive no Brasil.

Henrique Oest — Major do Exército, da arma de infantaria, pertence ao Estado Maior do Exército, esteve com a F.E.B. na Itália, tendo participado das forças que obrigaram a rendição da 148ª Divisão Blindada Alemã e de duas divisões italianas quase completas. Foi convocado na vaga de Alcides Rodrigues Sabença, tendo participado na Câmara da Comissão de Amparo aos Ex-Combatentes.

Gervásio de Azevedo — Substituiu na Câmara o seu colega de bancada Milton Caires de Brito. Ex-sargento do Exército, pertenceu à F.E.B. e ainda estava na Itália quando foi escolhido para candidato pelo P.C.B. Já estava eleito quando foi escolhido para secretário geral da Juventude Comunista, sendo um dos seus fundadores. Natural de Valença, Estado do Rio, tornou-se representante do povo paulista quando substituiu o líder do P.C.B. na Assembleia Legislativa de São Paulo. Gervásio de Azevedo e Henrique Oest eram os únicos membros da F.E.B. no Parlamento.

Maurício Grabois — Natural da Bahia, ingressando em 1932, com vinte anos, na Juventude Comunista. Em 1934 foi encarregado da agitação e propaganda da Federação da Juventude Comunista do Brasil. Veio residir no Rio, onde por várias vezes escapou de ser preso por motivos políticos. Foi encarregado em 1939 de intensificar o comunismo em Minas e ali foi preso em 1941. Foi solto e novamente condenado, desta vez pelo Tribunal de Segurança, conseguindo nova liberdade em 1942. Foi um dos organizadores da Conferência Nacional do Partido Comunista em 1943, foi membro da Comissão Executiva do P.C.B., secretário nacional de Divulgação e por fim secretário nacional de Massas e Eleitoral. Bateu-se na Câmara pela autonomia dos municípios e revidou às acusações do «Livro Azul» do Departamento de Estado dos Estados Unidos quanto à posição do Partido Comunista Brasileiro. Com a ida de Luis Carlos Prestes para o Senado, foi eleito líder da bancada comunista na Câmara dos Deputados.

Carlos Marighella — Eleito pela Bahia, seu Estado natal. Desde os seus primeiros anos de estudante da Escola Politécnica do Salvador mostrou-se ardoroso comunista. Em 1936, quando era chefe de Polícia o atual senador Filinto Muller, foi preso. Voltou à liberdade para ser novamente preso em 1939 e esteve nas prisões de Fernando Noronha e Ilha Grande, só recuperando a liberdade em 1945, com a anistia. Membro do Comitê Nacional do Partido Comunista desde 1943, quando ainda estava preso. Na Assembleia Constituinte foi o 2º suplente de secretário e, entre outras coisas, protestou contra a intervenção do Ministério do Trabalho no Sindicato dos Bancários.



A esquerda: Abílio Fernandes, eleito na chapa comunista do Rio Grande do Sul, e Gervásio de Azevedo, suplente de Milton Calres de Brito, quando faziam parte da Mesa da Câmara Federal, representando o partido extinto por decisão do Superior Tribunal Eleitoral. Seus mandatos foram cassados pelo Congresso Nacional.

rios. Depois de promulgada a Constituição, em setembro de 1946, participou da Comissão de Finanças e dos trabalhos do plenário. Não esteve nos últimos dias na Câmara, quando se ultimavam os trabalhos para a cassação dos mandatos.

João Amazonas — Natural do Pará. Prêso inúmeras vezes e também condenado pelo Tribunal de Segurança. Fundou e dirigiu vários sindicatos no seu Estado natal. Prêso no Pará em 1940, conseguiu evadir-se e viajou incógnito até o Rio. Viajou depois por vários Estados do sul em missão do partido. Foi eleito deputado pelo Distrito Federal, sendo o mais votado na bancada carioca. Foi candidato do P.C.B. à terceira senatoria pelo Distrito Federal.

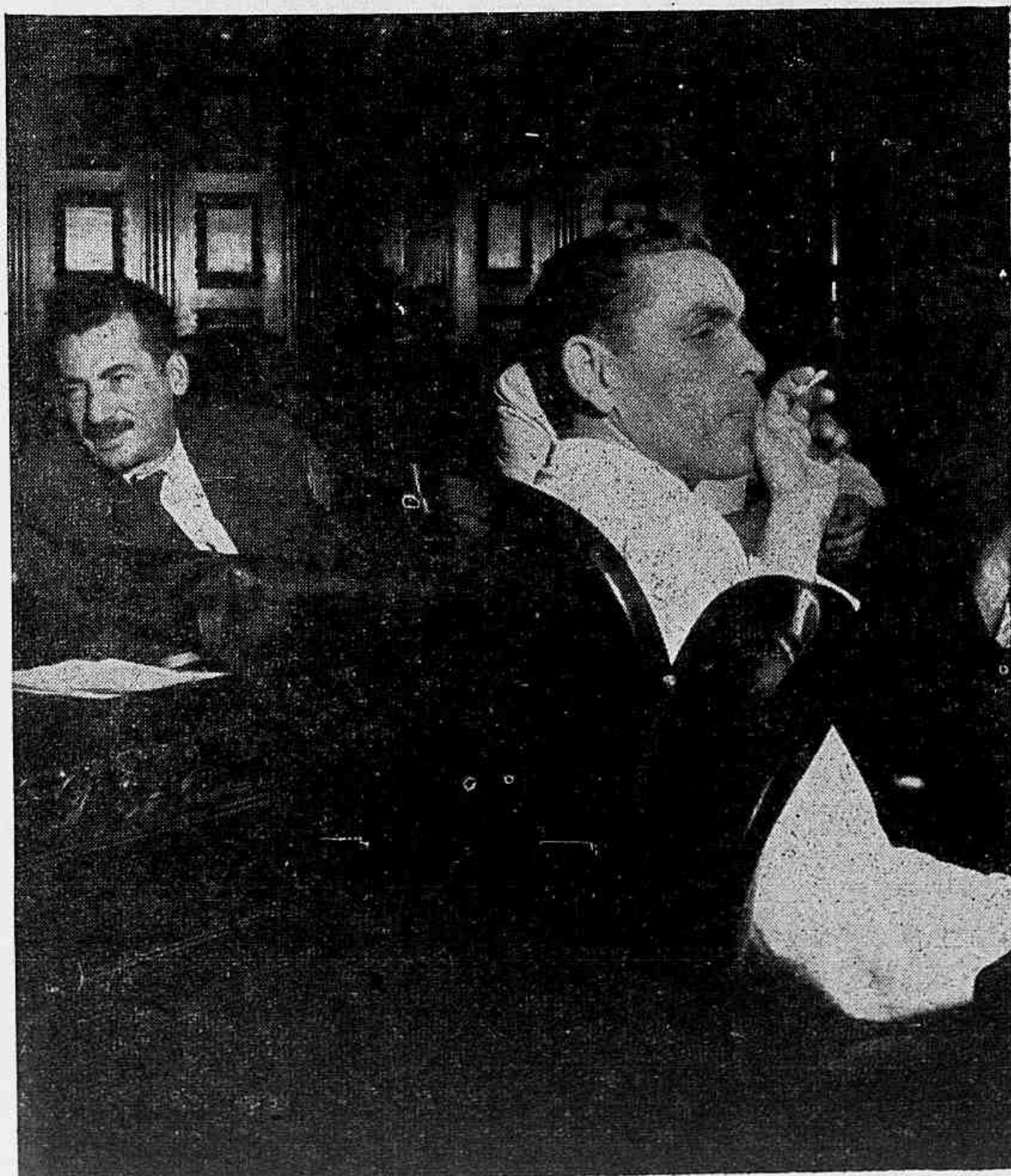
Agostinho Dias de Oliveira — Filho de Pernambuco, onde foi líder dos ferroviários comunistas. Filho de um mecânico, abraçou a profissão paterna aos quatorze anos de idade, trabalhando na Usina Santa Rita e depois nas obras do porto de Cabedelo e mais tarde, como caldeireiro, passou para a Great Western, onde lutou por diversas reivindicações para sua classe. Foi prêso por motivos políticos em 1923, e mais tarde em 1935, 1936 e 1937. Deportado para o Pará, foi prêso novamente aí em 1940, conseguindo fugir após quatorze meses de reclusão. Eleito em 2 de dezembro pelo seu Estado, bateu-se no Parlamento pelo direito de greve.

José Maria Crispim — Nasceu no Pará, filho de uma família cearense, começou a trabalhar aos doze anos, como

ajudante de pedreiro e, mais tarde, lavador de vidros, aprendiz de alfaiate e comerciário. Entrando para o Exército, alcançou o posto de sargento. Em 1935 entrou para o partido e no golpe comunista desse ano foi prêso juntamente com outros companheiros do antigo 3º R. I. Pôsto em liberdade um ano e três meses após, seguiu para São Paulo e com nome trocado trabalhou em uma fábrica, sempre pregando as idéias do partido. Foi prêso novamente em 1941 pela polícia de Filinto Muller, espancado e enviado para o presídio da Ilha Grande, onde ficou até 1945, por ocasião da anistia. Foi prêso, novamente, várias vezes, em 1945, mesmo depois da legalidade do partido. Foi eleito na chapa comunista de São Paulo.

(Cont. na pág. 56)

A esquerda: flagrante de parte da bancada comunista, vendo-se os ex-deputados Jorge Amado e Francisco Gomes. A direita: o deputado comunista Pedro Pomar, eleito na chapa do Partido Social Progressista, e que por isso não perderá o mandato. Ele e Diógenes de Arruda Câmara, também eleito pelo PSP, continuam ainda como porta vozes de um partido que já foi fechado e de uma bancada que já foi extinta. Pedro Pomar é, também, diretor de "A Tribuna Popular".





MAL seu Fidelis chegou à vila com os seus trastes, a mala grande que havia sido de seu avô, quando se divertia mascateando pelos corredores de Alegrete e Rosário, os arreios também velhos, panelas escuras do tempo em que Fidelis carreteava para São Sape, e mais uma velha picareta que nem ele mesmo sabia como viera para o seu poder nem qual a serventia que poderia ter para ele, logo o pessoal, que gostava de se preocupar com a vida dos outros, começou a visitá-lo.

Cidade pequena é assim. Mal chega um vivente, todos se alvoroçam e comentam a chegada como se comentava uma calamidade ou uma bênção. A chegada do doutor Amândio foi uma bênção, que ele dava o que falar para as velhas comadres e para as moças que estavam no ponto de casar. Não que ele fizesse alguma coisa de mal. Os seus "maus modos" e a sua "falta de vergonha" como diziam as comadres, vinham do fato de Amândio não gostar de visitas e nem de namoros. Dona Zenóbia, então, falava dele que era uma tristeza! Comentava aquela mania de visitar o pobrerio e repartir roupa nos ranchos, como se ele, ainda assim, estivesse cometendo um crime monstruoso.

Até que um dia dona Zenóbia cansou de falar do doutor, porque o assunto já estava muito batido e não havia formas de renová-lo, e porque o doutor não dava escândalos e aceitava os queijos de porco e os sacos de milho verde com um cortês "muito agradecido". Sua vida era a mesma do dia da chegada e por

mais que a Zenóbia o vigiasse não conseguia motivos para contar novidades da vida do doutor Amândio. Talvez fosse por isso que ela andava sentindo dores, se queixando do coração, dos pés, dos olhos, enfim, do corpo inteiro. Falava-lhe assunto para as conversar. Estava precisando de gente nova na vila para encher a vida com um pouco de atividade e esquecer o corpo dolorido. Enquanto não chegasse alguém para distraí-la, seria a mesma velha rabugenta e cheia de partes.

Foi quando dona Zenóbia estava mais doente que nunca, que chegou o seu Fidelis, com o seu baú e as suas coisas velhas.

É costume, em cidade pequena, onde o único movimento é o da estação, uma vez por dia, quando passar o trem e para por uns minutos, o pessoal vestir a melhor roupa e caminhar de lá para cá sobre o cimento que faz da calçada na frente da casa cinzenta e pequena da estação. As moças que se divertem comentando os passageiros, bonitos ou feios, que espicham o pescoço e põem a cabeça para fora da janelinha, comentando, por sua vez, o horror da cidadezinha, a esquisitice das roupas e daquela passeio, quase à hora do almoço. As velhas falavam de tudo e de todos, aproveitando os poucos minutos para se munirem de assunto para falar durante o dia e o serão, mas o que preocupava dona Zenóbia, todos os dias, à chegada do trem, não era a cara dos moços, nem a roupa das moças, e sim quem ia descer na vila. Espichava o pescoço gordo e curto, como era todo

o seu corpo, e lançava olhares para todos os lados, em busca de quem fosse ficar. O sino da estação batia, as conversas se avolumavam para depois cessarem por completo ficando só a risada ríspida das mocinhas ou a fala rouca das velhas, e a estação ia aos poucos se esvaziando. Ninguém descera! E dona Zenóbia voltava para casa com uma dor por dentro. "Quem sabe, amanhã?" E ela tornava a voltar para a estação quando o trem apitava ao longe, soltando rolos de fumaça dentro da paisagem quieta.

Um dia, quando dona Zenóbia já estava perdendo a esperança, começou a sair do trem o baú velho e enorme do seu Fidelis. Dona Zenóbia teve um suspiro de alívio e um sorriso beatífico de felicidade. Só faltou correr e abraçar o velho que saltara na estação. Logo ao primeiro golpe de vista sofreu uma pequena desilusão, porque com seus olhos avalladores logo viu que daquela carcaça ia sair muito pouco assunto para os seus serões e para entreter as visitas. Mas assim mesmo voltou contente para casa, caminhando com a maior rapidez que o corpo gordo e as pernas curtas lhe permitiam. A primeira coisa que assombrou o pessoal de sua casa foi, chegar e não gritar com ninguém, nem mesmo com o cachorro pulguento que dormia sobre a sua cadeira estufada. Chegou e já correu para a despensa, atrás de alguma coisa com que obsequiar o recém-chegado. Enquanto a empregada arrumava tudo numa cesta, ele saiu a caminhar pela vila, avisando ao pessoal a última novidade e ao mesmo

tempo indagando o lugar para onde o velho fora.

★

Seu Fidelis, pacato como era, acostumado com o sossego do campo onde ninguém se mete na vida da gente quando não se quer, começou a assustar-se com as visitas que foram chegando, trazendo presentes de toda espécie e indagando o que podiam, porque todas as velhas faziam questão de um dia poderem dizer que sabiam mais novidades que a dona Zenóbia. No dia em que alguém tirasse da Zenóbia o título de "maior sabichona" de certo haveria na vila uma festa onde até o prefeito ia dansar.

Logo de manhã cedo chegou a Zenóbia, com um cesto de coisas. Foi a primeira a chegar e a última a sair, já de noitinha. Até chamou a empregada para varrer a casa do seu Fidelis, que só tinha duas salas e um quatinho que fazia de cozinha.

— E os seus móveis?

Seu Fidelis ficou confuso.

— Que?... que móveis, dona?

— Ora... a cama, o guarda-roupa a mobília para a sala... tudo isso! O senhor acha que uma casa pode ter nome de casa, se é vazia?

— Mas... se eu nunca tive isso na minha vida!

— Como? Como? — dona Zenóbia sufocava de incredulidade e de espanto.

— Pois é, dona. Me criei em cima dum perêgo, noite e dia, e acho que agora, depois de velho, não poderia me acostumar a dormir numa cama nem que me pagassem. A senhora sabe como são essas coisas. A gente pega costume, que parece que até depois de morto a gente vai estranhar o caixão.

Dona Zenóbia se benzeu depressa.

— Não me fale em morte, senhor Fidelis! É uma imelicadeza o senhor falar nisso perto de mim, que estou tão moça!

— Me desculpe! Não sabia, dona!

... ..
Dona Zenóbia passou meses falando na ignorância, na estupidez e na pobreza do seu Fidelis, que ela havia imaginado que fosse um estancieiro rico, mas o velho ignorava tudo isso. Continuava na sua vida quieta de campanha, socegado, pensando enquanto fumava um cigarro de palha, com fumo picado por ele mesmo. A única coisa que estranjava era não ter um humeado para conversar com ele, que mulheres havia às vezes, todos os dias, a qualquer hora. Dona Zenóbia, então, era inatível! De manhã mandava perguntar se havia passado bem a noite e a tarde, a empregada chegava com o recado de sempre:

— A Dona Zenóbia manda perguntar se o senhor não se resolveu a aceitar a cama que ela tem em casa. Ela manda dizer que pode li dar um reumatismo de dormir em cima dos arreios.

— Não. Gracias. Eu quero morrer em cima dos meus arreios como vivi sempre, até dormindo. Cama é prá gente fina, não prá mim, que me criei em cima das mocegas.



A empregadinha saía horrorizada, se benzendo com o mesmo gesto rápido da patroa.

Foi em uma dessas vezes, quando o Fidelis estava na porta, falando e gesticulando para a empregada magricela da Zenóbia, que conheceu o "cumpadre". Era um seu vizinho, mas nunca lhe havia feito visita nenhuma. O homem cumprimentou e o Fidelis respondeu, todo contente, que já estava cansado com tanta mulher a bater na porta da casa, indagando uma coisa e outra, enchendo a cozinha de compota de laranja e de pão de milho, duas coisas

de que ele não gostava. Convidou o vizinho para tomar um chimarrão e ele aceitou. Conversaram até cansar e no fim já se tratavam de compadres.

A vida de Fidelis era a mais sossegada possível; tão sossegada que ele sentia uma saudade maluca do tempo em que andava entreverado com os bois num rodeio ou quando laçava rézes nas marcações. E foi tanta a saudade da querência que, de um dia para outro, resolveu ir embora da vila.

— Me vô, cumpadre, que já não hay geito de aguentá isso! O povo é um in-

ferno! Ninguém faz nada prá ninguém, não há aquelas festas que havia no meu rincão, não há tropereada, não há pença, não há nada! A gente é capaz de morrer de enjôo! A única coisa que tá me preocupando é o porco que me deram.

— Ah! Li deram um porco? — perguntou o compadre, cheio de espanto, como coisa que ele não tivesse visto por cima do muro o seu Fidelis alimentando o porco com os quitutes da dona Zenóbia.

— Pois foi. Imagine que gente boa, essa! Nunca fiz nada de bom prá eles e eles vivem me dando presente. Não

vê o porco? Presente também, mas eu não sei o que é que vou fazer com ele. Acho melhor matar e repartir com o pessoal que me presenteou nesse tempo em que estive aqui na vila.

— Mas é muita gente, compadre! Eu acho que não val dar para todos e no fim até o senhor não vai provar nem um pedaço.

— Pois é... eu já pensei nisso! Mas também, levar o porco daqui e não dar presente prá ninguém, é coisa de mal-
agradecido.

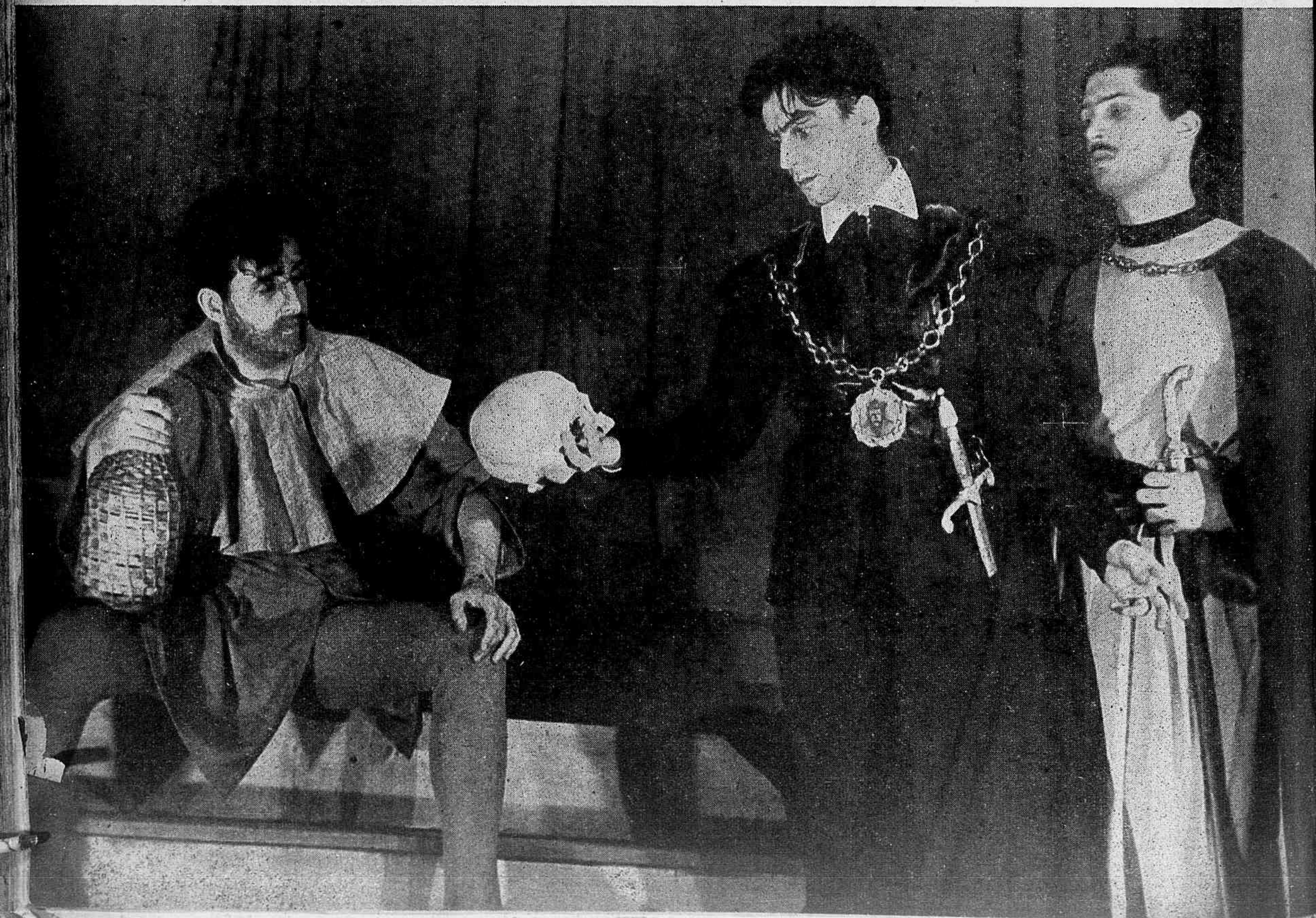
(Cont. na pág. 50)

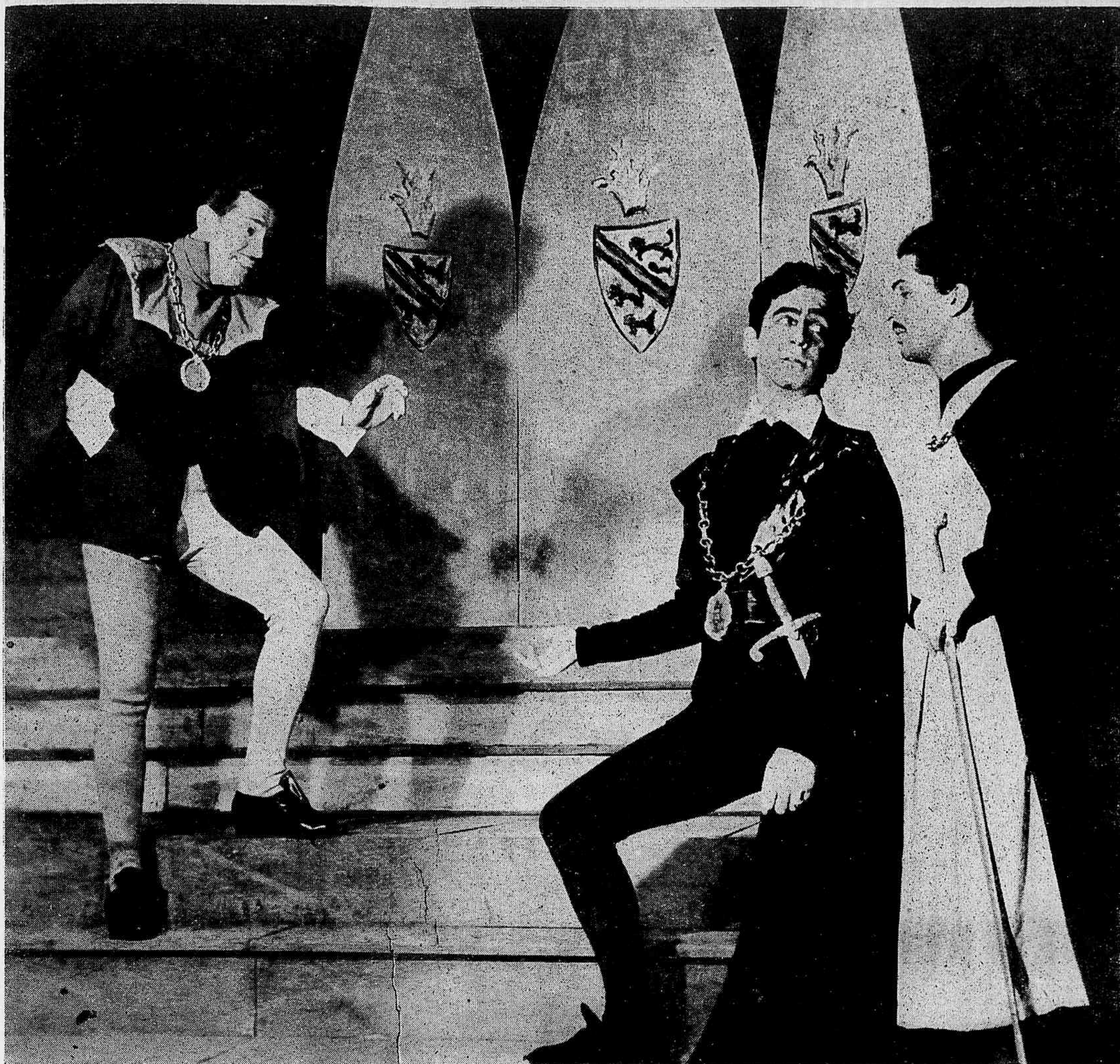


Armando Moura



Em cima: Hamlet, — Sérgio Cardoso, — descansa a cabeça no colo de Ofélia — Marla Fernanda Melrelles. Em baixo: Hamlet (Sérgio Cardoso) dialoga com o primeiro coveiro sobre o crânio de Yorick, o bobo da corte, diante do fiel Horatio (Sérgio de Brito). A apresentação da tragédia de Shakespeare pelo Teatro do Estudante do Brasil constituiu um dos mais arrojados empreendimentos artísticos levados a efeito no nosso país nos últimos dias.





Em cima: Osríc, interpretado por Ambrósio Fregolente, traz no último ato uma mensagem do rei a Ham. l, para que este se bata em duelo com Laertes. Ao lado de Sérgio Cardoso (Hamlet), está Sérgio de Brito (Horatio). Em baixo: Sérgio Cardoso (Hamlet), em uma de suas crises de profunda melancolia.

A NOVA E AUDACIOSA INICIATIVA DO TEATRO DO ESTUDANTE DO BRASIL

A APRESENTAÇÃO DE "HAMLET", DE SHAKESPEARE, NO FÊNIX, PELO
ELENCO DE AMADORES DE PASCOAL CARLOS MAGNO

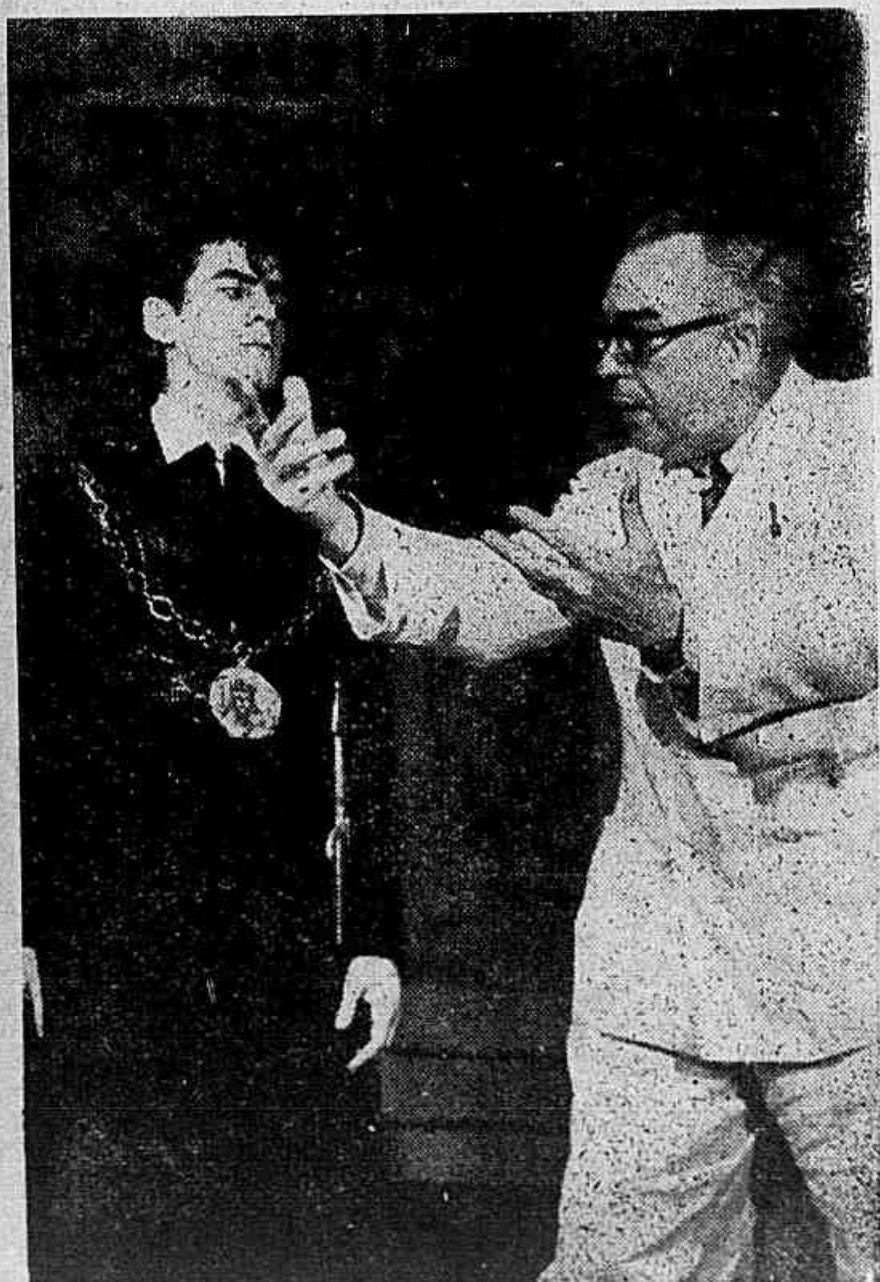
A crítica teatral, o nosso meio artístico e a sociedade carioca, em geral, foram agradavelmente surpreendidos, na noite de 6 do corrente, com a apresentação, no Fênix, da tragédia «Hamlet», de Shakespeare, pelo Teatro do Estudante do Brasil, o brilhante conjunto de amadores fundado por Pascoal Carlos Magno, cuja ardente devoção à causa do teatro, em nosso país, é altamente significativa. Essa nova e arrojada iniciativa do Teatro do Estudante do Brasil constituiu uma realização de decisiva importância para o nosso teatro, como contribuição de cultura, pelo aprimoramento literário e de bom gosto artístico. Quando mais não fosse, valeria o espetáculo pela audácia, que, por simples escolha de tão alto tema,

já causa um estremecimento de surpresa, e muito mais ainda pela revelação de uma figura moça que é, na verdade, uma esplêndida vocação para a carreira do palco, para a interpretação do grande teatro: Sérgio Cardoso. Moço de vinte e dois anos, quase inexperto, mas com uma inteligência viva, uma intuição excepcional, um verdadeiro virtuosismo artístico, revelou-se ele um intérprete surpreendentemente adequado para o difícil papel do trágico príncipe da Dinamarca, mantendo durante as horas de trabalho exaustivo, como intérprete do protagonista da obra prima shakespeariana, um tom de vivacidade, de bravura, de dignidade e de compreensão do texto, como só é possível encontrar em atores profissionais de longo ti-





Em cima: uma cena entre Polônus e a rainha da Dinamarca, em "Hamlet", pelo Teatro do Estudante do Brasil. A rainha é Carolina Sotto Maior, — a antiga ballarina e atriz profissional Lina de Sotto, e Polônus e Antônio Ventura. Em baixo: o diretor Hoffmann Harnisch explicando uma cena de "Hamlet" a Sérgio Cardoso, que interpreta o protagonista da tragédia de Shakespeare. Na página à direita: Sérgio Cardoso, o protagonista de "Hamlet", e Carolina Sotto Maior, a rainha-mãe.



rocínio e de verdadeiro talento. O público que enchia o Fênix se rejubilou com essa descoberta, tributando a Sérgio Cardoso verdadeiras ovações, ao final de cada ato, — e chamando-o repetidamente à cena, depois de terminada a peça. Pode-se afirmar que o teatro brasileiro conquistou um dos seus melhores atores jovens, — se Sérgio Cardoso se decidir pela carreira do palco, após o magnífico triunfo que acaba de obter nessa prova difícilíssima.

O espetáculo foi dirigido com verdadeira maestria pelo sr. Hoffmann Harnisch, escritor e diretor berlinense, antigo colaborador de Max Reinhardt e, há muitos anos, exilado no Brasil, onde se radicou com sua família. Conseguiu o diretor Hoffmann Harnisch tirar os melhores efeitos possíveis com o elenco que lhe foi confiado. Nesse elenco destacaram-se alguns valores, como Ambrósio Fregolente, Tarquínio Lopes, Luis Linhares, Carlos Cunha, etc., entre os homens, e Maria Fernanda, filha da poetisa Cecília Meireles, no papel de Ofélia, que desempenhou a princípio com vacilação, mas em seguida muito bem, tendo momentos impressionantes na cena da loucura, no último ato. Na representação de «Hamlet» pelo Teatro do Estudante foi utilizada, com as modificações impostas pelo bom gosto e pelo «tempo» teatral, a tradução executada

pelo professor Tristão da Cunha. Os cenários, modernos, sintéticos, com soluções bem achadas, foram de Pernambuco de Oliveira, que executou também os figurinos do guarda-roupa, confeccionado pela sra. Augusta Gill.

Iniciando suas atividades com «Romeu e Julieta», de Shakespeare, há dez anos atrás, o Teatro do Estudante reapareceu agora, triunfalmente, com uma realização que é, sem dúvida, a melhor de todas as que levou a cabo e que o coloca à vanguarda do movimento de renovação do nosso teatro. Esse movimento merece todo o apoio do nosso público, que deve prestigiar iniciativas desta natureza, com as quais só poderemos lucrar esteticamente. Um espetáculo como «Hamlet» marca um ponto alto e constitui uma vitória a ser festejada por todos, amadores ou profissionais da cena, pois a todos beneficia por igual, inclusive revelando artistas novos que amanhã poderão estar integrando os quadros das nossas grandes companhias regulares, colaborando com Dulcina de Moraes, Procópio Ferreira, Eva Todor ou outros elencos.



— Não pões o cheiro que ela te deu?
— Quali! Aquilo é só passar, antes do teatro.

— Olha a tua dôr na costela...
Serafim olhou em derredor. Estava com tôda a família; a sogra a um canto a costurar, inteiramente surda, os quatro filhos, a Guiomar já com 6 anos, o Jorge, o Pedro, o Antônio, e, diante dele, carinhosamente, a mulher, a Joana, morena, magra, o peito chato, dois grandes olhos ardentes. Talvez não explicasse a razão de seu contentamento, e de certo não procuraria as causas da alegria. Mas estava contente. Deu um tapa à face da petiza. riu grosso e saiu a bambolear-se. Joana fechou a porta, abriu a rótula e ficou a olhá-lo. Havia no seu olhar orgulho do homem e uma certa inquietação...

Serafim dos Araujos era de Mala, nos arredores do Porto. O pai, lavrador, deralhe o ofício de carpinteiro. Aos dezolito anos ele já trabalhava pela arte, numa carpintaria da rua de Cedofeita. Era forte, musculoso, retacado, de um moreno macio, a boca vermelha e sã, o cabelo anelado sobre o testa. E bom, tímido, ingênuo — uma criança crescida. As mulheres gostavam dele. Serafim, porém, não se atirava. Deixava-se levar. Nunca procurou, mas não resistia. A Joana, mais velha quatro anos, magra, com o peito chato, era sopeira na casa de um comendador brasileiro. Tomárase de uma grande paixão por ele e conquistara-o. Queria-o como a um filho, desejava-o como uma esfomeada, respeitava-o como um deus. Serafim teve de consentir. Aquela dedicação envaldecia-o. Na sua simplicidade a beleza da mulher era de somenos importância. A sua sensualidade fazia-o um egoísta bom.

Joana deixou a casa do comendador quando o pai de Serafim morria, legando ao filho a herança de uns centos de mil réis. Ela cuidava da casa, cuidava dele, firme a seu lado, fazendo-se indispensável. Quando o dinheiro estava para acabar nem Serafim pensava em deixar a mulher nem Joana julgava possível largar-se algum dia daquela paixão. Chegaram por esse tempo cartas do Brasil em que um camarada, o Juca da Olaria, noticiava que como carpinteiro se fazia fortuna no Rio. A Guiomar já nascera. A viagem decidiu-se com rapidez.

Tomaram a prôa de um navio inglês em Lisboa, com dinheiro emprestado, e no Rio a vida corria sem tropeço, tanto que um ano depois, em vez de morarem na estalagem, alugaram aquela casinha térrea em frente ao morro do Senado. A mãe costurava. Serafim era da oficina para casa, da casa para a oficina. Ela que todos os anos punha um garoto no mundo, lavava e engomava para fora.

Que bom era Serafim! De vez em quando uma taponia para animar. Mas nada de mulheres, esbórnias.

Foi por esse tempo que Serafim, após a janta, certo dia, dando milho às galinhas em camisa de meia, disse à Joana:

— Sabes que talvez entre pro teatro?

Joana tinha uma noção espessamente escura do que vinha a ser teatro. Indagou, com espanto:

— Pro teatro?

— Sim. O Juca da Olaria ganha à noite, como carpinteiro no Recreio, cinco mil réis.

— Então há carpinteiros no teatro?

— São os que movem as cenas, pregam os palácios, arranjam as histórias. O Juca esteve a explicar-me. São cinco mil réis mais. Que achas?

Joana ficou a pensar.

— Não deixas a oficina?

— Estás louca! A oficina é o pão; o teatro o achego.

— E podes mesmo arranjar?

— Pois se te digo.

A mulher sorriu. Era o seu homem a ganhar mais, numa posição que ela não imaginara, e por isso mesmo misteriosa e importante.

— Olha se aguentas!

— Eu cá sou de ferro. Vals ver se aguento!

Riu forte no orgulho dos bícepes enormes, do peito de lutador, a face morena coroadada dos cabelos negros em cachos. Era uma convicção tal de saúde, de força bela, que Joana sentiu aquêl mesmo ímpeto de fervor.

— Pois entra, homem!

Serafim, no dia seguinte, saiu às sete da noite. Mal tivera tempo de descansar da oficina que fechava às seis. Ela esperou-o acordada. Uma grande curiosidade a inquietava. Queria saber como era o tal do teatro. Serafim, importante, com o olhar acêso, deu pormenores.

— O trabalho é duro. Tem que se armar as cenas em dez minutos. E as apoteoses, então?

Ela ouvia-o sem compreender, julgando-o por isso mesmo maior.

— E simpatizaram contigo?

— Todos! Até o empresário, um velho, perguntou o meu nome.

— Este Serafim é das Arábias...

Serafim estimava que o considerassem bem. A simpatia vinha daquela saúde bruta e alegre.

— Vamos dormir, sóra Joana. Cá tenho os cinco.

Passaram-se dias assim. Ela esperava-o acordada para ouvir as histórias desse outro mundo de que o seu senhor fazia parte. Ele contava. As vezes mentiras. Para pô-la tonta. Só uma coisa era verdadeira; a simpatia com que fora recebido. E como as vizinhas estavam intrigadas, Joana explicava:

— O meu Serafim agora é do teatro. Coitado! Não descansa. Também ganha cinco mil réis por noite!

Afinal sofria de o não ter junto de si e sentia muito sono, pois tinha de acordar cedo para o tanque de lavar roupa. No primeiro domingo, como houvesse "matinée", Serafim apareceu um instante só para jantar, e ela, depois de aprontar as crianças para brincar na calçada, só na sala que a noite escurecia, cantando baixinho uma trova qualquer, pensou que ia chorar. A tudo porém nos habituamos. A vida é assim. Depois, Serafim estava tão satisfeito! Não o esperou mais. Deltava-se cedo, não o via entrar. Quando acordava parecia-lhe impossível que tivesse assim procedido. E o Serafim com o trabalho da noite dava para não querer acordar. Ela tinha com muita pena de o despertar de vagar, alisando-lhe a cabeça.

— Serafim, tem paciência, olha a oficina...

Um dia ele recusou pôr-se de pé.

— Também um pobre de Cristo não pode dormir um dia. Que se fomen-tem!...

Ela temia pelo emprego do homem, mas que prazer sabê-lo ali, em casa, descansando! Preparou-lhe um bom almôço; ia de vez em quando, pé ante pé, vê-lo respirar, de braços sobre a travesseira, gozando o soninho.

— Que lhe saiba como aos anjos, coitado!

Certa vez ele apareceu com um vale do teatro para levá-la à "matinée". As 11 da manhã já os pequenos e a velha estavam preparados. Ela pôs o vestido azul, a corrente de ouro fino. Almoçaram à pressa. No teatro, Joana viu como gostavam de Serafim. Sujeitos paravam o Serafim, conversavam, outros diziam-lhe adeus. Alguns admiravam-se de que um rapaz de aparência tão moço já tivesse quatro filhos.

— Pois o meu Serafim é mesmo capaz. Tem só vinte e seis, não, Serafim?

Conto de JOÃO DO RIO (Brasileiro)

Ilustração de O. MATTOS

— Vou para os vinte e sete lá pelo S. João...

Depois Serafim desapareceu. Elas estavam na platéia, ao fundo, nas cadeiras de segunda. Joana admirava a mágica como se fosse obra só do seu homem. A mágica era bonita. Havia certo diabo horrível contra um par de namorados. Mas a Fada das Pérolas venciu o diabo. A fada parecia linda. Joana era pela fada. Quando a mágica terminou, ficaram no terraço, à espera do carpinteiro, que só muito tempo depois apareceu. Iam todos sair, e nisso, com um enorme chapéu de plumas, cheia de brilhantes, Joana viu aparecer a Fada das Pérolas. Apareceu e indagou, amável:

— Araujo, são seus filhos?

— Sim, sra. d. Maria do Carmo.

— E sua mulher?

— Sim, minha senhora.

A Fada das Pérolas fez festa aos petizes, abaixou-se para pegar o Pedro, abriu a bolsa, tirou uma cédula, meteu-a na mão da criança.

— Que flor! Gosto muito dos garotos. Depois, rindo:

— O' Araujo, manda sua mulher visitar-me com o pimpolho. Sabe v. que seu marido é muito benquisto por cá? E' um latagão! Parabens.

Não deu tempo à resposta. Uma carruagem esperava-a. Meteu-se nela, atirou com os dedos em pinha um beijo ao pequeno, e partiu ao trote largo da parelha.

— Logo vi que a fada era boa! Refletiu Rosa, a velha surda.

— Tem luxo! E como gosta de Serafim!

— E' para veres... fez êle meio enleado.

Havia em torno alguns rapazes do teatro, que sorriam galhofeiramente. Serafim rodou com os seus.

Mas para Joana o assombro da fada continuaria. No meio da semana, à hora em que o Serafim chegava da ofici-

na, parou-lhe à porta um trem luxuoso. Era a Fada das Pérolas, a sra. D. Maria do Carmo, cheia de jóias e com vários brinquedos. O quarteirão inteiro ficou presa de espanto. D. Maria do Carmo vinha dizer que não se esquecera do Pedrinho e desejava ser pelo menos madrinha de Crisma do pequeno. Depois, obrigou Joana a aceitar uns dinheiros para calçado dos filhos, pediu café, um copo d'água. E agarrava o Serafim pelo braço.

— O' Joana, que homem tem por marido! Quero-os felizes. Vocês brigam?

— Ah, não senhora.

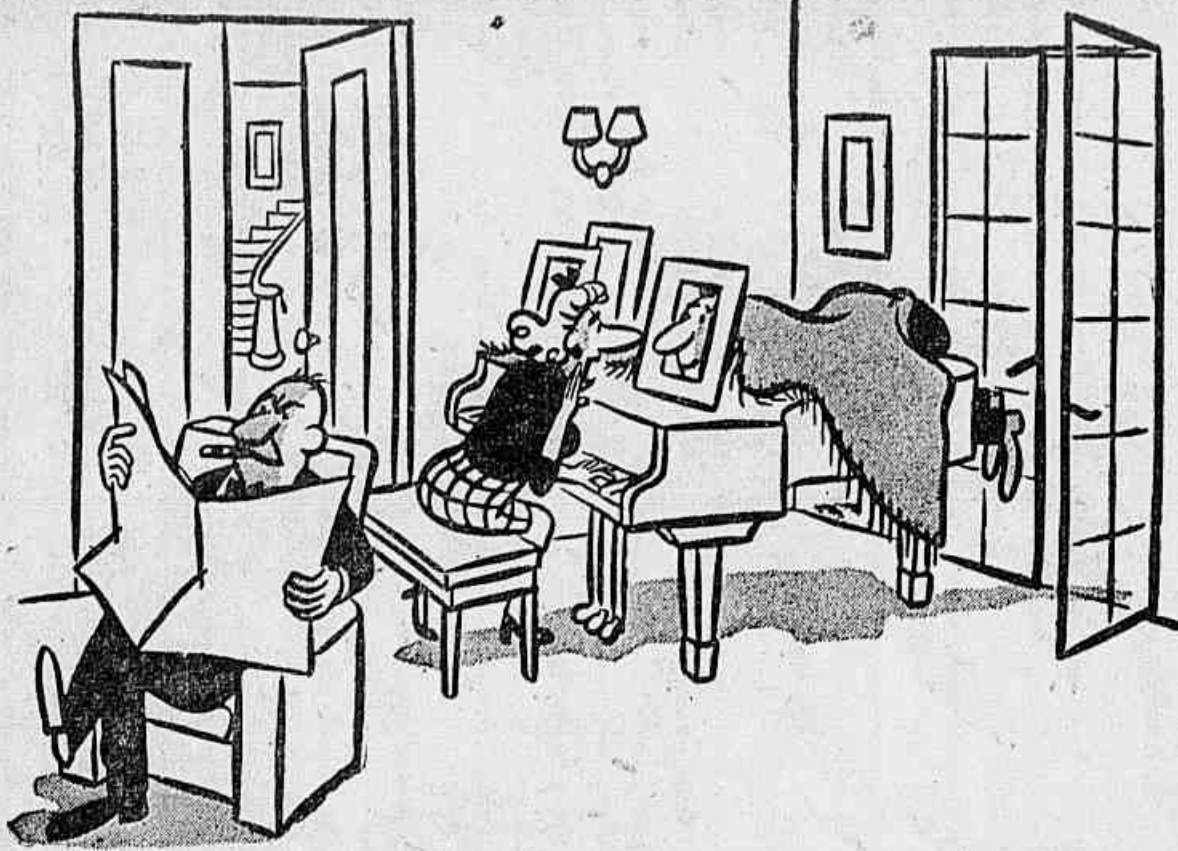
— Ainda bem...

O Serafim estava satisfeito e confuso. Não fixou uma só vez a Fada das Pérolas.

(ont. na pág. 52)

A Fada das Pérolas

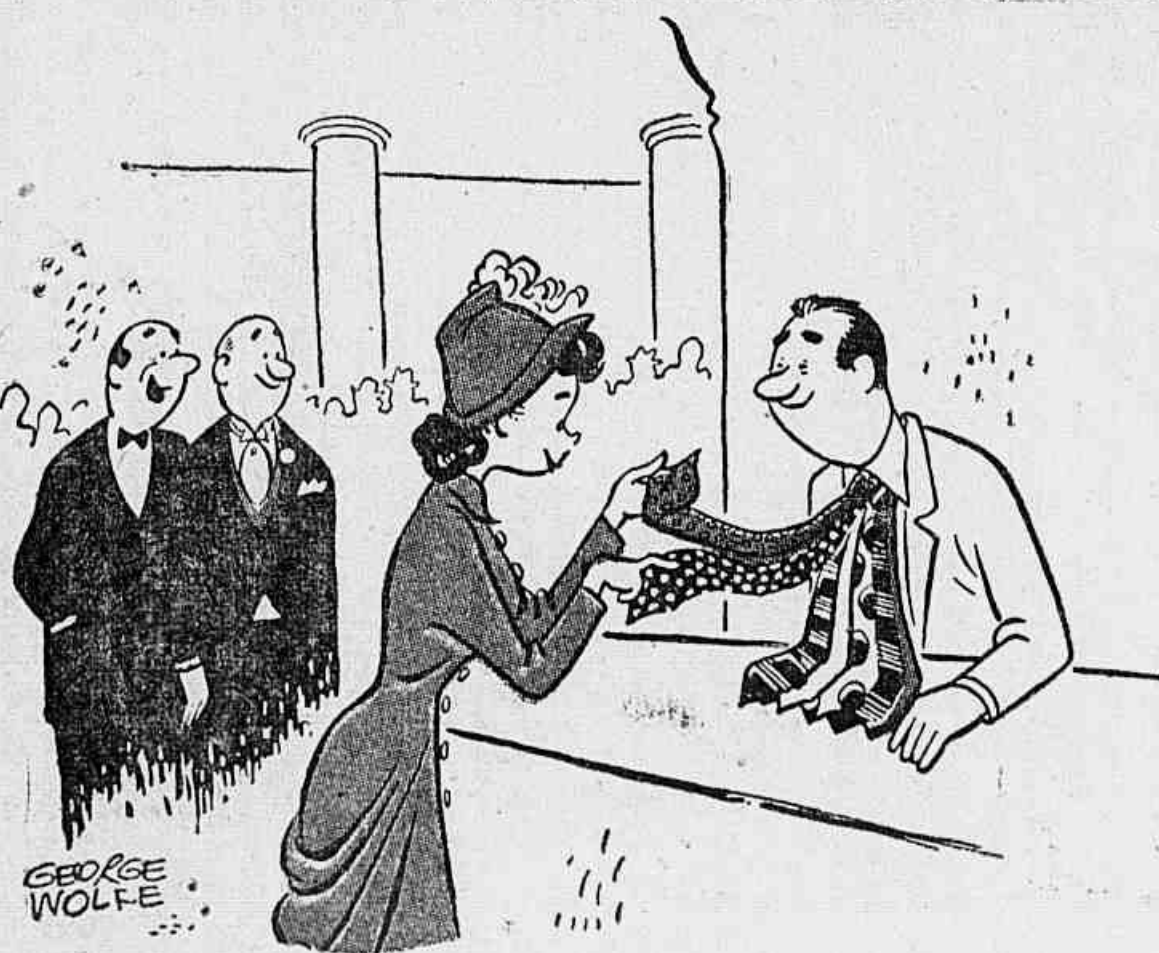




— Você não devia ter vindo, Altamirando! Se papai descobre você!



— Eu não sabia que estava tão afiado! A última vez que dancei foi quando terminou a guerra de 1918...

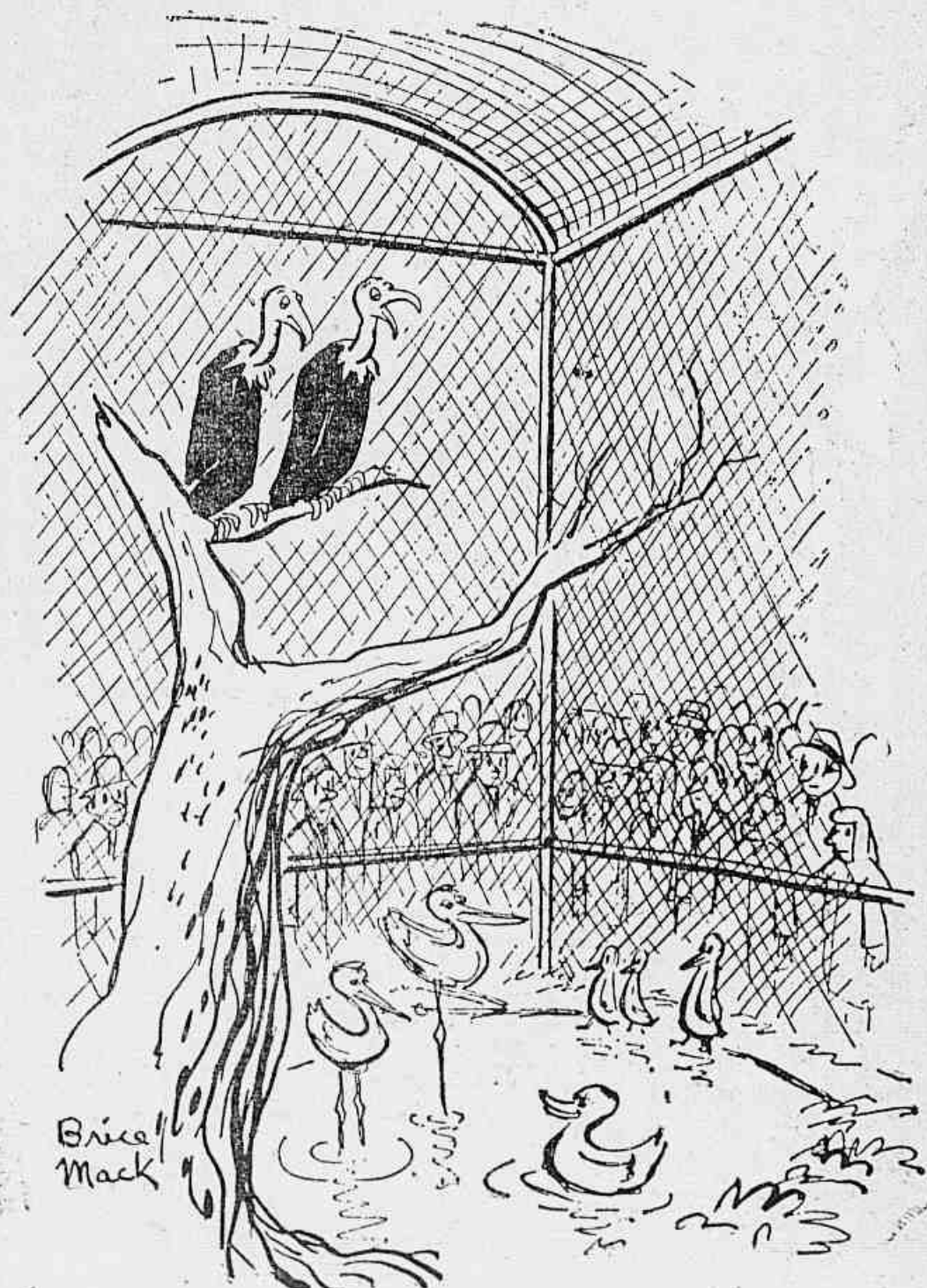


— Ele descobriu um novo método de mostrar a mercadoria...



— Nosso pai mandou saber se o senhor já baixou os preços...

BOM HUMOR



— Veja que coisa triste, meu amigo... Tanta gente aí... e nenhum defunto!



AR CONDICIONADO — Reservem suas mesas

Av. 13 de Maio, 23

Telefone 42-6518



VENDE-SE UM VESTIDO DE NOIVA



O anúncio veio estampado na última página do jornal. Era curto, algumas palavras apenas: — «Vende-se um lindo vestido de noiva, sem uso, em perfeito estado. Tratar à rua tal, número tal...» Tipo de letra comum, nada que o destacasse dos outros. Apenas um anúncio, entre os mil anúncios diários do «Jornal do Brasil».

★

— Vanda, você já viu o jornal de hoje?

— Não, por que?

— Há o anúncio de um vestido de noiva, lindo, segundo diz o mesmo. Deve ser barato. Quem anuncia para vender, quase sempre está necessitado. E depois, nem foi usado ainda. Quem sabe serviria para você?

— Ora, mamãe, você tem cada uma!... Então acha que eu me casaria com um vestido que não fosse meu vestido, feito expressamente para mim, segundo o meu gosto e as minhas idéias? Tinha graça levar em cima de meu corpo, no dia de meu casamento, um traje feito para outra pessoa, delineado, linha por linha, enfeite por enfeite, para outra mulher. Não, mamãe, tenha paciência, mas isso não pode ser. Um vestuário de noiva é uma coisa muito sagrada. É como um pedaço de nosso próprio sonho. E um sonho não se vende nem se compra, mamãe.

Dona Regina teve um sorriso meio triste. Abanou a cabeça, já inteiramente grisalha, ponderando com meiguice:

— Sim, minha filha, eu sei. Os sonhos não se vendem, nem se compram. Mas, ai de nós!, nem todos têm o direito de sonhar... Pelo menos de uma certa maneira. Você é pobre. Está numa dificuldade tremenda para fazer um traje nupcial. As fazendas estão caríssimas, a respeito de costureiras nem se fala. Um vestido novo, bonito, comprado com vantagem, seria o ideal.

Vanda suspirou. Levantou-se da poltrona onde se achava, bordando uma peça de lingerie. Meadas de linha sedosa e de todos os tons escoregaram-lhe do colo para o assoalho. A moça baixou-se, apANHOU-as e colocou-as cuidadosamente numa caixinha de madeira que se achiava sobre uma pequena mesa. Em seguida encaminhou-se para a janela. O vento desmanchou um pouco seus cabelos louros, quando ela se debruçou no peitoril. Segurando o rosto com as mãos, pôs-se a olhar de um modo abstrato as pessoas que passavam pela rua: umas, apressadas, correndo, outras calmas, como não tendo nenhuma pressa de chegar ao seu destino... No subconsciente da moça formulou-se a pergunta, a mesma pergunta de sempre, quando ela se debruçava à janela, para ver a multidão: — «Quantos, no meio desses, serão felizes? Quantos não terão o seu problema para resolver, — o seu pedaço ruim a passar, a sua tragédia ou o seu drama para viver?»... Vanda não gostava de olhar as criaturas assim do alto, como estava. Pensava quase sempre em coisas tristes. Não via a mocinha despreocupada e bonita, de vestido vermelho e cintura delicada, sem imaginar bobagens a seu respeito. O que se esconderia atrás de seu brilhante sorriso? Uma conta a pagar, talvez, a mãe doente, o chefe cínico e intolerante matando-lhe, dia a dia, a frescura do rosto e a frescura da alma... Os casais que iam, de mãos dadas, esquecidos

de tudo e de todos, deliciosamente perdidos no seu mundo, faziam nascer em seu coração uma espécie de angústia, que ela nem sabia definir direito. Pensava em infidelidades, desastres, maluquices...

Desde menina era assim. As colegas até diziam: — «A Vandinha tem um olhar diferente, nem parece olhar de menina. Tão triste, como de quem já sofreu...»

Afastou-se bruscamente da janela, retornando a seu lugar na poltrona. Sua mãe continuava a tecer pacientemente uma sueter de tricô. Esquecera acaso o anúncio do jornal? Fitando-a de soslaio, Vanda juraria que não. Juraria que naquela testa muito branca, sobre os óculos de vidro grosso, a idéia continuava a germinar. Seu aparente esquecimento era um disfarce. Sabia quando e como devia falar, quando e como devia calar. Era a sua arma, de que se servia muito bem para conseguir os seus intentos.

— Mamãe, disse Vanda, então. Se você acha que de fato eu devo ver o tal vestido...

— Acho que você deve ir, minha filha. Não custa tentar. Não perderemos nada. Se não agradar ou não servir, por qualquer motivo, nós teremos, quando nada, alguma idéia para a confecção de seu próprio vestido.

Vanda encostou-se desanimada no espaldar da poltrona.

— Como é triste ser pobre, mamãe! Uma noiva rica, em meu lugar, já estaria com o enxoval pronto. Tudo já arrumado, dobradinho, perfumado, até... Porque, afinal, faltam apenas quinze dias para o meu casamento! E nada de vestido, nem de véu, nem de sapatos, nada, nada... E tudo por que? Porque somos umas desprotegidas dessa senhora versátil e desumana, que se chama Fortuna. Tudo porque nosso dinheiro é duro de ganhar, só chega aos pouquinhos e a gente tem que fazer uma ginástica medonha para que ele dê para todas as coisas... É horrível a gente ser pobre, mamãe, é horrível, simplesmente!

Dona Regina sorriu o seu murcho e doloroso sorriso.

— O que podemos fazer, minha filha? Gente, no mundo, é como flor em canteiro: ao lado dos lírios e das rosas de qualidade, há as humildes violetas, os tristes góivos... Sempre foi assim e há de ser, minha filha. Mas você, nesses dias, devia abandonar esse tom de queixa contra a vida. Se possui saúde e felicidade, deixe para o futuro as preocupações. E depois, já temos dinheiro suficiente para o traje de casamento...

Vanda franziu os lábios, com desdém.

— Dinheiro! Temos Cr\$ 2.000,00 para o vestido, o véu e os sapatos. Resultado lógico: mil cruzeiros, no máximo, para o vestido.

Levantou-se de novo, irritada:

— Fico até com vergonha de ir ver o tal vestido de noiva. Naturalmente é de alguma granfina que desmanchou o casamento à última hora. E elas pagam, geralmente, milhares de cruzeiros por um simples traje esportivo; calcule, pois, o quanto terá custado esse vestido de noiva. Não, mamãe, acho que não devo ir.

Dona Regina insistiu, mansamente:

— Se a moça rompeu o noivado no derradeiro momento, há de querer se desfazer do vestido, nem que seja por uma ninharia. Mulher tem disso. Às vezes dá um dinheiro por uma coisa qualquer, para

depois, por um simples motivo, abandoná-la por um nada. Principalmente se esse motivo é de ordem sentimental.

Vanda não pôde conter o riso.

— Vem você de novo com as razões sentimentais... Qual, mamãe, você não tem jeito, não. Vai ver que a moça quer se desfazer do vestido simplesmente por questões financeiras. Vai ver que saiu mais caro do que ela esperava e então, para se indenizar... Sim, é bem capaz de ser isso. Em todo o caso, irei vê-lo.

★

A porta na qual os dedos de Vanda bateram, algumas horas mais tarde, era uma porta de casa pobre. Tinha essa cor indefinida, nem cinza, nem marrom, que tomam, quando velhas, as portas pintadas com tinta de qualidade ordinária. A parede era também mal caiada e descascava já em muitos lugares.

Custaram um pouco a atender. Vanda começava a se impacientar, quando afinal a porta se abriu. Apareceu no limiar uma velhinha de rosto miúdo, cabelos muito brancos e dona de uns surpreendentes olhos azuis. A jovem teve um pensamento curioso: aqueles olhos, naquêlo rosto, pareciam dois vígidos miosotis nascendo numa terra morta.

— Deseja alguma coisa?, perguntou a velha.

De repente, sob a luz daquêlo sol de primavera, que desenhava arabescos nos ladrilhos do pequeno alpendre e caía como uma auréola naquêles cabelos brancos, Vanda achou ao mesmo tempo fútil, fora de propósito e dramática sua presença ali; era como se estivesse vivendo um drama do século passado, ela, a velha e aquêlo misterioso aquêlo desconhecido vestido de noiva...

— Deseja alguma coisa?, tornou a perguntar a anciã, assombrada, talvez, de ver a bonita moça parada à sua frente, mostrando uma fisionomia inexpressiva e distante, como se não tivesse nada para dizer. Vanda sentiu então que a realidade dava uma pancadinha em seu ombro.

Fez-se um pouco vermelha (a sua mania de sonhar acordada!), respondendo com algum embaraço:

— Sim, desejava saber... A senhora talvez me possa informar se é aqui que estão vendendo um vestido de noiva...

A senhora abriu mais a porta.

— Ah! sim!, um vestido de noiva? E' aqui! Entre, faça o favor.

Ao mesmo tempo em que dizia essas palavras, caminhava com um passo meio vacilante para o interior da habitação. Vanda seguiu-a, penetrando em um pequeno hall escuro e, logo depois, numa sala de visitas de aparência modesta. O assoalho da casa, conforme a moça logo notou, era muito bem lavado, porém não possuía a mais leve camada de cera. Um grande sofá antigo, duas poltronas, algumas cadeiras e duas mesas de pequenas dimensões formavam todo o mobiliário. No fio da lâmpada enrolava-se um papel de seda cor de rosa e sobre as mesinhas viam-se toalhas de croché. Um vaso cheio de flores, de louça barata, dava uma comovente nota na simplicidade da sala. Tudo ali respirava excessiva limpeza, porém, do mesmo modo, excessiva pobreza.

Vanda sentou-se na beira do sofá, não sabendo se devia falar ou esperar que a velhinha falasse. Enquanto isso, olhava alguns retratos colocados na parede. Chamou-lhe a atenção, principalmente, uma fotografia de rapaz, cujos olhos pareciam envolver todo aquêlo ambiente numa grande ternura.

(Continua na pág. 54)



A.P. CHECO

Uma NOVA LUZ

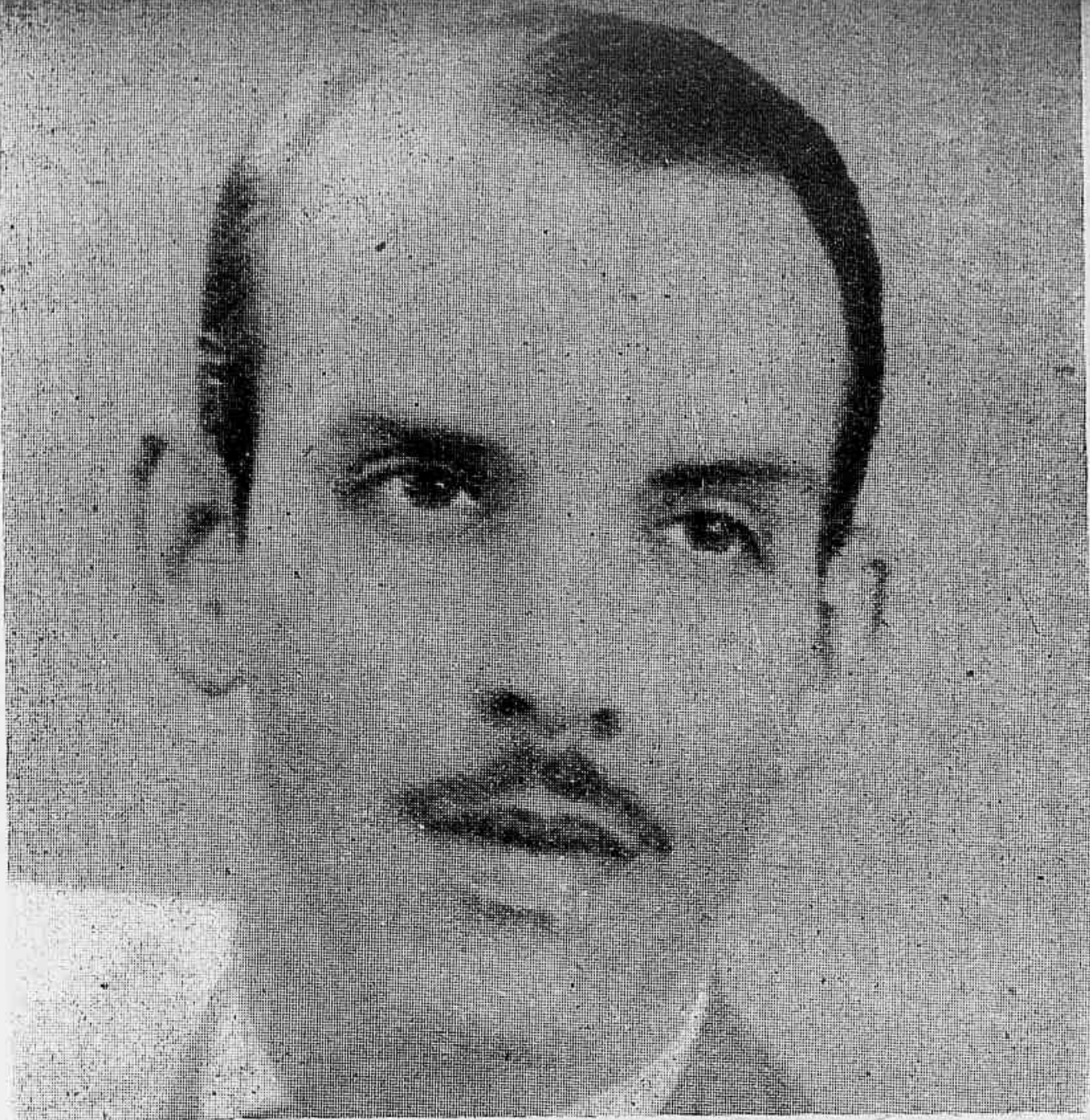


Brilhante como a luz do Sol...
Suave e amena como o luar...

Não permita que a má iluminação prejudique a produção de sua fábrica ou as vendas de sua loja. Evite esse entrave no progresso de sua organização iluminando fartamente todos os locais de tra-

balho. As lâmpadas fluorescentes Philips proporcionam uma iluminação cientificamente dosada para as necessidades de cada caso... e apresentam a vantagem extra de um consumo mínimo de corrente.

LÂMPADAS FLUORESCENTES PHILIPS



ALVARO Augusto, autor de "Crime por amor", que a Nacional acaba de transmitir com extraordinário sucesso, iniciou-se no rádio através do microfone PRG-2, como simples e modesto rádio-ator. Seu progresso nesse setor foi tamanho, que ao completar dezoito meses de atividade, viu-se nomeado diretor do Departamento Rádio Teatral da Tupi bandeirante, cargo que mais tarde viria a desempenhar na principal emissora "associada". Com isso, começou a escrever as "Aventuras do Homem Pá-saro" então irradiadas pela Difusora de São Paulo e PRE-8 do Rio. Escreveu, ainda, uma "Aventura do Vingador", sem contudo prosseguir nesse gênero. No Rio, em colaboração com Olavo de Barros, passou a dirigir o elenco da PRG-3, para o qual escreveu a novela "Eramos seis", que marcou estrondoso sucesso. Colaborou também em "Rádio sequência", criando o "Janjão e Odete", isto ao tempo da direção de Gilberto Martins. Mais tarde, preocupando-se em só escrever, ingressou no quadro redatorial da Globo, assinando diversos programas, além de algumas novelas. "Vingança", por exemplo, ultrapassou a expectativa, merecendo a atenção dos afeccionados de histórias seriadas. Idêntico fato ocorreu em "Devolve o meu amor", secundado por um "Vagabundo conta a sua história". Alvaro Augusto, que é carioca e conta trinta e três anos de idade, terminou uma nova história em capítulos para o "cast" da PRE-8. Quanto ao título, ainda não encontrou.

DIRIGINDO um programa da Casa do Estudante, a convite de Ana Amélia Carneiro de Mendonça, a professora Magdala da Gama Oliveira fez seu "debut" radiofônico. Satisfeita com o resultado, logo cuidou de apresentar alguma coisa de sua autoria, o que aconteceu com o lançamento de "Crítica Musical", irradiado pela PRA-2. A seguir, prosseguindo na campanha da boa música, lança "Literatura da música" através da Rádio Ipanema. Inaugura "Momentos Musicais", na Cruzeiro do Sul e, a convite de Alziro Zarur, então diretor-artístico da Transmissora, cria "Artistas Novos do Brasil", cuja vitória é conhecida de todos. Mais tarde, com a aquisição da PRE-3, pelo vespertino "O Globo", ela amplia o âmbito de seu programa, além de criar "Emoções que o piano guardou". Como recompensa ao muito que tem feito pelo "broadcasting" nacional, viu-se colocada à frente da direção da Rádio Roquete Pinto, onde empreende uma série de realizações que coloca seu nome entre os dos mais destacados radialistas. Fora do rádio, a professora Magdala da Gama Oliveira colabora na imprensa diária, assinando a seção "Aspectos" do Diário de Notícias". Isto, depois de exercer com brilhantismo a crítica musical e radiofônica de alguns jornais e revistas, inclusive da "CENA MUDA". Possui dois livros publicados: "Rabiscos" e "Introdução à Pedagogia da Música". Breve editará um romance.



DYLO Gonzaga pertence ao elenco de rádio-teatro da Cruzeiro do Sul. Conhecedor da arte de dizer ao microfone, tem tido destacadas atuações, a ponto de receber vantajosas propostas de outras emissoras, sem contudo aceitá-las. Sua contribuição ao rádio data de mil novecentos e trinta e cinco, quando se apresentava como intérprete de valsas e canções nos programas de estúdio da Rádio Sociedade. Nascido pre-fixo teve como colegas, alguns "maiores" do "broadcasting" carioca. Da PRA-2 trans-feriu-se para a Cajuti, atuando depois na Transmissora, Rádio Club do Brasil, Guanabara e Vera-Cruz. Nessa emissora, encerrou sua carreira de cantor, para voltar ao mi-crofone no decorrer de 1942, como responsável pelo programa "Alvorada". Nesse "broad-cast", levado pelas circunstâncias, Dylo Gonzaga revelou suas qualidades de rádio-ator, aparecendo ao lado de Terezinha Nascimento, hoje exclusiva da PRE-8. Voltou então, ao elenco da Transmissora, criando papéis interessantes e movimentados. Integrou o "cast" da Globo, aparecendo em algumas novelas de Amaral Gurgel. Agora é exclusivo da PRD-2, trabalhando nas novelas irradiadas por essa popular estação, além de redi-gir alguns programas. Fora do meio radiofônico, exerce funções numa empresa cana-dense e atua como narrador cinematográfico em alguns "shorts". Dylo Gonzaga é exímio esgrimista e gosta de praticar o remo para desenvolver os músculos.

M paulista Mario Mansur, hoje integrando com exclusividade o quadro de locuto-res da Globo, começou sua vida artística em Pernambuco, na qualidade de "speaker" e cantor da Rádio Club local. Aí, pelo seu espírito de compreensão e boa vontade, chegou ao máximo, desfrutando da simpatia dos ouvintes, e da confiança de seus chefes e da amizade de seus companheiros, a ponto de se tornar espôso de Léa de Holanda, sua colega de microfone. No Rio, nosso focalizado ingressou na Transmis-sora, comandando os principais programas. Isto, depois de passar pela Ipanema, onde não teve a "chance" merecida. Atuou na Rádio Sociedade Fluminense e acabou tormando na equipe de locutores da Rádio Nacional, a qual deixou nos últimos dias de 1947, atendendo a vantagens de ordem financeira que lhe oferecera a PRE-3. Mario Mansur experimentou a maior emoção de sua carreira, ao ler no dia que termi-nou a guerra, uma comovente carta de uma senhora cujo filho se achava na Força Ex-pedicionária Brasileira. Ele lia e chorava ao mesmo tempo. Para o cinema, nosso blo-grafado faz a narração de jornais e "shorts" para a Cine Brasil. Nascido a vinte e cinco de janeiro de 1920, conta, portanto, vinte e oito anos. É casado e possui três "filhos", com os quais passa seus momentos de folga. Sua grande ambição é agradar a todos os ouvintes.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especial-
mente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS



Ao alto: Dan Duryea, ao lado de Luis Serrano, correspondente especial de REVISTA DA SEMANA em Hollywood. Em baixo: Os garotos de Dan Duryea o adoram e não sabem que ele é vilão.



O "TERRIVEL" DAN DURYEA

SEUS FILHOS NÃO VÊEM SUAS PELÍCULAS E NÃO SABEM QUE O "PAPAI" É VILÃO — BREVE ENTREVISTA COM O INTERPRETE DE "THE LEGEND OF BLACK BART"

Por LUÍS SERRANO (Correspondente especial de A CENA e REVISTA DA SEMANA em Hollywood).

HOLLYWOOD, janeiro — Dan Duryea fez car-
taz à custa de duas coisas: a fidelidade com
que personifica os piores caracteres e a sua
legítima «cara de revólver». E acha que os papéis
de patife valem ouro. Sim, porque embora respei-
tando profundamente a sua profissão, como arte,
é acima de tudo um vitorioso homem de negócios.
Ultimamente andavam querendo fazê-lo passar por
galã, talvez por influência de Humphrey Bogart,
mas os resultados não têm sido compensadores...
Também, com aquela cara! Mas Dan está perfeitamente
satisfeito com a fisionomia que Deus lhe
deu, lamentando até que não seja um pouco mais
desagradável. Pessoalmente, é um rapaz bastante
simpático e amável, um camaradão. Só é mau
diante das câmeras, e com muito gosto. Fora delas,
é um indivíduo como outro qualquer, excelente es-
pôso e pai, e um grande amigo de todos. Para se
ter uma idéia do seu caráter inofensivo basta dizer
que sua ocupação predileta, nas horas vagas, é o
cultivo de flores, de que tem magnífico jardim.
Dan Duryea nasceu com o nome de Daniel
Duryea, na cidade de White Plains, Estado de Nova
York, a 23 de janeiro. Em criança, pouco se inte-
ressou pela interpretação, não passando de algu-

mas peças escolares, em que fez papéis de herói.
Só na Universidade de Cornell deu para gostar do
palco, tendo mesmo estrelado várias boas peças.
No último ano de curso, chegou a substituir Fran-
chot Tone na presidência do clube dramático da
conhecida universidade. Diplomando-se, Dan se em-
pregou em publicidade, que teve de abandonar seis
anos depois por causa de uma grave enfermidade.
Uma vez curado, viu-se na contingência de mudar
de profissão. E diz que foi bem difícil a sua posi-
ção naquela época, pois de nada entendia além de
publicidade. Então recordou-se de que sabia tam-
bém representar, embora não tivesse muita cer-
teza. Franchot Tone fora bem sucedido; por que
não o seria também? — E entrou em ação. Seu pri-
meiro trabalho foi o de um g-man em «Dead End»
(Beco sem saída), encenada na Broadway. Depois
de repetir o papel durante 85 semanas, foi promo-
vido ao principal, o do arquiteto capenga. Salienta
Dan que desde esse dia nunca mais se preocupou
com o desemprego. As propostas choveram. Con-
tinuou a fazer sucesso, sem nunca pensar em Holly-
wood. Logo depois, porém, veio o papel que o man-
dou diretamente para o cinema. Personificou (e
como!) aquele rapaz demente e perverso, Leo Hub-

Dan Duryea, de casaca, elegantíssimo, em, "Cavalheiro por uma noite".

bard, na excelente peça de Lillian Hellman, «The Little Foxes», posteriormente levada à tela e exibida no Brasil com o título de «Pérfida». Ainda estava em exibição a peça quando Samuel Goldwyn decidiu adaptá-la ao cinema. Como não podia deixar de ser, o velho Sam carregou Dan Duryea para Hollywood, a fim de desempenhar o mesmo papel que fizera no palco.

E com este filme ficou selado o destino de Dan como um dos super-patifes do cinema. Estabelecido como bandido incorrigível, foi conservado na categoria. Em «Bola de fogo», «Ministry of Fear», «Apenas um coração solitário», «Woman in the Window», «O vale da decisão», «Tudo por uma mulher» e em «Almas perversas» Dan Duryea interpretou tipos maus, turbulentos, desumanos. Apenas conseguiu escapar em «Anjo diabólico», «Sahara» e «Dama desconhecida», este de Deanna Durbin.

— Nestas três películas, — explica Dan, — consegui entrar num desvio do meu caminho para o inferno. E assim mesmo, em «Dama desconhecida», só no finzinho o público tem certeza das minhas boas qualidades...

Pergunto-lhe então o que acha do seu atual filme. Responde:

— Muito conveniente e inteiramente de acordo com a minha capacidade de homem mau. Só lamento é que viva ameaçando a vida de gente boa como Yvonne De Carlo e Rod Cameron, que não merecem maus tratos. Enfim, como tudo se passa em technicolor, minha espinhosa missão fica um tanto suavizada.

Dan referia-se a «River Lady», que no Brasil será lançado como «Astúcia de uma apaixonada», pela Universal-International.

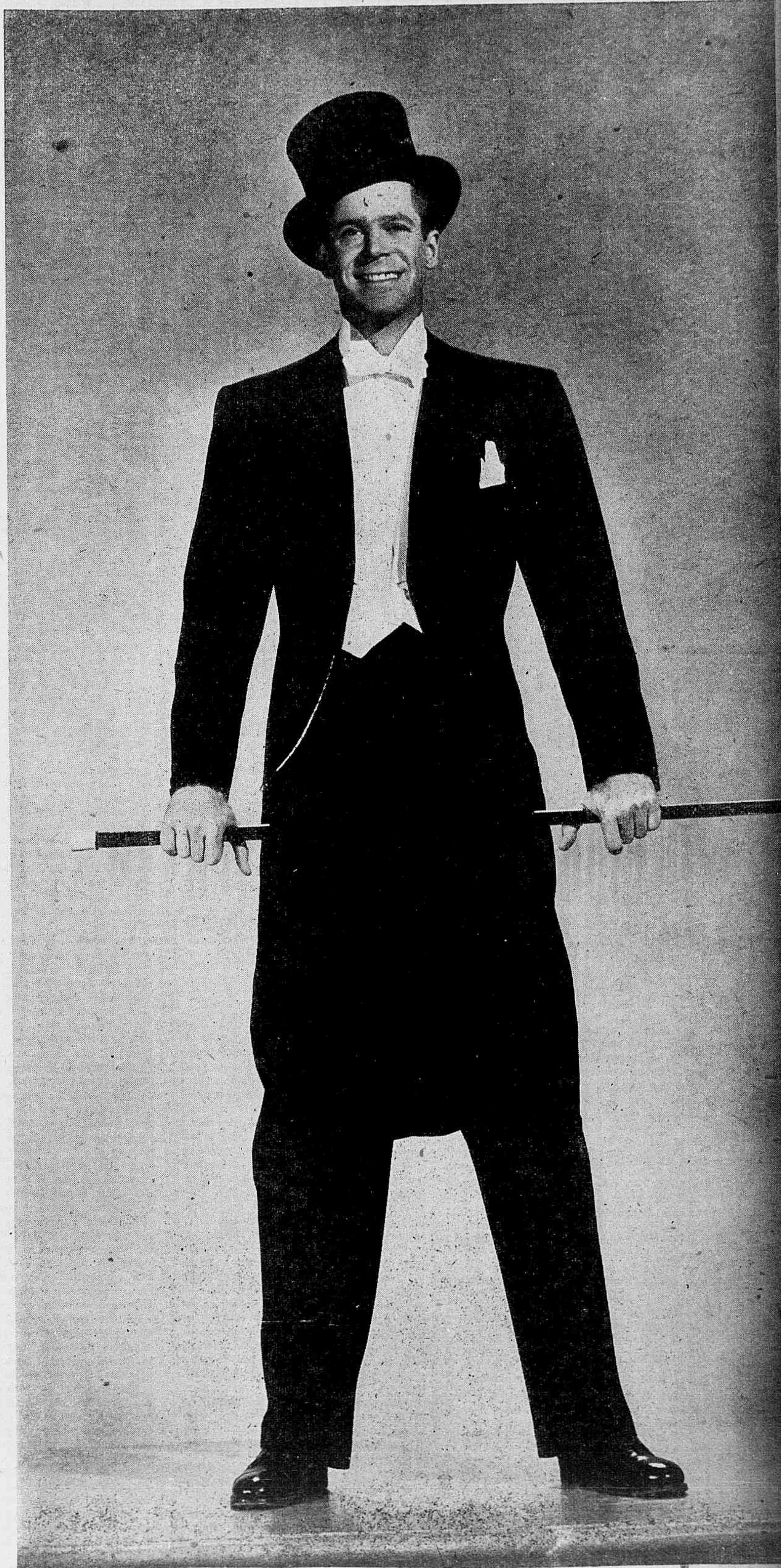
Sobre «White Tie and Tails» (Cavalheiro por uma noite), com Ella Raines, ele diz que não gostou do papel. Muito cretino, completamente falso. Felizmente logo surgiu «The Legend of Black Bart», devolvendo-o à sua verdadeira vocação: salteador de estrada. E foi durante esta filmagem, anterior à de «River Lady», que Dan recebeu pela primeira vez no estúdio a visita de seus dois filhinhos, Peter, de oito anos, e Richard, de seis. A esposa dele chamava-se em solteira Helen Bryan, e nunca trabalhou no palco. Dan acha que ela deve continuar a ser o que sempre foi, dona de casa. Diz que já basta um de má fama na família. Dan conheceu-a em White Plains, logo após sua formatura em Cornell. O romance foi rápido, culminando, em 1931, no casamento. Os dois garotos nasceram separados por quatro anos, mas na mesma data, 14 de julho. Eles adoram o pai. Não vêem seus filmes, nem sabem que ele é vilão.

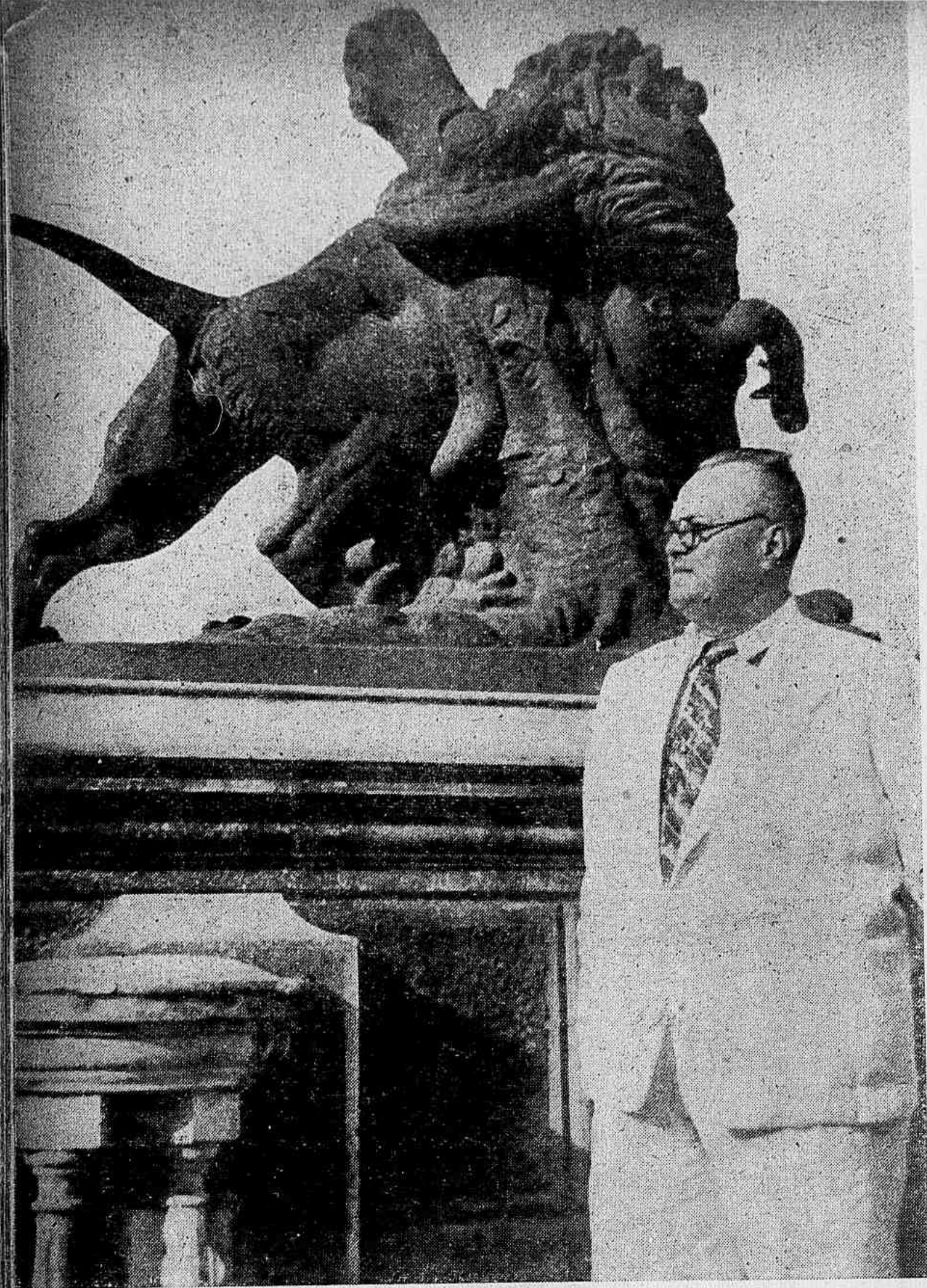
Assim que chegou a Hollywood, Dan comprou uma bela casa, no centro de vasto terreno, numa encosta de Mulholland Drive, onde ele se dedica principalmente às flores.

— Como você vê, não se justifica de modo algum o meu cartaz de homem mau — termina Dan Duryea, apertando-me a mão.

Dan Duryea já está indicado para outro ótimo papel em «Another Part of the Forest», com Fredric March, Florence Eldridge, Ann Blyth e Edmond O'Brien.

No dia do aniversário dos dois filhos, — ambos nascidos a 14 de julho, — e ao lado de sua esposa, entre a garotada da vizinhança.





O folclorista cearense Leonardo Motta, numa foto recente, apanhada na Praça General Tibúrcio, em Fortaleza.

O EMBAIXADOR DO SERTÃO

DESAPARECE, NO CEARÁ, O FOLCLORISTA LEONARDO MOTTA, AUTOR DE "CANTADORES" E "VIOLEIROS DO NORTE"

Por HERMAN LIMA

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

A notícia da morte de Leonardo Motta, em Fortaleza, leva-me de repente, neste claro domingo carioca de tanta vibração de azul quanto o do céu da minha terra, a outro domingo, de um quarto de século passado, na minha sempre presente cidadezinha de ruas quietas e chispantes de sol.

Não sei por que, talvez por uma secreta aspiração de idênticos e enganosos troféus, mas o certo é que guardo na memória, tão vivo como de ontem, um canto da igreja do Rosário, na «missa do dia» daquele remoto ano de 1920, a que Leonardo comparecia, abraçado festivamente por um e por outro, numa elegância apurada pelos alfaiates do Rio, donde acabava de chegar como um legítimo triunfador. «Cantadores» havia saído meses antes e toda a imprensa do Brasil saudara com entusiasmo o seu admirável trabalho de garimpeiro do folclore, falsador em primeira mão de tanto tesouro perdido na ganga bruta da alma popular, em adagiário, anedotário, desafios e trovas, do mais alto teor expressional e lírico e do mais vivo alcance para a compreensão da nossa «gens».

«Embaixador do Norte» — chamara-o Oscar Lopes, então em pleno apogeu na roda literária da metrópole — e esse título sonoro e justo ficara-lhe como supremo galardão para o resto da vida. Ninguém, de fato, o mereceu mais e ainda assim não era o bastante para lhe consagrar devidamente a devoção de vinte anos em tornar conhecido do resto do país, numa busca direta e tantas vezes penosa, na própria fonte, o imenso cabedal de observações, reparos, regis-

tros e conclusões em torno da psique do verdadeiro «homo brasiliensis» que é o sertanejo — em especial o matuto nordestino, em cujas veias correm, em parcela mínima, alienígenas hemoglobinas.

Faltava-lhe, é verdade, nem disso ele jamais se jactou, o espírito de análise e a metodologia do folclorista de gabinete, muita vez anos e anos através de estafantes percorridas pelas literaturas exóticas, no rastro duma analogia etnográfica ou antropológica que sirva para ligar o «fula» da Guiné portuguesa ao «sarará» do Seridó, o lapão da Groenlândia ao dolococéfalo da alta Alemanha. O que ele amava apaixonadamente, a ponto de sacrificar-lhe tudo — um cartório rendoso de que se desfez a tróco de dez réis de mel coado, sossêgo caseiro, saúde e bem-estar cidadão — era o convívio do homem do sertão, o caboclo de alpercata e de chapéu de couro, avesso a preconceitos civilizados e a etiquetas atrofiadas da fibra natural, o homem do pão-pão, queijo-queijo, de que encheu páginas e páginas dos seus livros.

«Leonardo Motta é o confidente da grande alma poética do sertanejo cearense — disse Anibal Fernandes, em artigo daquele tempo. — Tudo o que ele sabe é porque viu e porque viveu, porque se compraz nisso com um carinho que chega ao sacrifício de si mesmo, porque esteve ao lado de nosso homem rústico, intimamente, não como um viajante apressado, mas como um amigo, um camarada, um irmão, misturado com ele, integralizado no seu pensamento e nos seus sentimentos mais íntimos.»

Tudo isso não era possível, efetivamente, sem uma grande dose de verdadeiro amor fraternal pelo grande camunhado, cujo retrato intelectual, através do falso espírito das «charges» ilustradas e das revistas teatrais de uso nos palcos cariocas, era unicamente o do Jeca, do bestalhão, eterno motivo de troca e de desprezo das pseudo-elites nacionais.

Corajosamente, afrontando todo o mundo de desconforto que representavam (como ainda representam, trinta anos depois) as viagens pelo interior do Brasil, na maioria, então, em lombo de burro, alojado em espantosas hospedarias que do ofício teriam apenas o nome, dormindo quanta vez em plena mata, para mais perto ficar do vaqueiro e do cantador, assim foi metade da sua vida de repórter da alma sertaneja. Duma fabulosa capacidade de retentiva que lhe dispensava tomar nota da maior parte do que ouvia, dum agudo poder de observação, duma inesgotável veia humorística de que se servia, irresistivelmente, para contar depois os seus «causos», não descia nunca, no entanto, a pantomimas e histrionices tão ao gosto de outros exploradores do gênero. «Leonardo Motta fonografou a expressão verbal do matuto — notou um dos seus críticos — com a mesma inflexão, copiando-lhe a alma ao natural, tomando-lhe em flagrante o sentimento, o gesto, todas as tonalidades fugidias de seu espírito perspicaz e inculto».

«Cantadores», «Violeiros do Norte», «Sertão alegre», «Prosa vadia», «No tempo de Lampeão», volumes quase todos de edições esgotadas, algumas na casa dos dez mil exemplares, ficam para lhe atestarem, acima de tudo, a fidelidade e a presteza com que apanhava, na sua feição própria, a anotação definitiva da semântica e da lírica sertanejas, no que têm de mais íntimo e substancial. Mas no que ele era incomparável era na audição pessoal do fabuloso anedotário coligido pacientemente em tão longo itinerário de pesquisas «in vivo». Na tribuna das conferências, que foram o seu ganha-pão por muitos anos, ou em roda íntima — melhor ainda neste último caso — é que ele revelava toda a sua prodigiosa identificação com o matuto da nossa terra, com o sertanejo do resto do Brasil. Sem necessidade de recorrer a artifícios de teatralização descabida, ao contrário, com uma perfeita sobriedade, Leonardo Motta sabia dar ao vivo a real intonação da prosódia cabocla, nos seus mais sutis sinetes locais, com as suas elipses, os seus neologismos, as suas metáforas e demais peculiaridades gramaticais, do que retirava o máximo de efeito cômico.

O sertanejo que ele punha assim em contacto flagrante com os auditórios seletos, primeiro em palestras de círculos privados, depois na letra de fôrma dos seus livros, não se amesquinha, porém, pela simples exibição dos seus característicos de elocução e de psicologia. Ao contrário, sai sempre ganhando, pelo interesse e pelo carinho com que Leonardo procurava justamente pôr em evidência a sua argúcia, a sua vivacidade de inteligência, a sua astúcia matreira e plástica, de que tantas vezes o homem culto acaba vítima. Principalmente a admirável maleabilidade do espírito popular, de que nos oferece dezenas e dezenas de exemplos, não somente nos curiosíssimos desafios entre cantadores, nas feiras e nas alpendradas das casas de fazenda, como na oportunidade de comentários e narrativas, fatos e criaturas sob o prisma da crítica matuta de tão imprevisto alcance, tanta vez.

Sua principal preocupação era registrar o mais fielmente possível aquilo que ouvia, furtando-se assim a incidir na censura de Sílvia Romero, quando se refere ao trabalho de José de Alencar em «O nosso cancionário»: «O maior defeito em que pode incorrer um coletor da poesia popular é pretender corrigi-la, refazê-la. O interesse da poesia popular é todo etnográfico e para esse fim o mais apreciável são as variantes de um mesmo canto, porque são elas que nos habilitam a conhecer como cada população modificou, adaptou ao seu meio, a lição primitiva».

Sua obra, nesse particular, especialmente em «Cantadores», é insuperável. Ouvindo os mais afamados cantadores e violeiros da época, Jacob Passarinho, o cego Sinfrônio (que tantas vezes ouvi também no Mercado Público, de Fortaleza, aos domingos, desfiando estrofes, horas e horas, ao lado da mulher que

apanhava os níqueis da coleta), o cego Aderaldo, Luis Dantas Quesado, Azulão, Serrador e tantos mais, Leonardo Motta conseguiu reunir o mais valioso conjunto de «romances», desafios, galopes e emboladas, alguns deles verdadeiras obras primas de jogralidade, agudeza de espírito e emoção lírica, principalmente nos desafios, que são a pedra de toque dos verdadeiros poetas populares. Nesse capítulo, um dos mais expressivos é o que Leonardo registrou da boca de Azulão, recordando famosa contenda entre o cantador Neco Martins, de Paracuru, e a cantora paraibana Chica Barrosa, em cujos versos não se sabe o que mais admirar, se a jactância da «espanholada», se a originalidade das imagens:

Neco, você não se esqueça
De que eu sou néga atrevida...
Eu, no dia em que me estovo,
Só canto é a toda brida...
Meus olhos se acurutam,
Fica a venta retorcida:
Cantadô macho é bobage,
Não pode com minha vida...

Já perdi a paciência!
E Neco quando se assanha,
E' serpente venenosa,
E' ferroadada de aranha,
Entra na maçã do peito,
Vai batê lá nas entranha...
Eu respeitei o oditório,
A gente de cerimônia,
Mas infeliz da pessoa
Que não sabe o que é vergonha!
Por isso, néga, eu agora
Dou-te uma pisa medonha...

Pisa medonha dou eu,
Do cabelo se arrancá,
De fofá couro do lombo,
Do pescoço ao calcanhá...
Minha pisa é venenosa
Que não se pode curá...
Cada tacada que eu dou
Vejo o pedaço avoá...

Para semelhante colheita, Leonardo Motta nunca se arreceiou de qualquer arrancada. ora ao extremo Norte, ora ao extremo Sul, do litoral de Santa Catarina ao mais recuado recanto do «hinterland» goiano. Contudo, ninguém menos indicado para essas tropelias andariegas do novo Quixote do que esse, em certo tempo, quase rotundo patriótico que de si mesmo dizia, com a malícia mais pitoresca: «Como aquele andarilho de quem falo num livro meu, «moro debaixo do meu chapéu e em riba das minhas apragatas»... Tenho sido, de fato, um paradoxo ambulante. «Cabeça chata», filho da terra da fome, cearense, mas gordo. Em geral, os indivíduos gordos não se aluem, não se locomovem facilmente, e amam a vida repousada e sedentária. Eu, todavia, tanto gosto de ver outras terras, sou tão curioso de ouvir outras gentes, tanto tenho «vagado» pelo mundo, que reivindico para mim, pelo menos, a certeza de ser o literato mais vagabundo que o Ceará possui»...

Só assim se explica mesmo a diversidade e a riqueza da sua grande obra

(Continua na pág. 50)

Leonardo Motta, em companhia do cantor Anselmo Vieira de Souza, quando colgia o material de «Cantadores».





Conto de MARTINS CAPISTRANO ★

Ilustração de ABELARDO ZALUAR

OS passageiros do avião, que ia decolar, já se tinham acomodado nas poltronas macias e amarravam as cintas verde-escuro sob a sugestão do letreiro luminoso impresso à porta da cabine, de comando. Marta Bezerra foi a última a entrar no Douglas D. C. 4 de 21 lugares, que deixaria São Paulo às 15 horas daquela fria tarde de setembro. Estava brumoso o aeroporto de Congonhas, que um céu de cinza enchia de garoa silenciosa e melancólica... Mãos angustiadas acenavam de longe para o aparelho, que partia... Falavam, saudosamente, nos gestos nervosos da despedida... E muitos olhos ficaram chorando no pavilhão de embarque... Para molhar os lenços já úmidos da chuva fina, impertinente, que não cessava de cair sobre o campo, sobre a cidade, sobre os bairros paulistanos...

Marta sentou-se, tristemente, no único lugar vazio. Sem olhar para os lados. Contemplativa e desolada. Mas, reconhecendo o vizinho da esquerda, sorriu... Fernando Mota sorriu, também, para exclamationar:

— Você, Marta!
— Eu mesma. Mudei tanto assim?...
— Não. Mas é que...
— Envelheci com o meu sofrimento...
— Mas é que eu a fazia longe de São Paulo...
— Sempre morei aqui, a pesar de tudo. Sinto-me bem na minha terra.

— E Campinas?...
— Deve estar onde nós a deixámos. Lembra-se?... Éramos dois crentes na religião da esperança... E supúnhamos eterna a felicidade, tão efêmera, que o destino nos dera...

— E' verdade, Marta... Acreditávamos na doce mentira, que nos envolveu... Você, ingênua, apaixonada, com seus olhos azues perdidos na ilusão do seu amor... Eu, desesperado, inquieto, tentando fugir da minha desdita... Seu coração, tão generoso, consolou-me um instante... Vivemos dias, meses, anos iludidos nessa pobre ventura, que nos abandonou...

— Porque você quis...
— Não, Marta. Porque o destino exigiu. Sen-

tenciou. Impôs. Nenhum de nós desejou a separação! Sempre repelimos a idéia de interromper um romance que, afinal, nos reconciliava com a vida... Conhecemo-nos quando precisávamos, avidamente, um do outro. Você vinha de um amor, que não a compreendeu. Trazia nos olhos o seu infortúnio. Desiludida, amargurada, pretendia viver sem outro afeto além do de seus filhos, que não tinham culpa da sua desventura. Mas encontrou-me em seu caminho. E eu seguia tão só quanto você. Inconsolavelmente só. Entendemo-nos tão bem, nos primeiros tempos... Depois...
— Depois você se cansou de mim... Eu era pobre... Eu era triste... Eu era desditosa. Era a mulher abandonada com quatro filhos para amar e amparar...

— Não foi isso, querida. Seu marido, que a deixara por outra, começou a perseguir-nos. Para difamá-la. Para vingar-se do esquecimento, com que você o castigou. Ele fazia questão que você sofresse sôzinha. Egoísta e mau, não admitia amor em seu coração de mulher. E ameaçou-nos com o veneno e as armas da calúnia...

— Você teve medo. Desertou. Deixou-me ainda mais só...

— Sem jamais esquecê-la, como você sabe. Apenas quis libertá-la dos meus desejos, da minha inquietação, das minhas angústias, da minha resignada melancolia...

Marta sentiu-se mal quando o avião, dentro das nuvens, começou a oscilar, sacudido pelos ventos da tarde chuvosa. Interrompeu-se o diálogo romântico dos dois passageiros dos penúltimos assentos. Fernando Mota abrigou a loura cabeça de sua linda companheira de viagem. O perfume de outrora (Arpège?) penetrou-lhe, violentamente, nos sentidos. E ele teve saudades do passado... Marta nunca saíra de seu pensamento. Recordava-a com a ternura que seu coração guardava em quase dez anos de separação. Ainda lhe queria com o mesmo afeto dos dias felizes de Campinas, a cidade dos seus sonhos, das suas ilusões, do seu amor...

Pelo espírito de Fernando desfilaram as ce-

nas da praça Campo Sales, da Catedral, do Bomfim, Guanabara, do Bosque... E vendo tão perto dos seus os lábios que muitas vezes beijara, não resistiu ao desejo de consolar com um beijo aquela que fora tudo para ele, na tranquila vivenda da rua Aquibadan. Marta sentiu o beijo... E abriu os olhos... E despertou da espécie de letargia, em que caíra, antes que o comissário aéreo lhe trouxesse o calmante do Vasano. Tonta, ainda, balbuciou:

— Que feio estou fazendo! Eu que nunca enjoei... Parece até que me comovi com a sua presença, Fernando...

— E se foi por isso?...

— Considero uma fraqueza de minha parte...

— Então, nada mais valho para você?...

— Não sei...

— Diga, Marta...

Voltou o mal-estar da passageira loura. Marta não pôde responder. E fechou, novamente, os olhos cõr de céu... Pendeu a cabeça para o ombro de Fernando, que se inquietou e pediu o auxílio do comissário. O aparelho continuava jogando no espaço, batido pelas nuvens, que corriam para o sul. De novo se descerraram as pálpebras desalentadas de Marta, que contemplou, melancolicamente, a intranquilidade de Fernando, para pedir-lhe, num sussurro:

— Desculpe-me... Até aqui, distante da terra, o faço sofrer... Você é tão bom, Fernando...

— Porque a amo, querida. Como no nosso venturoso tempo de Campinas... Naquêle tran-

(Cont. na pág. 56)

O AVIÃO



Em 1947 a colheita foi tão abundante que os toneleiros tiveram que fabricar novas barricas para receber o vinho novo.

IMAGINE um instante o quanto seria ridículo se um dia tal país, grande produtor de presunto ou tal outro, fabricante de cerveja ou de afamados automóveis, pedisse a escritores, sábios, políticos célebres que se tornassem embaixadores do presunto, da cerveja ou do automóvel... Mas a cidade de Beaune, capital dos grandes vinhos de Borgonha, acaba de assumir, contudo, essa iniciativa, oferecendo aos maiores nomes das letras, das ciências e da diplomacia o título um pouco inesperado de «embaixadores dos vinhos da França», sem que seu gesto pareça de qualquer modo ridículo, ou mesmo «comercial».

E' que desde o tempo em que nosso frágil antepassado Noé descobriu o encanto do «último copo», em todas as épocas e em todas as latitudes, o vinho sempre foi infinitamente mais do que vulgar necessidade ou simples «produto de exportação». Não preciso lembrar aqui o papel glorioso e importante

que desempenha, há milhares de anos, nas artes, na música, na literatura. Possui sua literatura, sua pintura, suas canções e é muito natural que agora tenha também, afinal, seus embaixadores.

O ERRO DOS AUSENTES

Por que terão os vinhos de França tanta necessidade de embaixadores, isto é, de defensores propagandistas, precisamente agora — haveis de indagar — quando os franceses não recebem sequer sua ração de vinho semanal e em que alguns preconizam, como remédio, a diminuição da exportação?

Porque a falta de vinho ordinário é devida quase que exclusivamente à especulação, enquanto, a despeito das aparências, a exportação dos vinhos finos está longe de atingir seu volume anterior à guerra. A razão é simples: por mais de cinco anos a França se achou impossibilitada de exportar.

Barrica chela de uvas colhidas por um grupo de vindimadores franceses. Que tipo de vinho sairá daqui?

OS "EMBAIXADORES" DOS VINHOS DA FRANÇA

CURIOSA INICIATIVA DE UMA ACADEMIA NOS SAO
NHA — PAUL REBORELLI

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

NO PALACIO DOS DUQUES DE BORGONHA

A iniciativa de confiar o «reerguimento e o cuidado permanente do prestígio dos vinhos da França a embaixadores» cabe ao sr. Duchet, conselheiro da República e prefeito de Beaune.

A originalidade dessa idéia é de não procurar fazer publicidade somente para os vinhos de Beaune mas para todos os vinhos da França.

Eis o que explica que todos os candidatos ao posto de embaixador tenham aceito esta honra com diligência, todos com exceção de dois: a escritora Colette, por estar adoentada, e Louis Jouvet, ocupado demais, adiaram até agora suas respostas. Mas os srs. Georges Duhamel, Duff Cooper, embaixador da Inglaterra em Paris, general Delattre de Tassigny, professor Pasteur Vallery Radot, Roland Dorgès, Maurice Garçon, Claude Farrère, Léon Noel, Emile Henriot, Maurice Dekobra, Pierre Benoit e muitos outros responderam «presente». A lista, contudo, está longe de ser completa; várias personalidades francesas e estrangeiras foram sondadas e serão investidas de sua função dentro em pouco. O número de



EMBAIXADORES DOS DA FRANÇA"

A DE UM PREFEITO FRANCÊS —
S SAJES DOS DUQUES DE BORGONHA
BO E O ELOGIO DO VINHO

Por LUCIEN COROSI

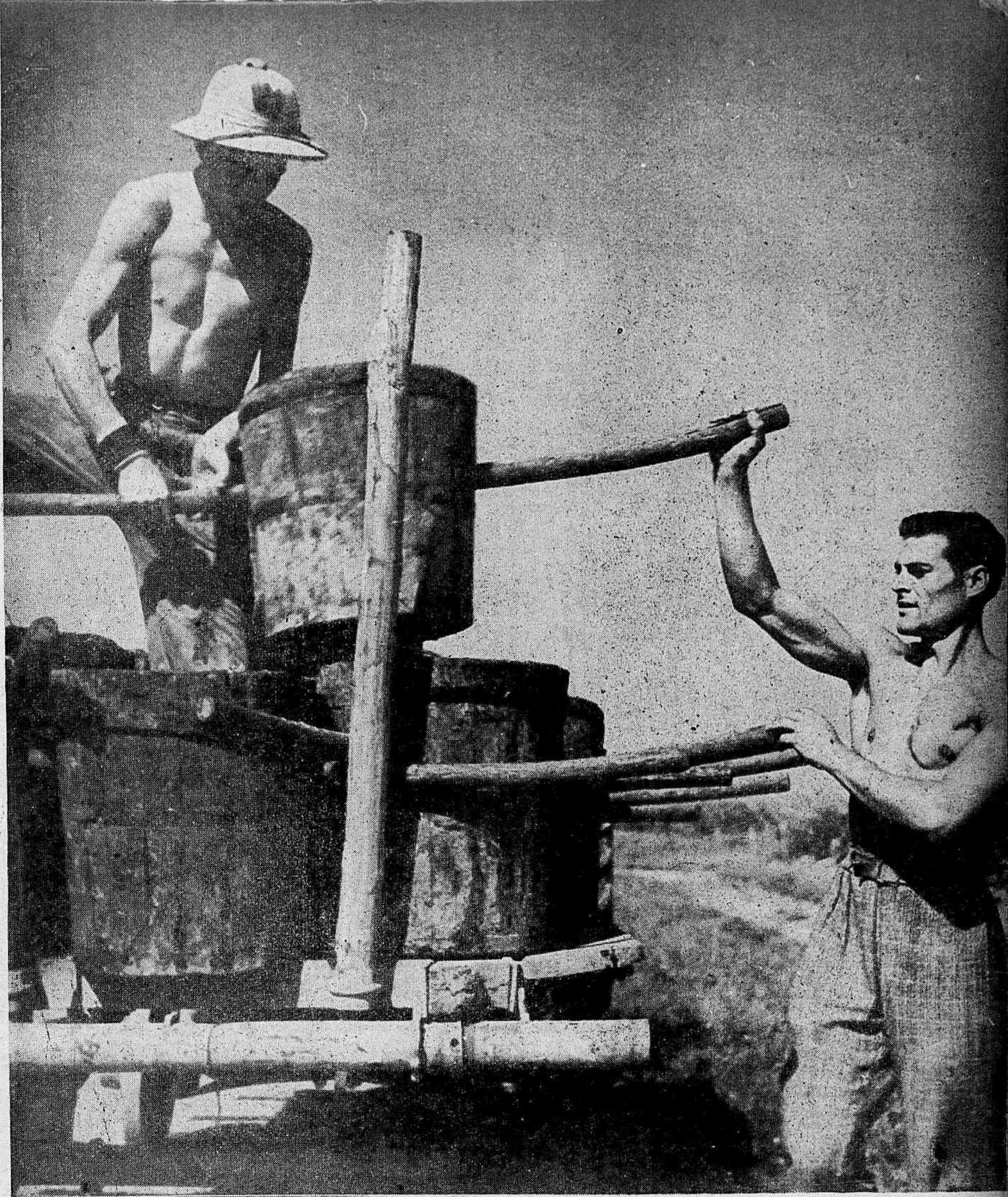
A DA SEMANA -- Copyright do S.F.I.)

embaixadores está, contudo, limitado e não ultrapassará, em nenhum caso, a cifra de quarenta. Serão quarenta, como os acadêmicos.

Essa Academia dos Vinhos terá sua sede permanente em Beaune, no célebre Palácio dos Duques de Borgonha, onde já se acondiciona em sua honra uma sala especial. Os móveis foram emprestados pelos Museus Nacionais, enquanto as paredes serão decoradas com «gobelins» alegóricos de Jean Lurçat, o renovador da tapeçaria francesa.

Além de seus embaixadores, os vinhos da França terão também seus adidos de imprensa, — «jornalistas franceses e estrangeiros» que bem mereceram dos vinhos franceses, incumbidos de cantar a glória da vinha nos setores jornalísticos. A primeira grande manifestação desse corpo de diplomatas de novo gênero realizou-se em Beaune. Duas outras festas foram igualmente previstas para a Champagne e Alsácia. O primeiro dia da festa de Beaune foi marcado pela palestra sensacional do brilhante advogado e novo acadêmico Maurice Garçon: «Arrazado dos vinhos da França».

O dia seguinte foi o da degustação de todos os vinhos da França, pondo à prova a sobriedade daque-



As barricas cheias são colocadas numa carroça, para à noite serem transportadas para a prensa.



les que quiseram (após tantos anos de provação) dar a volta de todos os vinhos numa só tarde. Duvidamos, entretanto, que qualquer dos novos embaixadores venha a fazer mais eloquente defesa dos vinhos da França ou, — melhor, — do vinho em geral, do que o famoso escritor Paul Reboux.

RELEMBRANDO AS OPINIÕES DE PAUL REBOUX

E' interessante lembrar, aqui, as opiniões de Paul Reboux, que fala não apenas com a sua inegável qualidade literária, mas com sua capacidade de entendido em nutrição e regimes dietéticos. Eis o que ele diz:

«O vinho, do mesmo modo que o álcool, absorvido moderadamente, não deve ser objeto de uma interdição absoluta.

Há quem se tenha divertido por vezes em estabelecer relações entre os escritores e os músicos. Na mes-

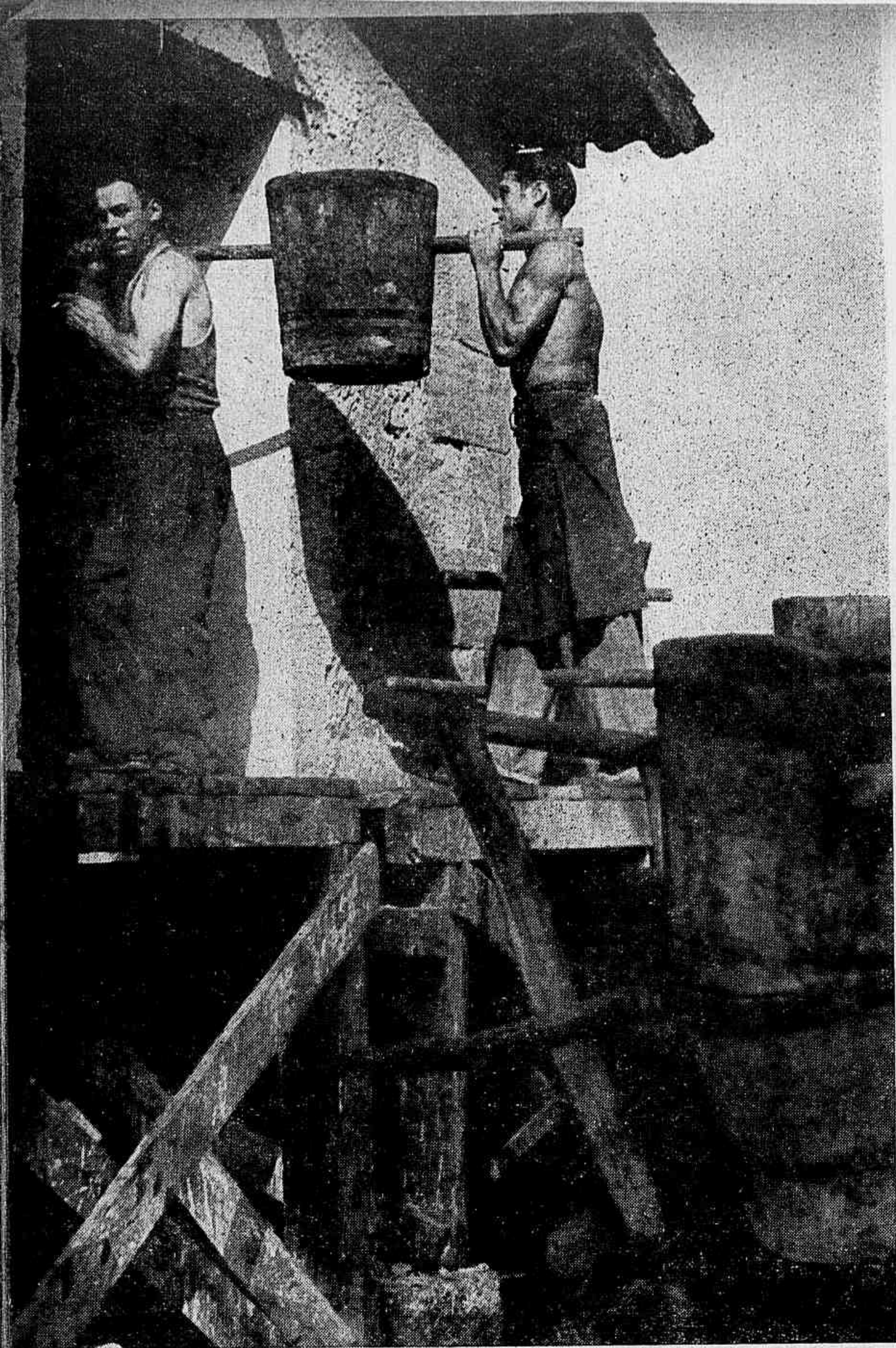
ma ordem de analogias, tem-se procurado imaginar a côr de um estilo ou qualificar o cheiro que poderia exalar um romance...

Não se poderia, também por diversão, procurar traços de semelhança entre certos vinhos e certos escritores?

Os vinhos do Anjou, da Touraine, em que aparecem tão deliciosamente as qualidades excepcionais da nossa raça, a saber, a harmonia, a medida, o encanto e o calor, fazem-me pensar em Anatole France. Confundido intimamente os meandros felizes de seu estilo e esses filetes de água azul que o Loire insinua entre os bancos de areia. E certas frases suas persistem na memória como se conserva na boca o aroma meio adocicado de uma boa garrafa angevina.

O chateaufort, o hermitage o tavel, vinhos meridionais, ricos de um poder que explode e que se impõe, um pouco pesados também, um tan-

Robert Taylor e sua esposa Barbara Stanwyck, provam vinhos franceses, em presença do «embaixador» Armand Salacrou, célebre autor dramático, que se acha inclinado, em meio de caçadores de autógrafos.



Vemos aqui trabalhadores levando uva à prensa, em uma das regiões vinícolas da França.

to cruéis para com aqueles que os saborearam, compará-los-ei a Léon Daudet, esse excelente escritor que acha meio de se tornar inimigo até daqueles que o admiram.

O vinho de Borgonha, com sua força, sua majestade, a amplidão do seu gosto, o vinho de Borgonha, que diabo, é Zola, é Hugo. E' uma espécie de vinho de beleza gigantesca. No entanto, é preciso distinguir seus méritos não entre grande número de frases superficiais, epítetos grandiloquentes, digressões pesadas, mas entre as múltiplas garrafas apócrifas. Muitos vinhos de Borgonha se valem de um grande renome para misturar aos crus (Cru, palavra intraduzível; vinho afamado de uma região) autênticos uma perigosa geropiga.

O beaujolais? Associe-o à imagem de Henri Béraud, um pouco rude, mas cordial e de um estilo perfumado de naturalidade, de um estilo generoso, rico e vivificante.

O vinho de Bordeaux... Ah! para esse, são os mestres soberanos que convém evocar. O vinho de Bordeaux, que é o vinho perfeito, sutil e forte ao mesmo tempo, majestoso e delicado simultaneamente; o vinho de Bordeaux, cujo gosto é o da trufa e da violeta misturados; o vinho de Bordeaux, que não se impõe entrando de bota e capacete no estômago,

mas que se insinua no organismo, como poderia entrar num salão de Versailles um gentleman de grande raça, o vinho de Bordeaux equivale para mim a Gustave Flaubert, por seu poder e sua perfeição; a Mérimée, pelo que tem de requintado e de circunspeto; a Pierre Louys, pela poesia de certos crus quentes e douradas que parecem impregnadas de um sol irmão do sol da Attica; a Voltaire, enfim, tão perfeita expressão do encanto literário francês; a Molière, de quem nos veio tudo que o nosso teatro contém de robusto e de generoso.

Quanto ao vinho de Champagne... Pois bem! O champagne faz-me pensar num número de «La Vie Parisienne». Mas, não tomeis isso por uma censura. «La Vie Parisienne» — Taine e Paul Bourget foram outrora seus colaboradores.

CIENTISTAS ILUSTRES DEPOEM SOBRE O VINHO

Entretanto, muitos médicos — que seguem docilmente as opiniões dos manuais pelos quais estudaram, ou as opiniões de alguns professores dispépticos e atabaliários — condenam o vinho.

E a condenação parece justificada quando se medem os efeitos causados pelo excesso dessa bebida.

Tive a curiosidade de procurar conhecer a opinião de alguns mestres da ciência médica e da higiene. Fiquei surpreendido ao ver com que unanimidade todos esses pontífices falam com simpatia do vinho.

Permiti que vos enumere seus nomes e seus títulos. Vereis que toda a França médica está de acordo em afirmar que o vinho, em lugar de ser nocivo, é uma bebida excelente.

Em primeiro lugar, quero citar o professor Alexandre Guéniot, decano da Academia das Ciências, que escreve: «Sempre bebi e ainda bebo vinho. O vinho, tomado com moderação e para mitigar a sede, deve ser mais recomendado do que proibido». Ora, o professor Guéniot traçou essas linhas com mão ainda firme, aos noventa e oito anos.

O saudoso professor Vidal, membro do Instituto e da Academia de Medicina, declara: «O vinho, para quem o toma sem excesso, é um tônico para os músculos e um estimulante para o espírito».

O professor Jean-Louis Faure,

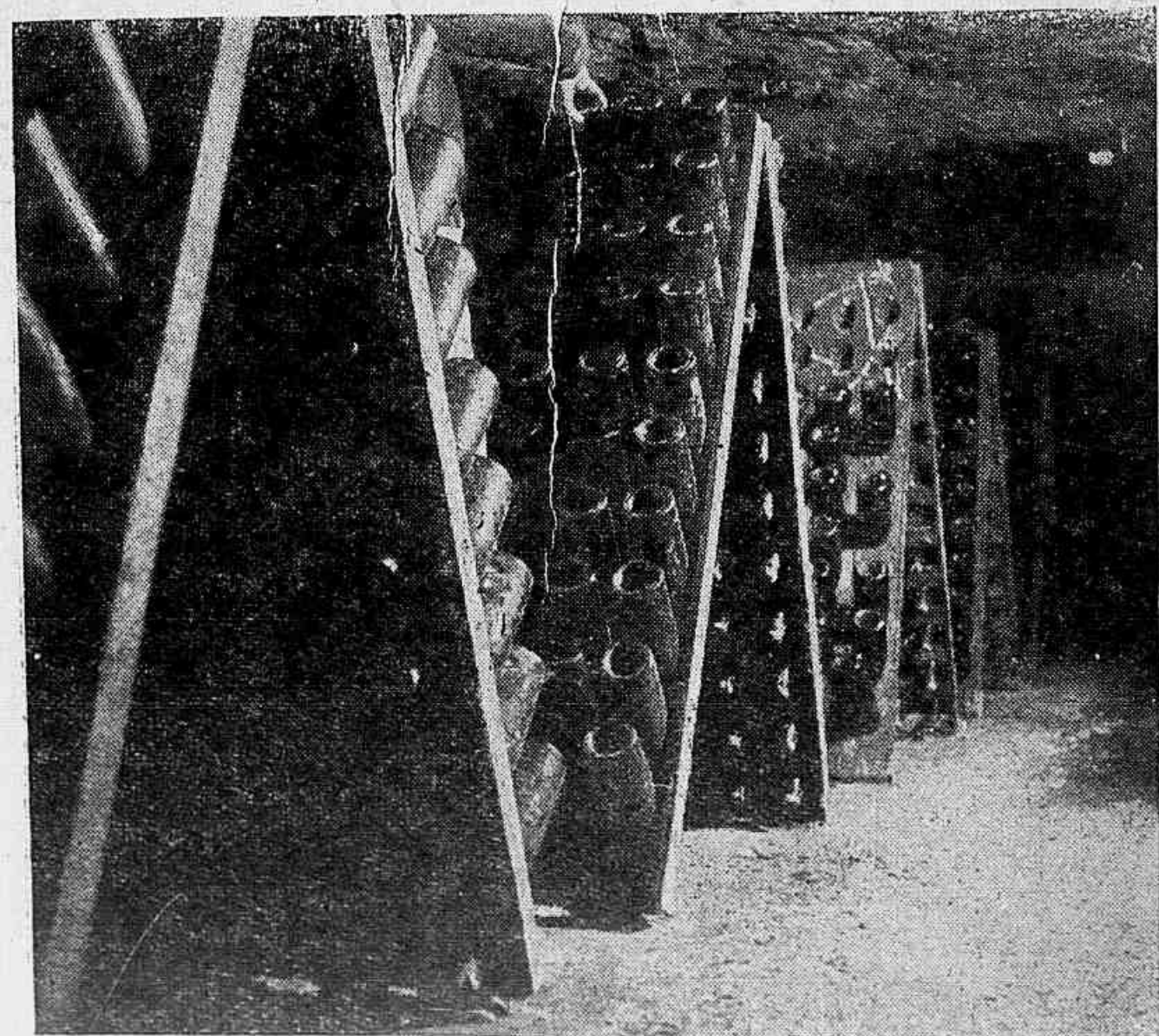
membro da Academia de Medicina, afirma: «O bom vinho de França é o principal elemento de satisfação nas refeições. E' a ele que a cozinha francesa deve sua realeza soberana. Não há nada melhor, para combater o alcoolismo, que estimular o uso moderado do vinho, pois os que fazem do vinho sua bebida quotidiana, escapam à invencível necessidade de substituí-lo pelo álcool».

Pego-vos que notéis aqui uma das principais razões por que os ingleses e os americanos são tão grandes bebedores de gin e de whisky. Eis a revelação psico-fisiológica das origens do seu vício. Se a proibição americana, ao mesmo tempo que vedasse o uso do álcool, autorizasse o consumo moderado do vinho, não teria de mobilizar tantos policiais a fim de perseguir os introdutores de álcool no território dos Estados Unidos.

O professor Pierre Duval, membro da Academia de Medicina, trata da questão tanto com preocupação de economia política como de economia orgânica: «Beber vinho com prudên-



A colheita da uva é realizada por homens e mulheres. As alas de cepas, muito separadas umas das outras, facilitam o trabalho dos vindimadores.



Vemos aqui a conservação do Vauvray nas adegas. As garrafas são colocadas semi-inclinadas, por causa da pressão provocada pela fermentação.

cia é aumentar as próprias forças e manter uma das gloriosas riquezas da França».

O professor Sicard, membro da Academia de Medicina, precisou as razões pelas quais o vinho, conquanto bebida alcoólica, não é nocivo: «O vinho, bebido sem excesso, regula e disciplina nosso meio humoral. Anti-microbiano e excitador dos fermentos de defesa, ele soube, no álcool, aproveitar a boa semente e rejeitar a má».

O professor Lagrange, de Bordeaux, escreve: «O vinho é, por assim dizer, indispensável ao homem, e suprimi-lo é condenar inexoravelmente a humanidade à procura inquietada de equivalentes tóxicos e às piores degradações».

O professor René Pierret, de Lille, justifica, valendo-se de razões morais, a simpatia que a ciência médica testemunha para com o vinho: «O vinho de França traz consigo a alegria, a força, a mocidade e a saúde. É um pouco de sol em garrafa».

O professor Jean Lepine, decano da Faculdade de Medicina de Lyon, concorda com seus confrades ao precisar bem que o vinho não é nocivo senão quando se abusa dele; isto é, quando é tomado até a embriaguez: «O vinho, que excita, e comunica alegria, seria menos perigoso se não tivesse qualidades próprias. Os males que engendra quando é tomado em excesso, participam das vantagens que proporciona àqueles que usam dele de modo salutar».

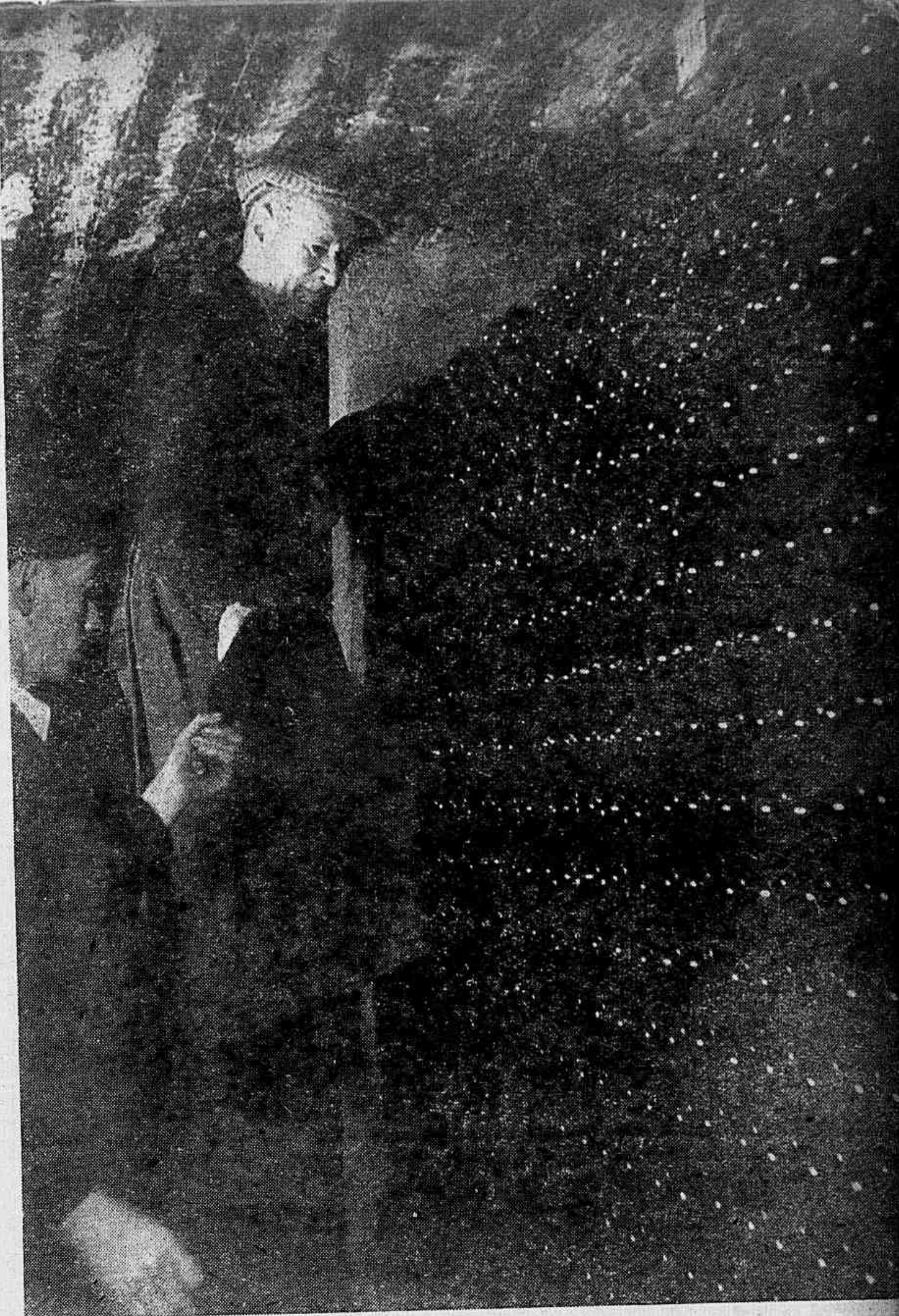
O professor Virès, de Montpellier, exorta-nos a desejar: que o vinho, que é um alimento, tenha seu lugar determinado na ração alimentar do homem são e do homem doente».

O dr. Bouchardat, antigo professor de higiene na Faculdade de Medicina de Paris, escreve em seu «Traité d'Hygiene»:

«O vinho é, entre as bebidas fermentadas, a mais importante, a mais útil, quando seu emprego é bem regulado, e a menos nociva a certos respeitos, mesmo quando se abusa dela.»



Aspecto da vindima numa das férteis regiões da Borgonha.



Depósito de vinho de Champagne, — o vinho espumante que é considerado o mais fino néctar.

O dr. Arnould, professor na Faculdade de Lille, escreve no seu tratado de higiene:

«O vinho tinto ativa a digestão no estado fisiológico. É, em toda a força do termo, um agente eupéptico. O vinho é, pois, uma bebida útil, que exerce uma ação feliz sobre a digestão, sobre o sistema nervoso, sobre a nutrição — uma bebida verdadeiramente higiênica.»

O professor Borel, de Strasburgo, faz esta observação: «O micróbio não gosta do vinho, auxillar da higiene».

O professor Rémond, de Toulouse, concorda com todos os seus colegas ao dizer: «O vinho é o inimigo do alcoolismo».

O sr. Pierre Viala, membro do Instituto, declara: «O uso moderado do vinho é o melhor antídoto do álcool. A prova está nas nossas populações vinícolas, que são as mais sóbrias do país. O vinho é um alimento complementar, um reconstituente enérgico e higiênico. O caráter francês foi certamente influenciado, em sua evolução hereditária, pelo uso contínuo do vinho natural».

Enfim, o grande Pasteur não disse que «o vinho é a mais higiênica e a mais sã das bebidas»?

Não venham, pois, dizer-nos agora que os sábios condenam o vinho.

Compete aos próprios doentes tomar uma decisão em semelhante caso. Se um beaujolais lhes parece muito forte, que experimentem o efeito de algum chinon ou de algum bourgueil. Se tal bourbogne lhes pareceu pesado, lhes causou entorpecimento, tentem o uso de um bordeaux mais fluido e menos rico.

O essencial é não banir o vinho por princípio e sem tentativas múltiplas. Há poucos medicamentos que atuem tanto como o vinho sobre o moral dos doentes. Se são curáveis, o vinho apressará a cura. Se são incuráveis, concorrerá, pelo bem-estar que produz na economia, para ajudá-los a suportar o mal.

De onde provém, pois, esse desfavor bizarro de que o vinho, momentaneamente, foi vítima?

Eis aqui: Em 1854, um sueco, Magnus Hus, formulou uma teoria sobre as devastações do álcool. Atribuiu-lhe todas as doenças. A moda adotou esse paradoxo. Hus arranhou prosélitos. As doenças do fígado, do sistema nervoso, da mente, do coração, dos vasos, lhe foram atribuídas. Guerra ao vinho! De tal modo que as municipalidades e o Estado, dominados pelos pretensos higienistas, cobriram de impostos a bebida nacional!»

Um perito prova o vinho conservado durante longos anos nas adegas das regiões de Bordeaux.

A VIDA DE CONFÚCIO

551—478 a.C.

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)

O sábio era filho de um soldado — um guerreiro obscuro, que se considerava o menos digno de uma longa série de nobres antepassados. Shu-liang Heh, passados os setenta anos, vivia triste. Sua mulher não lhe dera senão filhas; e sua concubina, um filho aleijado e espúrio. Ora, um dos princípios cardeais da fé chinesa era que todo homem devia deixar no mundo um filho legítimo para orar por ele depois de sua morte. O espírito de Shu-liang Heh não poderia descansar em paz no além-túmulo. Assim, pouco antes de se preparar para a última jornada, o velho soldado tomou por esposa uma rapariga de dezessete anos. Em breve, outra vida pulsava nas entranhas da mulher. E nasceu um menino.

O ancião ficou maravilhado com as enormes orelhas da criança. De acordo com a tradição chinesa, orelhas daquele tamanho eram sinal de sabedoria. «Será um homem sábio», profetizou o pai radiante. E deu-lhe o nome de Kung-fu-tse, que significa «o sábio sr. Kung».

E, realmente, Kung-fu-tse — ou Confúcio — revelou-se um menino invulgar. E o seu fardo na vida foi também invulgar. Quando contava três anos, perdeu o pai; e ao atingir a adolescência foi obrigado a sustentar sua jovem mãe. Aos dezessete anos pleiteou um posto na administração civil e foi nomeado «guarda dos suprimentos nacionais de cereais». Parece ter colhido respeitável safra financeira, pois quando completou dezoito anos pôde dar-se o luxo de uma esposa. Além disso, captou a estima dos funcionários mais graduados. No dia do seu casamento recebeu do duque um «presente mul generoso e útil» — um casal de carpas. E o jovem noivo retribuiu a honra do presente um ano depois, dando a seu filho o nome de Po-Yu, «Lindo Peixe».

O «sábio sr. Kung» prosperava no seu cargo. Mas não vivia satisfeito. Era, por natureza, mais inclinado ao pensamento que à ação. Desejava, acima de tudo, ser professor.

E a oportunidade chegou pelos canais da aflição. Morreu-lhe a mãe, e assim ele se viu livre do fardo da dependência materna. Retirou-se por três anos, de acordo com o costume chinês, a uma cabana próxima à sepultura de sua mãe. Depois, tomando pela mão sua mulher e o filhinho, partiu à procura de discípulos. «Vivo agora», disse laconicamente, «ao norte, ao sul, a leste e oeste». Mas sua residência fixa, poderia ter acrescentado, era entre seus pensamentos.

II

No sexto século antes de Cristo, a China era uma nação sujeita a muitos senhores feudais que se inclinavam docilmente diante do imperador e se apunhalavam uns aos outros nos intervalos do cerimonial. Nesse período, os espíritos turbulentos do país haviam-se apoderado temporariamente da gestão dos negócios públicos. Mas a China tinha atrás de si um longo período de história — milhares de anos — em que os sábios, e não os bárbaros, subiam ao pináculo do poder. E agora que «os cães danados do desgoverno» tinham escapado dos canis, os chineses esclarecidos procuravam consólio estudando as «maneiras e virtudes» das éras passadas. Entre esses pesquisadores da história antiga estava Confúcio, cujos antepassados também vinham acumulando saber havia mais de mil anos. E um dia, na sua busca de saber, chegou à corte de Chou e procurou Lao-Tsé, o afamado filósofo e zelador da biblioteca real.

Conversou muitas horas com Lao-Tsé, ostentando a sua ilustração. E o velho filósofo escutou o moço com um sorriso divertido. Finalmente disse a Confúcio:

«Os assuntos e pessoas de que falas estão mortos... Ouvi dizer que um bom mercador, tendo grandes tesouros enterrados, não está em melhor situação que um indigente».

O moço regressou perplexo de sua visita. «Sei como voam as aves, como nadam os peixes, como correm os animais pela floresta. Mas em presença do dragão, fico desorientado. Não sei explicar como cavalga o vento através das nuvens e sobe ao céu. Hoje vi Lao-Tsé, e só posso compará-lo ao dragão».

Mas gradualmente, à medida que o jovem e envergonhado professor reunia alunos e amadurecia o pensamento, a significação das palavras de Lao-Tsé foi-se tornando algo mais clara. Sua província natal de Lu tinha sido assolada por uma série de guerras civis. Seu leal amigo, o duque de Kao, foi compelido a cruzar a fronteira e refugiar-se no reino vizinho de Ch'i. E Confúcio, antevendo o destino que esperava a qualquer dos partidários do duque, se caísse nas mãos do inimigo, escolheu alguns entre os seus discípulos mais capazes e seguiu o duque ao exílio. Ao atravessar uma paragem bravia entre as montanhas, encontrou uma mulher desfeita em pranto, ajoelhada junto a uma sepultura recente. Confúcio interrogou-a sobre a causa da sua dor.

— O pai de meu marido, — respondeu ela, — foi morto neste lugar por um tigre, e meu marido também. Agora meu filho teve a mesma sorte.

— Então por que não te mudaste para uma comunidade civilizada? — perguntou o mestre.

— Aqui, — disse a mulher, — não há governo tirânico.

Quando Confúcio chegou a Ch'i, apresentou-se diante do príncipe e ofereceu os seus serviços para o fim de abolir todo «governo tirânico». Pois compreendera finalmente as palavras de Lao-Tsé. A moeda da instrução devia ser retirada de suas arcas e posta a circular, para chegar aos cofres da humanidade. Em épocas de grande perturbação social, o sábio devia converter-se em estadista.

A princípio, foi com prazer que o soberano de Ch'i recebeu um filósofo na sua corte. Gostava de discutir os problemas de Estado com Confúcio, cujos pareceres o espantavam e divertiam. Certa vez, pediu-lhe a definição do bom governo. «Há bom governo», respondeu Confúcio, «quando o soberano é soberano e o ministro é ministro; quando o pai é pai e o filho é filho». O príncipe fez sinal de assentimento. «Não entendo o que dizes mas soa bem».

O filósofo impressionou-o. Quis dar a Confúcio o governo de uma província. «Fá-lo-ei ministro de Lin-ch'in», disse aos seus conselheiros. Estes ficaram estupefatos. O que? Confiar uma cidade àquele filósofo? Preferiam ver o país à beira da ruína! Com muitas mesuras e torcer de mãos, o primeiro ministro suplicou ao príncipe que abandonasse a «fatal» idéia. «Esses pensadores, Sire, não têm espírito prático, e não podem ser compreendidos pelo povo. São altaneiros e presunçosos no seu modo de pensar. São excessivamente perigosos». O príncipe encolheu os ombros e conveio em que «introduzir a filosofia nos conselhos de Estados, em fim de contas, poderia ser muito pior que a revolução». E sugeriu a Confúcio que talvez a vida na corte não quadrasse muito bem a um homem de índole filosófica.

O sábio teve o bom-senso de aceitar a sugestão. Deixou o reino de Ch'i e voltou à sua cidade natal, onde a situação política novamente se tornara favorável aos seus amigos. Estes amigos tinham ouvido falar da maneira como ele fora tratado na corte de Ch'i; e, por

puro espírito de rivalidade, se não por generosidade, ofereceram-lhe a administração da província de Chungtu. Uma purificadora vaga de justiça — uma dessas raras purgações históricas — acabava de varrer o coração humano. No ocidente, o estadista-filósofo Solon outorgara o seu «bendito código de liberdade» ao povo escravizado da Grécia. Na Índia, o Príncipe Buda, o Iluminado, despertara os seus compatriotas para a beleza de uma nova religião. Em Babilônia, surgira Ezequiel para denunciar a idolatria das classes dominantes. E agora, na China, o «sábio sr. Kung» recebia o presente de uma cidade, onde realizar o seu experimento de governo honesto. Por algum tempo, pareceu que a família humana, renunciando por fim ao predatório vaguear na selva, ia «endireitar-se».

III

Grande parte dos encargos do novo ministro de Chungtu afigurar-se-iam um tanto cômicos ao americano moderno. Entre outras coisas, era sua obrigação «regular as maneiras e a moral do povo». Prescrevia as diferentes espécies de alimento que as pessoas de diversas idades poderiam comer, as roupas que deviam usar em particular e em público, o número de reverências que deviam fazer ao saudarem-se. «Os homens devem ter o cuidado de caminhar do lado direito da estrada, as mulheres do lado esquerdo». Estipulava a espessura da madeira empregada nos ataúdes e a profundidade dos túmulos. Formulou a lei da renúncia. «O que se deixa cair no chão não se pode tornar a apanhar».

Foi tão bem sucedido na «humanitária execução» dessas leis que o príncipe o nomeou ministro do Crime. «E o crime cessou como por encanto... A desonestidade e a dissolução esconderam a cabeça... A lealdade e a boa-fé tornaram-se as características dos homens; a castidade e a docilidade, os ornamentos das mulheres... Confúcio era aclamado como o ídolo do povo, e seu nome brilhava nas canções populares».

Por fim, o príncipe o promoveu ao cargo de primeiro ministro. Mas esta promoção foi o início da sua queda. Pois os príncipes das províncias vizinhas começavam a sentir inveja do seu êxito como reformador. Temiam o poder de um governante que sabia conquistar o

coração do povo. «Tendo Confúcio a frente do governo, Lu em breve se aventurará aos outros Estados. Os nossos súditos abandonarão as nossas províncias e confluirão para Lu».

Assim, os atemorizados príncipes confabularam entre eles e tramaram um plano para separar o príncipe de Lu e o seu ministro. O príncipe, refletiram, estava enfeitado pela filosofia do ministro. Só havia um meio de quebrar o encanto — ou seja, com outra espécie de feitiço. Portanto, enviaram a seu «glorioso irmão, o príncipe de Lu», um presente de oitenta lindas bailarinas. E o príncipe engoliu a isca. Recebeu no seu palácio a beleza, e pôs a sabedoria fora de portas. Transcorreu uma estação, e ainda Confúcio esperava pacientemente que seu amo recobrasse o juízo. Então, com a fortaleza moral do filósofo, dirigiu-se novamente para o exílio.

IV

Treze anos errou ele de cidade em cidade, com seus discípulos fiéis e frequentemente contristados. Certa vez, um ancião estranho abeirou-se desses discípulos de Confúcio. «Meus amigos, por que vos afligis com a má fortuna de vosso mestre? O mundo esteve longo tempo privado dos princípios da verdade e da justiça. O céu utiliza-o agora como um sino para repicar a mensagem de Deus».

Mas se os ouvidos dos homens relutam em ouvir, as bocas estavam prontas a vituperar. Só nas florestas e nas fortificações das montanhas é que Confúcio encontrava um silêncio amigo. Onde quer que falasse ao povo, era apupado e apedrejado. Quando chegou à província de Wei, o príncipe infligiu-lhe um vexame especial. Fez sair a passeio sua favorita e obrigou o filósofo a seguir imediatamente atrás em uma carruagem. E o populacho gritava exultante: «Olhem a Virtude correndo atrás da luxúria». O soberano de outra província mandou derrubar a árvore sob a qual Confúcio pregava. «Que caia sobre ele e esmague esse intrometido». Quando chegou à província de Chiang, o guarda-barreira não quis deixá-lo passar.

— Não sabes quem é ele? — perguntou um dos discípulos.

(Cont. na pág. 49)



CONFÚCIO

NOS BASTIDORES FEMININOS

O ritmo liberal da época moderna favorece realmente à mulher? Não há dúvida de que as de inteligência superior e elevada cultura têm encontrado campo propício para as suas atividades e conseguem uma posição que era impossível de ser obtida pelas mulheres do passado. Porém, existe um considerável número de mulheres que não estão nessas condições e a elas não favorece nada essa decantada conquista emancipadora. A mulher que se basta a si mesma e governa a sua própria vida, deve, forçosamente ser forte e, em certas ocasiões insensível à situação que comovem as outras mulheres, ou, do contrário não conseguirá ir adiante. E isso de ser forte e insensível, não faz parte da natureza feminina, salvo em raríssimos casos... A mulher emancipada contrai uma obrigação consigo mesmo, comprometendo-se a seguir a rota traçada, ainda que, de vez em quando, sofra desilusões e desânimo, pois é amargo declarar-se vencida depois de haver mostrado, orgulhosamente as suas forças. Assim, a emancipação é às vezes uma conquista que não compensa, será o necessário advertir aquelas que com as suas primeiras aspirações possam ignorar que é necessário ter muito valor e muita fibra para contrair tamanha responsabilidade. Uma situação delicada para essas mulheres é quando frente ao amor, conhecem a indecisão da atitude que devem adotar. Habitadas a impor em tudo a sua vontade, ficam sem saber o que fazer diante do homem cuja missão é defendê-las, mantê-las e... fazer-se obedecer, pois é mais ou menos isso o que significa o artigo que diz "A mulher deve seguir o marido, etc... etc..." Como pois obedecer logo si está habituada a mandar? Como se submeter à uma existência de relativa submissão quando havia tomado a liberdade como motivo de luta? Quanto amor é necessário então para renunciar a tudo isso e habituar-se aos costumes e vontades de outro! Porém, por muito grande que seja o amor, por muita boa vontade que se tenha, já a mulher emancipada perde uma das grandes vantagens que é a de ser objeto de considerações e gentilezas que o homem dispensa à fragilidade e à feminilidade.

Isto não significa que a mulher emancipada não seja apta para o amor, nada disso; para amar não se requer aptidão especial, porém, a mulher emancipada conhecerá maiores dificuldades do que as outras para se fazer amar porque lhe falta a submissão necessária à uma vida de harmonia. E assim, pode acontecer que ela venha a encontrar-se sentimentalmente isolada, coisa que não deixa de ser difícil de suportar, razão porque é preciso estar muito segura de suas forças antes de empreender o difícil rumo da emancipação como também é preciso saber conservar as vantagens de ser mulher — isto é — conservar a sua feminilidade.

KITTY

Margaret Field, uma nova personalidade da Paramount, apresenta este original e moderníssimo modelo para noite. Executado em jersey de seda preto ou azul-marinho, tem como único adorno um largo cinturão em cetim cor de ouro velho com pequenos brocados.



O ESPÍRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

LUGAR ESTRANHO

Fanny Marchió, atriz italiana, apareceu no consultório médico. Depois de um demorado exame, veio o diagnóstico:

— A senhora está esgotada. Precisa de repouso. Por que não vai passar uma boa temporada no campo?

— No campo? — repetiu perplexa a artista. — Naquele lugar onde as galinhas andam cruas de um lado para outro?

O DIÁRIO DA RAINHA

Eis como Maria Antonieta fixou no seu diário os excitantes dias de antes e depois do casamento:

Domingo 13 — Sai de Versalhes. Jantei e dormi em Compiègne, em casa de M. de Saint Florentin.

Segunda, 14 — Encontro com a senhora Dolfim. Terça, 15 — Jantei em La Muette. Dormi em Versalhes.

Quarta, 16 — Dia do meu casamento. Apartamento na Galeria. Banquete Real na Salle d'Opera.

Quinta, 16 — Opera. Perseu.

Sexta, 18 — Caçada.

Sábado — Baile de gala na Salle d'Opera. Fogos de artifício.

Domingo — Tive indigestão.

AMOR DOS MEUS AMORES

Paulina Bonaparte estava apaixonada por Fréron, membro da Convenção. Escreveu-lhe esta ardente carta: "Amo-te apaixonadamente e para sempre. Para sempre, meu ídolo, meu amor maravilhoso, meu encantamento. Amo-te, amo-te, amo-te. Juro que jamais meu coração poderá conter amor por mais ninguém!"

Não demorou muito e se apaixonou por Junot, que foi feito marechal de Campo. E depois por Leclerc, príncipe Borghese e outros...

DEFINIÇÕES

O hino nacional americano acaba, como todos sabem, com estas palavras "terras daqueles que são livres e lar dos bravos".

— A julgar pelo número dos divórcios, não há dúvida que a América é mesmo a terra daqueles que são livres, — comentou uma estrangeira, em palestra com a cantora Ethel Merman.

— E', disse a famosa cantora popular americana. Mas, se formos levar em consideração o altíssimo número de casamentos, temos que concordar com uma coisa. E' que a América é, de fato, o lar dos bravos...

ESTA, NAO!

Depois de ter feito matar Jane Seymour, Henrique VIII andou meio embracado à procura de quem a quisesse substituir. Por fim mandou oferecer sua mão de esposa à duquesa viúva de Milão. Eis como a cautelosa candidata respondeu ao seu temível cortejador: "A duquesa lamenta muito, mas possui apenas uma cabeça. Se tivesse duas, uma delas estaria às ordens de Vossa Majestade".

SOLUÇÃO

Eleanora Duse ofereceu-se certa vez para tomar conta de um bebê de um ano, enquanto os pais, seus amigos, saíam para uma visita.

— Que fará você se ela começar a chorar? — perguntou a mãe da menina.

— Ora, eu cantarei para ele! — respondeu a grande atriz.

Quando os pais voltaram encontraram a menina sentada, muito quieta, olhando estarecida para o sofá. Ali estava a grande Duse, com a cabeça pendida, a boca aberta, os olhos cerrados. Roncava como uma desesperada. Assim que pressentiu a presença dos amigos, abriu os olhos e murmurou:

— Se eu parar com isto ela cái num choro convulso!

E enquanto a mãe do bebê tomava conta do seu precioso nenê, a Duse foi explicando:

— Cantei o melhor que pude, — e ela detestou. Dancei para ela. Achou pavoroso. Fiz caretas. Nada. Representei um enorme trecho de "Paolo e Francesca", sem nenhum resultado. Mas, quando me lembrei de roncar, que sucesso! Desde o primeiro ronco, ela ficou simplesmente eletrizada!

VIDA

Alguém dizia à atriz inglesa Mrs. Siddons que o aplauso era indispensável ao ator porque lhe dava confiança em si mesmo.

— Mais do que isso, — retrucou a atriz: — Dá-nos alento!

(Seleção de L. B., especial para REVISTA DA SEMANA).





O QUE PARIS SUGERE PARA A PRAIA

O S "maillots" franceses sofreram a influência da "linha nova", como aqui se pôde verificar nos modelos que Paris nos envia. Ao alto à esquerda: De Henry a La Pensée é este modelo em lã, em tons pastel. À direita: De Laure Belin, uma peça em lastex multicôr. Em baixo à esquerda: Um pequeno "bonnet" napolitano combina com o "maillot" em algodão rosa e branco com franzidos na cintura. Creação de Lola Brusac. À direita: Conjunto de Kestos em tecido estampado. Na página ao lado: Creação de Jacques Heim em tecido estampado e de feitio muito original.



A PERSONALIDADE da Semana

TAMARA CAPELLER

Eu estava, como quase todos os domingos, na casa de Anibal Machado, esta oasi hebdomadária em nossas vilas agitadas. A biblioteca se enchendo, como sempre. Os primeiros a chegar foram os filhos. Depois, entraram artistas, escritores, jornalistas desejosos de trocar ideias neste ambiente colhedor. Em seguida, vieram os jovens, em busca de uma atmosfera animadora.



Os conselhos e da ajuda que o dono da casa nunca nega a ninguém. Enfim, amigos trouxeram alguns estrangeiros de passagem, ansiosos para conhecer este ambiente, dominado pela forte personalidade de escritor que todos amam e respeitam.

Uma das alegres filhas de Anibal cantou canções regionais, acompanhando-se no violão. Canções brotadas da alma popular. Canções bem diferentes das arietas sentimentais divulgadas nos assinos. Canções tendo o sabor da terra.

Depois, falou-se do existencialismo, da participação do escritor, do surrealismo. Discutia-se a atmosfera mundial e a política nacional. Anibal cabara de contar alguns pormenores sobre a França, Itália e Polônia que visitou ultimamente levando uma jovem que eu não conhecia entrou.

Ao ouvir o seu nome, procurei lembrar-me porque tinha a impressão que precisava falar com ela, que já a procurara. Recordel-me, repentinamente, que quando fiz uma lista das personalidades que tencionava entrevistar estas próximas semanas, o diretor da REVISTA DA SEMANA acrescentou algumas sugestões. Aludira, entre outras, a Tamara Capeller.

A moça que sorria alegremente era tão jovem que fiquei na dúvida. Seria mesmo a aluna de Maria Olenewa e a discípula de Schwezoff? Parecia mesmo uma menina, de tão ingênua, cantante e entusiasta!

Começamos a conversar. Contou-me que não trabalhava unicamente no Ballet da Juventude e que já dera diversos recitais em São Paulo com o bailarino americano Nathaniel Standenmire. Perguntei se preferia trabalhar individualmente ou em conjunto.

— Prefiro o ballet porque possibilita realizações maiores, mais completas. O trabalho em conjunto permite executar coisas em escala maior, grandes obras com grande cenografia. Eu gostaria de saber criar danças, de possuir este dom. Talvez tenha imaginação para criar ambientes, mas já é mais difícil marcá-las, concatenar os passos. O verdadeiro coreógrafo deve possuir, além de grande sensibilidade, profundos conhecimentos técnicos. Seu papel é tão importante! Sempre se conhece o primeiro professor de qualquer bailarino, mesmo quando chegou a criar escola nova.

— Você gosta mais das danças clássicas ou das novas feitas segundo um espírito novo? como as criações do ballet Joos, por exemplo?

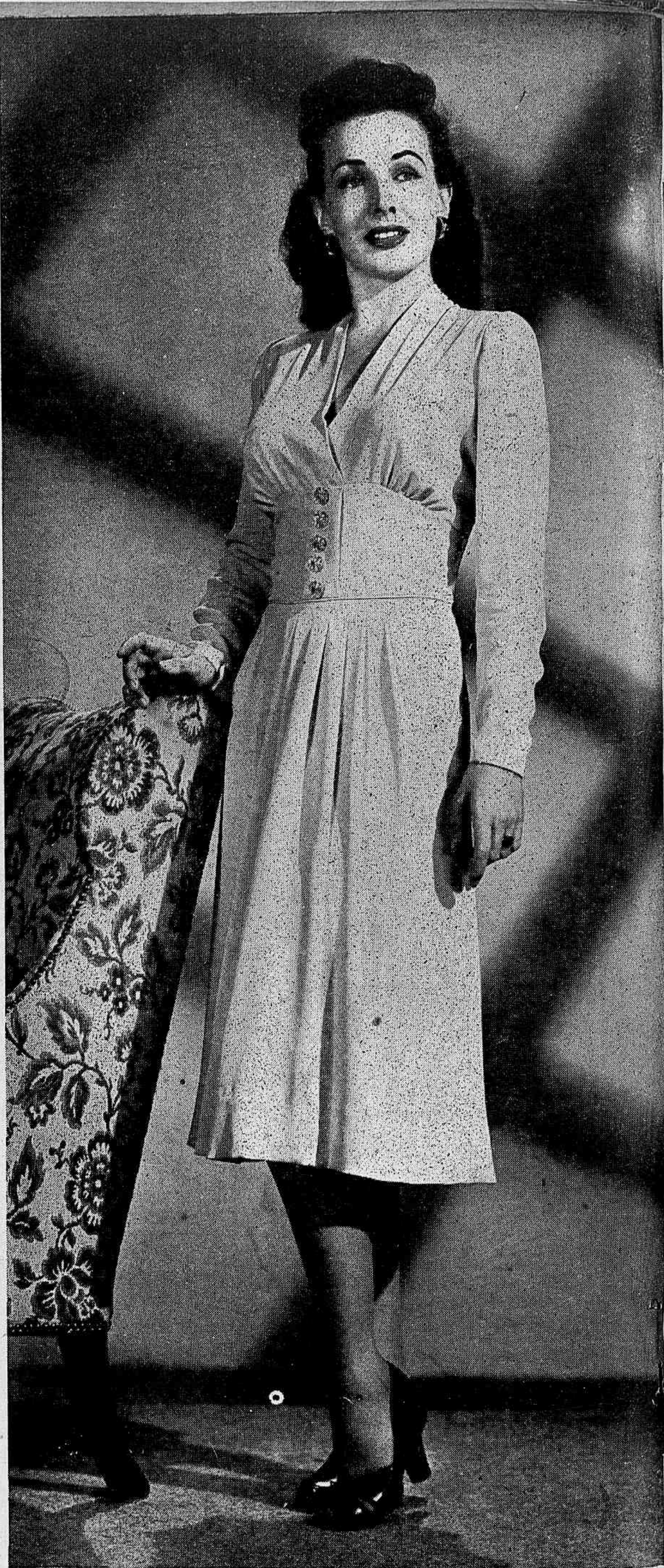
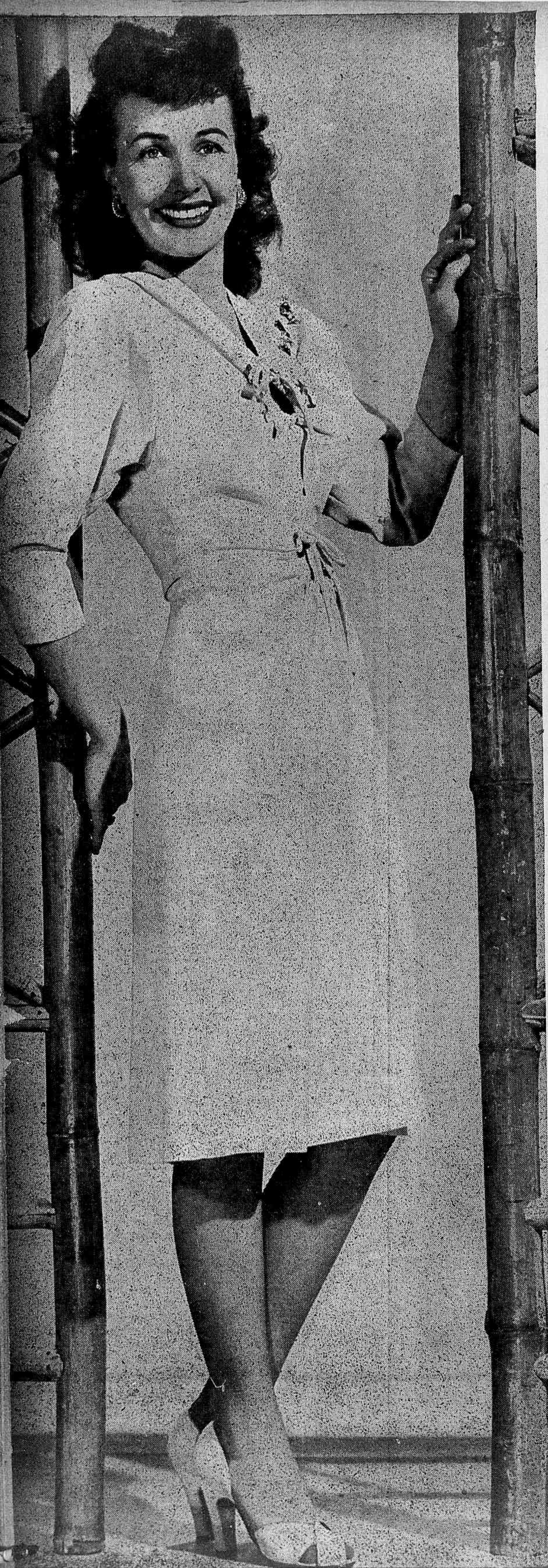
— Confesso que gosto imensamente da dança clássica. Não quero dizer, naturalmente, de um trabalho puramente acadêmico, mas de realizações clássicas executadas com personalidade.

— Você sempre quis ser bailarina?

— Desde menina, dançava em todas as festas da família, de aniversário. Naturalmente, nesta época pensava que a dança era a coisa mais fácil deste mundo e que vinha naturalmente, como o samba. Fiquei muito admirada quando comeci a estudar seriamente e vi que era uma profissão que exigia muito trabalho, muita força de vontade e, principalmente uma grande resistência física. Ainda tenho muito que aprender e meu sonho seria de viajar, viver num lugar onde haja grande ambiente artístico, muitas companhias e escolas diferentes. Nos Estados Unidos, por exemplo. Queria trabalhar com diversos professores, frequentar escolas diversas... trabalhar muito, aprender muito...

Esta declaração comprova que Tamara Capeller ama e respeita a arte e não se deixou virar a cabeça pelos primeiros êxitos alcançados antes de atingir dezenove anos. Quando uma jovem se dá conta do muito que ignora, quando quer trabalhar com tenacidade, tem todas as chances de chegar a se realizar a si mesma e de tornar seus sonhos realidades.

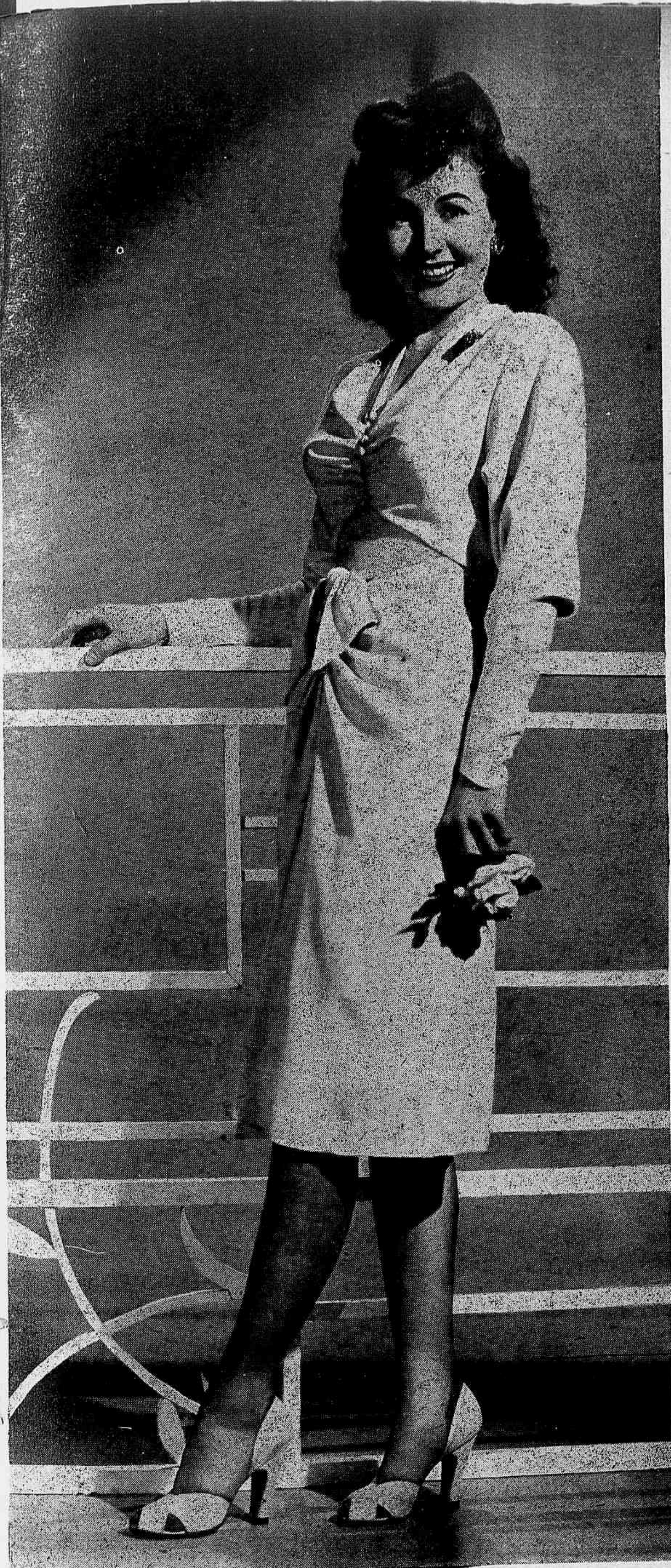
YVONNE JEAN



PARA o verão, nada mais alegre, mais saudavel e mais agradável à vista do que um vestido branco. Até o calor parece diminuir quando nos vestimos de branco, sem contar com o que ganha em juventude a nossa aparência. Aqui, Catherine McLeod, "estrelinha" da Republic, oferece uma coleção de trajes brancos, onde a dificuldade estará em escolher.

VESTIDOS

Da esquerda para a direita: Este, é de corte princesa, com originais círculos na cintura e no decote, prendendo os franzidos da blusa e da saia. Três vistosos clips são colocados no ombro es-



BRANCOS

querdo. Este, pode ser feito em jersey. Largo cinturão guarnecido de botões de vidro. Blusa com franzidos e decote em "V". Saia moderníssima com "machos" soltos na frente. Blusa

muito franzida com botões do mesmo tecido. Mangas "Kimono". Pequena abertura sobre o estômago. Saia drapeada na frente, cinto do mesmo tecido terminando em laço. E, numa coleção de verão não poderia faltar o indispensável "tailleur". Aqui temos um tom panamá branco, o casaco arredondado na frente, bolsos duplos.



RACHEL DE QUEIROZ

RACHEL de Queiroz é, para mim, uma estrêla de primeira grandeza, com quem converso fielmente no suplemento de domingo. Leio o que escreve e, para ser mais explícita, muitas vezes digo cá comigo: — "Isto devia estar num livro". E guardo o recorte de jornal.

Mas eis que chega um domingo em que não estou de acordo com ela, e, é por isso que, dêste canto, tomo a liberdade de lhe falar. Trata-se da resposta que endereçou a um jovem motorista que lhe pedia conselho e se confessava desorientado na vida. Rachel divagou um pouco e, por fim, escreveu textualmente: "Não lhe posso dar diretrizes. Ninguém pode dar diretrizes, esta é a verdade." E porque isto não é uma verdade, resolvi entrar um pouco no assunto.

Em primeiro lugar há alguma coisa que se chama hoje em dia orientação educacional e profissional, baseada na psicologia e com tanta autoridade científica como qualquer outro ramo do saber. A orientação profissional faz isto que a ilustre cronista julga impossível: — dá diretrizes aos jovens desorientados. E como pode fazê-lo? Muito simples: toma-se o indivíduo, no caso o pequeno motorista, e estudam-se todos os dados da sua vida — passado, presente e futuro; mede-se-lhe a inteligência, em tôdas as suas facetas, determinam-se as linhas gerais do seu carácter e as reacções que oferece diante da vida, por intermédio de problemas equivalentes; completa-se com um estudo somático e psiquiátrico, e, por fim, dá-se o diagnóstico e prognóstico, tal como num exame clínico.

Podemos dizer, pois, com um mínimo de probabilidades de erro que o examinando tem aptidões para esta ou aquela profissão e que outras mais lhe estão vedadas; diremos ainda como deverá reagir frente a situações novas, eliminando fracassos. O indivíduo passa a se conhecer a si mesmo, caminha para o seu-interior em profundidade, e esta noção da sua grandeza lhe oferece perspectivas novas para o futuro.

Esta é a verdade, e peço a Rachel que me desculpe, se por acaso a entendi com a gíria profissional. Mas a verdade, como diz o nosso velho Machado de Assis, embriaga mais que o vinho, e sei que você também a procura à sua moda, como escritora sincera e admirável que é.

Afortunadamente a cronista poderá dizer ao moço chofer que há cientistas no Rio de Janeiro que se encarregam desta complexa orientação, que a nossa terra apesar de atrasada em muitas coisas, já ensaia alguns passos no caminho da psicologia experimental.

E que coisa maravilhosa seria o dia em que esta ciência tivesse tanto peso para os governos como a bomba atômica! Cada cidadão no seu direito lugar. Não haveria, por exemplo, artistas medíocres atravancando as artes, porque desde cedo se lhes diria o que levam a vida inteira sem compreender; que não dão para criadores. Os governantes seriam capazes e dignos, os comerciantes honestos, a polícia equilibrada e não haveria também cabotinos, pois ninguém precisaria se fantasiar daquilo que realmente não é.

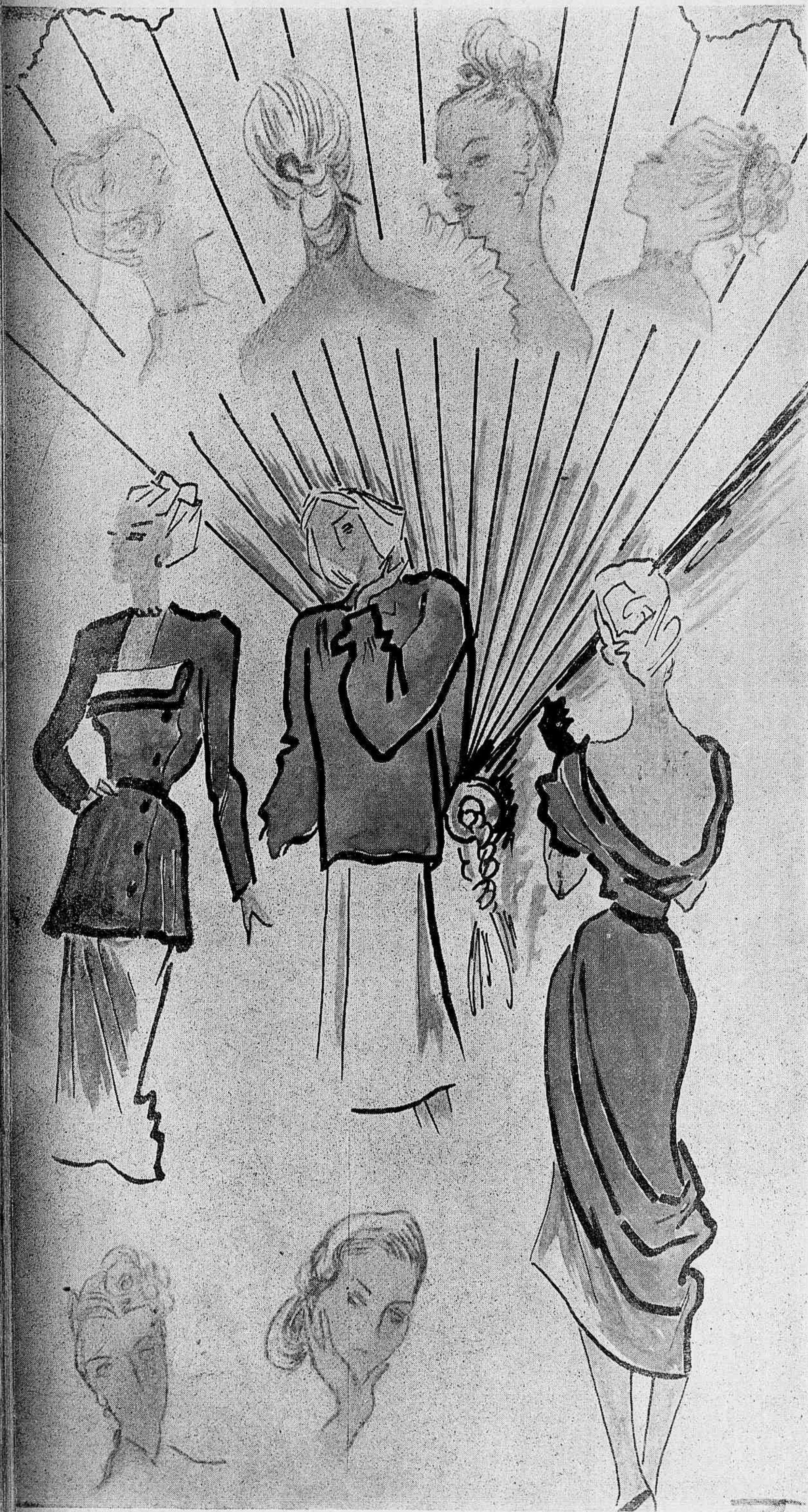
Quanto à moral tudo iria de vento em pópa; o noticiário dos crimes reduzir-se-ia a uma linha, porque, ajustando-se os indivíduos no lar e no trabalho, desapareceriam as reacções mórbidas dos fracassos. Os paranóicos seriam desmascarados prematuramente e nenhum novo Hitler teria oportunidade de massacrar a humanidade, porque estaria bem guardado num hospício.

Isto é uma pequena amostra do que poderia ser o mundo, se a psicologia experimental tivesse bastante autoridade na educação hodierna. Parecerá talvez o sonho de uma noite de verão, mas para os otimistas os sonhos de hoje serão a realidade de amanhã.

ZOIA DE LAET

MODELOS E

1) "Duas-peças" para a tarde. A saia é comprida, alongando a silhueta. 2) Um casaco amplo, acentua o comprimento da saia. 3) Modelo para jantar, com decote profundo nas costas. Saia comprida, com drapeado. 4) Vestido para a noite, comprimento moderno. Corpete justo enfeitado com renda. Saia ampla. 5) Vestido



MURO DAS Lamentações

OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO

A exibição da fita argentina, inspirada no romance de Erico Veríssimo, nos trouxe novamente à memória aquelas admiráveis palavras da Bíblia:

"Por que andais ansiosos pelo que haveis de vestir? Considerai como crescem os lírios do campo; eles não trabalham nem fiam, contudo vos digo que nem Salomão em toda a sua glória jamais se vestiu como um deles. Se Deus, pois, assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé? Assim, não andeis ansiosos, dizendo: Que havemos de comer? ou: Que havemos de beber? ou: Com que havemos de nos vestir? (Pois os gentios é que procuram todas estas coisas); porque vosso Pai celestial sabe que precisais de todas elas. Mas buscai primeiramente o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas. Não andeis, pois, ansiosos pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã a si mesmo trará seu cuidado; ao dia bastam os seus próprios males".

Essas palavras, profundas em humanidade e em beleza, nem sempre têm sido compreendidas em seu verdadeiro sentido. Alguns pensam que elas aconselham a contemplação pura e simples, e a inércia. Outros acreditam que, se fossemos segui-las, morreríamos todos de fome...

No entanto, estas palavras não pregam uma contemplação estéril, nem os braços cruzados do preguiçoso. Dizem: "Considerai os lírios do campo", e não: "Permaneçei considerando os lírios do campo"...

"Aprendei a lição que os lírios nos podem dar, mas ide em seguida pô-la em prática" — isso o que determinam os versículos. E essa lição, qual é? Não é uma lição de indolência, nem de passividade; é um convite à luta: "Mas buscai primeiramente o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas".

Buscar esse reino e essa justiça não é trabalho nem para inertes nem para indiferentes. Mas, se esse reino e essa justiça forem realizados, todos os homens, fazendo o esforço que fazem os lírios do campo, terão o que vestir e o que comer. Esse reino e essa justiça porém, ainda estão longe de ser alcançados, quase dois mil anos depois de Cristo. Tarefa difícil alcançá-los, já se vê, pois exige de cada homem o abandono completo do egoísmo e da ânsia de possuir. A luta da humanidade, portanto, não deve ser pela obtenção do pão e da roupa; quando o homem não for lobo do homem haverá de tudo para todos — esse é o sentido do ensinamento bíblico.

Em vez de viver sadiamente o dia de hoje, os homens se assustam diante do amanhã e procuram acumular. Acumulando para o futuro, fatalmente faltarão aos outros no presente. Por isso manda Cristo que olhemos os lírios do campo. Se abandonarmos o medo do futuro e nos sentirmos irmãos, no presente nada faltará a ninguém, estaremos mais bem alimentados e vestidos do que Salomão em toda a sua glória.

Entendidas assim, estas imagens de Cristo contêm, como quase tudo quanto ele ensinou, um profundo sentido revolucionário, um não-conformismo militante. A transformação social preconizada por Cristo ainda está para vir, porém, desde já sabemos que será mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus".

Este reino, Cristo o reserva para aqueles que souberam, durante a vida, olhar os lírios do campo...

CONFIDENTE

CORRESPONDENCIA

Estamos à disposição daqueles que, estando em dificuldades, não tenham a quem confiar suas máguas. Escreva-nos, contando-nos o seu caso, e nos esforçaremos juntos para encontrar alguma solução: "Muro das Lamentações", aos cuidados da REVISTA DA SEMANA, Rua Visconde de Maranguape, 15 - Rio.



para passeio de feitiço simples. Saia reta, com pregas. 6) Modelo bastante alegre, em tecido listrado, enfeitado com franjas. Três tipos de saias modernas. Os penteados ou são extravagantes e muito levantados ou então caem displicentemente sobre a nuca.

PENTEADOS



AQUI temos quatro interessantes sugestões para o verão. Da esquerda para a direita: Ava Gardner, a bonita "estrêla" da MGM, gosta de usar, no verão, saia e blusa. "Assim, diz ela, tenho a oportunidade de variar e ainda de usar trajes que rejuvenescem". Um dos seus favoritos é esse que aqui vemos

MODELOS

com saia quadriculada com vize e bolso brancos e blusa branca de original feitio. Cinto de couro branco. 2) Com uma saia de tropical azul marinho ela usa uma

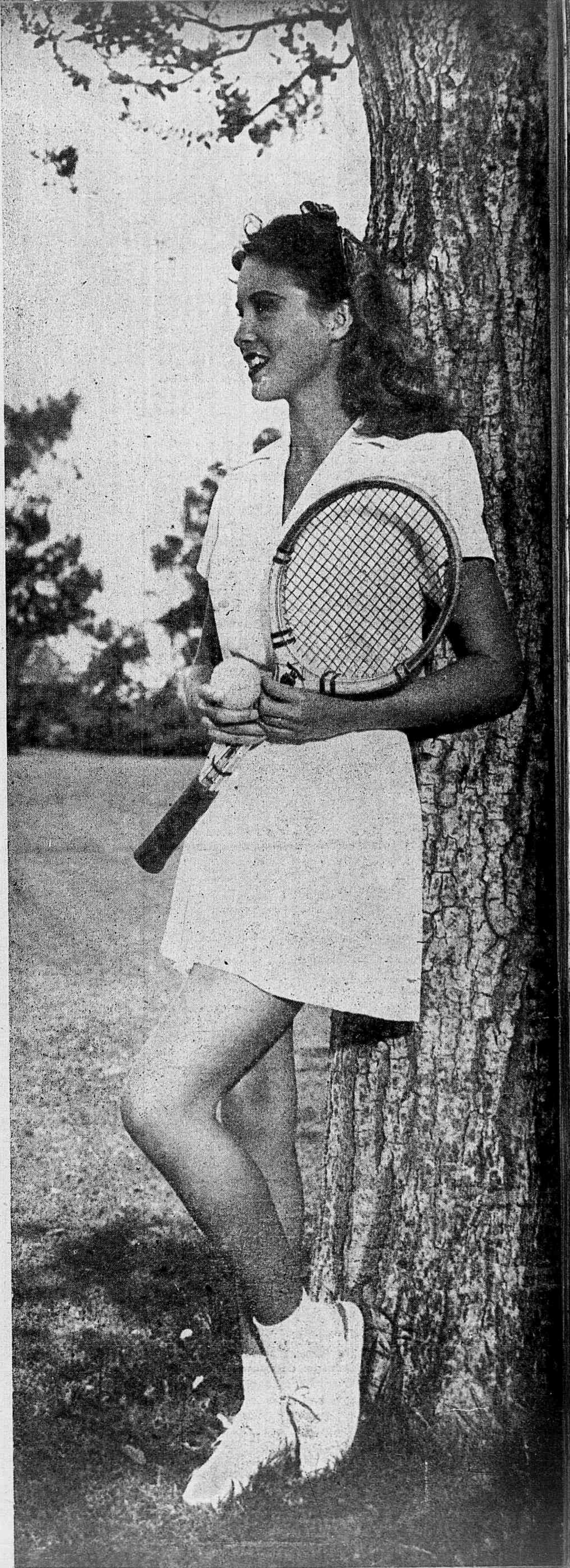
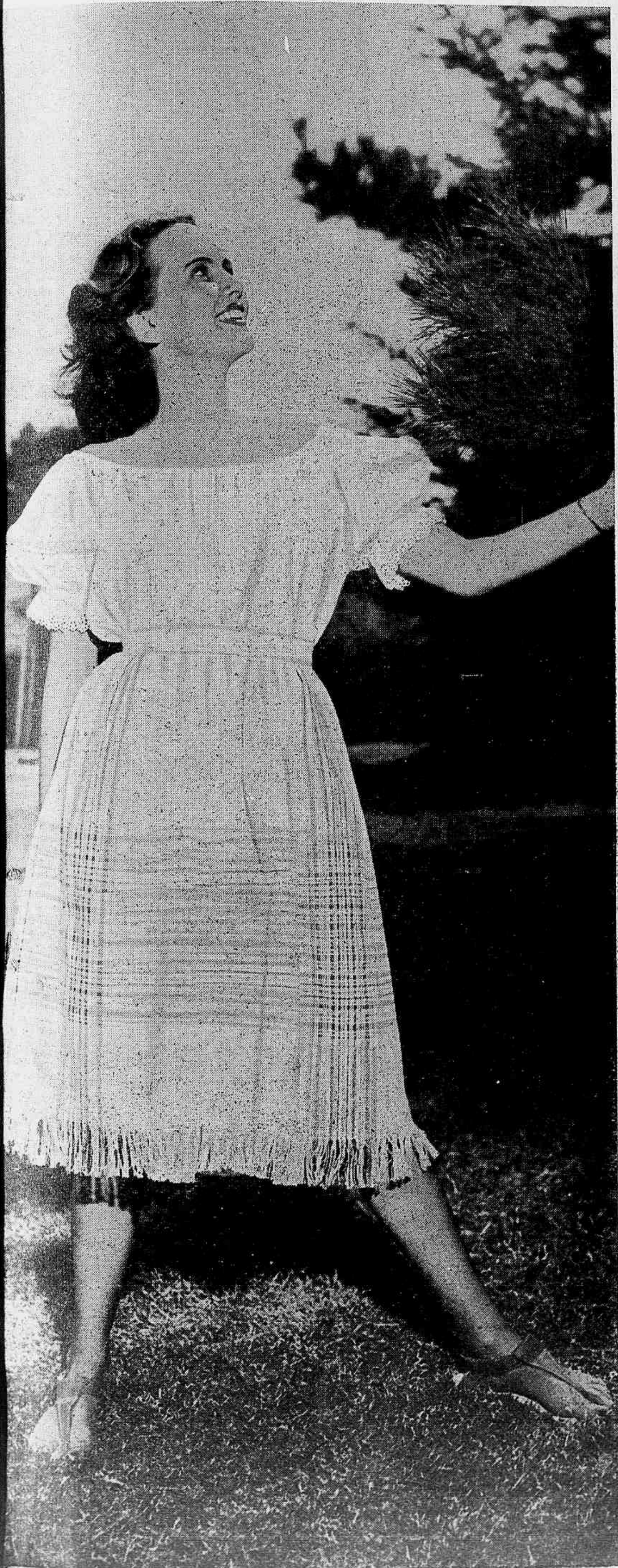


DE VERÃO

blusa de listras estreitas azul e branco. Botões de metal dourado. Laço de fita azul marinho. 3) Agora é Teresa Wright, da RKO,

sáia parece ter sido feita de u'a manta mexicana. Blusa de algodão branco com largo decote e enfeitada com bordado inglês.

4) Para o Tennis, Janet Leigh, da MGM, usa este "short" em "shantung" branco de feitiço simples elegante. O "short", propriamente dito, é bastante largo.



"WEEK-END" na Cozinha

É fácil saber cozinhar quando se tem vontade de fazê-lo. Mesmo aquelas que trabalham fora e que não podem dispôr de empregados, podem, ao chegar em casa, preparar pratos gostosos e ligeiros, ainda que não saibam cozinhar. O essencial, como já dissemos, é a boa vontade, e quanto ao resto, é só procurar idéias e sugestões sobre o assunto em revistas ou em livros especializados.

Da nossa parte procuramos ajudá-la o mais possível, apresentando receitas de fácil compreensão e execução, não havendo, portanto, motivos para que você não tente.

Nos dias de hoje, com o problema das empregadas cada vez mais difícil, a culinária deveria fazer parte da educação de todas as nossas jovens. Isto não as prejudicaria em nada. Quanto ao homem, temos a certeza de que as admirariam ainda mais por isso. Já observaram com que orgulho um homem diz aos outros, numa reunião, num almoço ou num jantar em sua casa, quando é feito um elogio a um prato "está gostoso? pois foi minha mulher quem fez!" Certamente você ficaria envaldecida com isso. E então, tudo o que você tem a fazer é começar sem perda de tempo. Para as suas primeiras experiências aqui vão algumas sugestões:

★

SALADA DE FEIJÃO BRANCO

Ingredientes — 250 grs. de feijão branco, 3 colheres das de sopa, de azeite, 1 colher, das de sopa, de caldo de limão, sal, pimenta.

Preparação — Cozinhase o feijão em água a ferver. Quando estiverem tenros, escorre-se e deixa-se esfriar. Dispõem-se numa saladeira, regase com o azeite misturado com o limão e tempera-se com sal e pimenta.

★

MACARRÃO COM PRESUNTO

Ingredientes — 200 grs. de macarrão, 125 grs. de presunto, 100 grs. de manteiga, 1/2 litro de leite, 6 ovos.

Preparação — Cozinhase o macarrão e depois corta-se em pedacinhos, fazendo-se o mesmo com o presunto. Juntam-se-lhes então a manteiga, as gemas uma a uma, o leite e as claras batidas em neve. Mistura-se tudo muito bem, despeja-se numa forma que possa ir à mesa, untando-a com manteiga. Leva-se ao forno para corar.

★

OVOS COM SARDINHAS

Ingredientes — 6 ovos; 1 colher, das de sopa, de manteiga, 1 colher das de sopa, de leite, 1 lata de sardinhas, sal.

Preparação — Cortam-se as sardinhas em pedacinhos, junta-se a manteiga e põem-se numa caçarola com os ovos bem batidos e o leite. Mistura-se tudo, tempera-se com sal e leva-se ao fogo para engrossar, porém, sem ferver. Serve-se com fatias de pão torrado.

★

MIMOS DO CÉU

Ingredientes — 4 gemas, 180 grs. de açúcar, 100 grs. de maizena, 50 grs. de manteiga, 1 1/2 xícaras das de chá, de leite, casca de um limão.

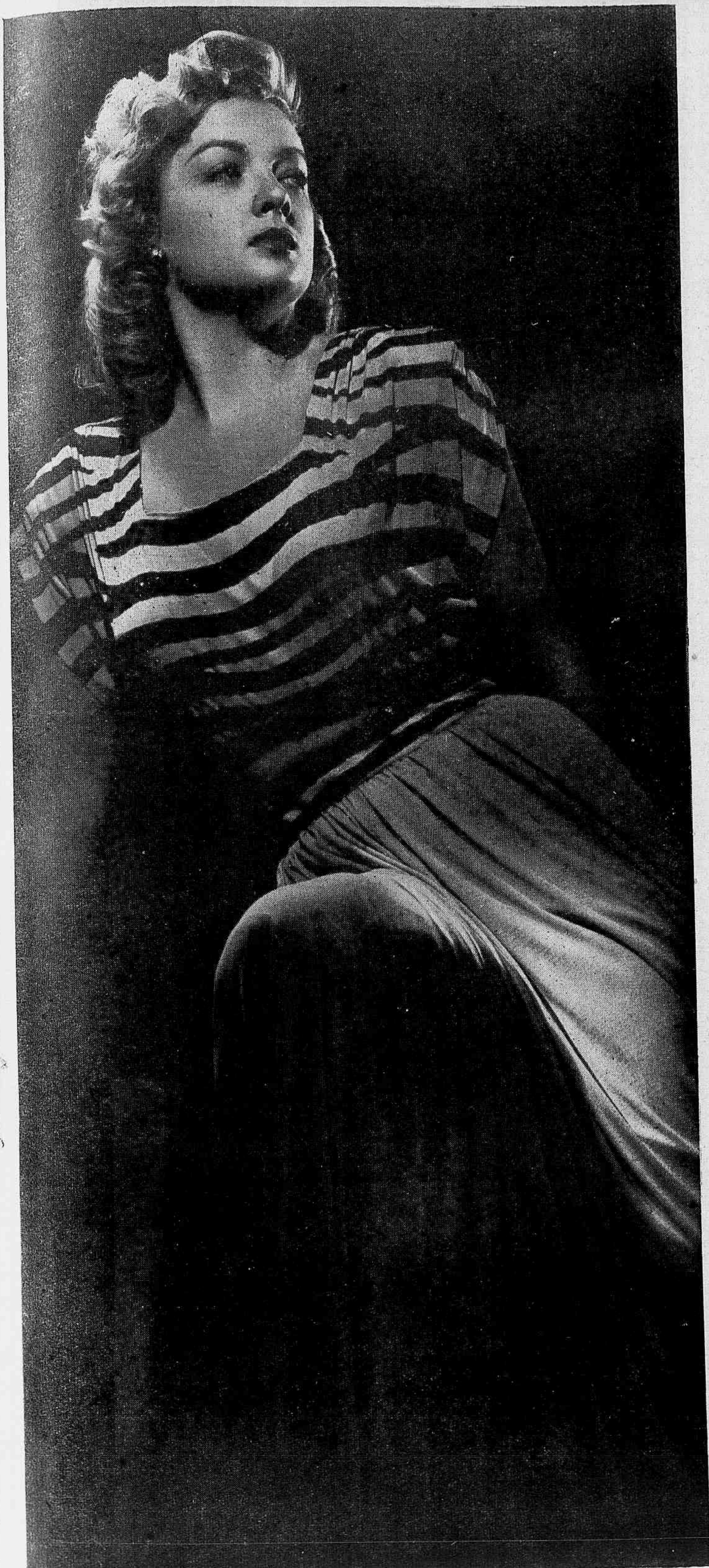
Preparação — Põem-se as gemas em uma vasilha, junta-se-lhes o limão e bate-se até engrossar. Em seguida, retira-se a casca, adiciona-se-lhe a maizena, a manteiga, o leite e o açúcar; mistura-se tudo muito bem e põe-se em forminhas untadas com manteiga. Assam-se em forno regularmente quente.



TRES MODELOS PARA A NOITE

Ao alto, lindo modelo em "tule" negra e estrelas prateadas, aplicadas. Em baixo: Também para a noite, mas para estar em casa ao lado "dele", Frances Gifford "estrela" da MGM usa este encantador pijama com calças de cetim ou veludo pretos e blusão de tafetá branco e preto. Mangas "bouffant". Na página ao lado: Myrna Dell, da RKO, usa este originalíssimo modelo em jersey bege para a saia e jersey marron e bege para a blusa. Lantejoulas também marrons são aplicadas sobre as listras marrons. Pequena abertura sobre o estômago. Saia bem franzida.





Caixa de RESSONÂNCIA

MARIA MARGARIDA E SUA PINTURA

O meu primeiro encontro com Maria Margarida foi há alguns anos em São Paulo — e foi um encontro desigual. Estávamos ambas na exposição de Ismailovitch, que despertava um interesse muito grande, mas enquanto eu circulava em meio de apaixonados da pintura e de inaugurações elegantes — complicada moldura movediça — ela, na moldura do seu retrato como n.ª Janela dum castelo, dominava toda aquela agitação. As mãos, os olhos e as serenadas tranças de Maria Margarida, que ainda não era um nome da pintura como é hoje, tinham uma poesia que me levou a perguntar alguma coisa sobre a "Sra. Lima Soutelo" do catálogo. Tive algumas respostas, mas a resposta verdadeiramente interessante foi dada por ela mesma, quando apareceu mais tarde — não sei bem quantos anos depois, embora muito poucos — já então simultaneamente figura de retrato e figura de artista.



A sua voz, uma dessas vozes que nos oferecem as palavras expressivas como se nos dessem um licor perfeito em copos de forma rara, pareceu-me corresponder à expressão e até a cor dos seus olhos.

Com uma celebridade magnificamente prometida pelos retratos de Ismailovitch, que associam a sua imagem à indumentária e às atitudes de outras épocas e outros países, razão por que a sua beleza espiritual não é de ontem nem de hoje, mas ficará pertencendo ao "incomensurável amanhã da arte". Maria Margarida, só pelo seu trabalho, pode também contar com a admiração do futuro. Fiel às formas que pinta, sejam elas reais ou imaginadas, pois até a própria imaginação se pode ser infiel, por fraqueza ou por capricho, Maria Margarida fixou nas suas telas uma estatueta, um leque, um ferro de engomar, ou uma figurinha de sonho! Mas o leque pintado, irmão gêmeo do leque de renda que existia numa vitrina, é um símbolo! O ferro de engomar vestidos de criança, perfeitamente semelhante aos outros da mesma marca, resume em si toda a poesia que jamais ferros de engomar tinham mostrado, embora a possuíssem. E a figurinha de sonho representa com exatidão um mundo muito seu de extravagância bem domada. O quadro "Navio negreiro" tão cheio de significação, poderá satisfazer qualquer pessoa simples que se encante, como toda a gente, com a luz habilmente realçada por um contraste de sombra. E em todas as obras de Maria Margarida, pelo menos nas que conheço, há um motivo de prazer para os olhos e de interesse para o pensamento. Não é uma pintura que exija a imbecilidade ou o talento especial do observador. Pode ser olhada com encanto sem ser compreendida a intenção da artista. Nem só os entendidos podem amá-la. Como qualquer homem pode amar uma réplica viva de Lady Hamilton sem conhecer os pintores da época...

Proust conta que Swann acrescentava à beleza da mulher amada o prestígio dum tipo famoso na pintura. Nós podemos acrescentar à pintura, bela, atraente por si mesma, a riqueza das reminiscências literárias ou artísticas. O que é preciso, porém, é que um quadro possa existir sem "intérprete", como é preciso, para que uma obra de arte atravesse os tempos, que se preste a ser interminavelmente interpretada.

Os quadros de Maria Margarida, com a sua pincelada lisa e lustrosa — muitos queriam que fosse rugosa e baça — conseguem reunir essas qualidades. E é admirável que ela pinte naturezas mortas que nos lembram o famoso "la tout n'est qu'ordre et beauté", que pinte leques, tapetes persas e metais com um tão evidente amor pelas coisas preciosas e depois, empregando a mesma pincelada assetinada, saiba dar uma graça tão pura e uma tão poderosa verdade às nossas figuras populares, às mãos da gente humilde. Quem tem ido às suas exposições, realizadas com mestre Ismailovitch, tem visto as crianças de cor, as meninas pretas de laços e sombrinhas garridas, os bebês de olhos cismadores, as garotas de dez anos cuja expressão é velha de amargura. Esses tipos populares nada têm de amaneirado, como nada têm de brutal.

Se, oficialmente, eu fosse crítico de arte, gostaria de escrever um ensaio sobre a pintura de Maria Margarida, — retratado na ilustração desta crônica por Ismailovitch. Mas não sou, e escrevo as minhas impressões sobre uma artista que trabalha há pouco tempo e já recebeu consagrações nada banais, contente com o meu personagem de pessoa que sabe amar a pintura sem se escravizar às "escolas", que poderia resumir a história da pintura sem alterar a significação das suas melhores épocas e não ignora que nenhuma arte se escraviza a um conceito, no futuro. Chega a parecer ingênuo dizer isto, mas quando observamos as limitações que os espíritos ainda se impõem, concluímos facilmente que não é.

VIOLETA DE ALCANTARA CARREIRA



SUGESTÕES DE VERA RALSTON



VERA Ralston é a figura de primeira grandeza da Republic. E não sem razão, pois Miss Ralston além de ser uma mulher bonita é ainda uma criatura talentosa e elegante. Da sua elegância temos provas nestes modelos aqui apresentados: Da esquerda para a direita: Em tecido estampado de fundo negro é este elegante modelo, todo ajustado no corpo, e com uma larga banda pespontada sobre os quadris, terminando em laço na frente. 2) Conjunto em seda azul marinho com pastilhas brancas. Bolero arredondado na frente. Goia de gorgurão marinho. Largo cinto tarabém de gor-



gurão marinho, com dois laços caindo sobre a sãla. Blusa de seda branca. Grande chapéu de palha azul marinho. 3) Também em tecido de "pois" é este "duas-peças" com gola e laços em tecido unido. Mangas largas presas abaixo do cotovelo. 4) Com uma sãla de jersey preta, drapeada de um lado, Miss Ralston usa uma blusa estampada preta e branca, lapela larga, botões pretos, mangas compridas com um babadinho "godet" em baixo.





Ao alto, à esquerda: O famoso Stradivarius de Yehudi Menuhin. A direita: Para manter-se em forma, Yehudi estuda várias horas por dia.

UM século de romantismo — e ainda não estamos completamente curados... — criou e nutriu a idéia de que um gênio é, forçosamente, uma pessoa extravagante, tão extraordinária em sua conduta quanto em suas qualidades intelectuais. Os próprios cientistas, contagiados pelo espírito da época, construíram teorias psicológicas visando a mostrar que o talento é uma forma de desequilíbrio psíquico... E a consequência de tudo isso, segundo um escritor espanhol, foi a seguinte: "Desde que os sábios disseram que todos os homens de gênio são anormais, não há anormal que não se acredite homem de gênio"... O mais grave, porém, é que, com essas explicações, os psicólogos condenavam-se à mediocridade ou à loucura: era só escolher... Enfim, sempre há aquela advertência de Edmond de Goncourt de que o gênio só se apura depois da morte... Assim, baseados nessa afirmação nada científica, os tais psicólogos poderiam adiar para a posteridade o diagnóstico. E, ainda que se aventurassem a um pronunciamento sobre contemporâneos, restaria o consolo oferecido naquele pensamento de Arondal: Louco é um indivíduo cuja loucura não concorda com a da maioria...

Quando, pouco a pouco, o uniforme das notabilidades foi se modificando, quando cabelos compridos, unhas enormes, palidez cadavérica, maus modos, irritabilidade e grosseria deixaram de ser considerados sintomas de vigor intelectual, quando, em vez de admiração, os "geniosos" começaram a ser internados nos hospícios — os pobres... — ou em estabelecimentos destinados ao tratamento de moléstias nervosas — os ricos, que podiam pagar o privilégio de não serem chamados, oficialmente, de doidos — então surgiu um outro tipo, que passou a gozar de grande popularidade: a criança prodígio. Papás embevecidos arrastaram os dignos rebentos para plataformas de concerto. Foi a era da precocidade...

Não era sequer original a idéia. Mozart já tinha sido um precursor e um símbolo deste tipo de jovens que se desenvolvem mais depressa do que o

MÚSICA

UM VIOLINO QUE JANTA EM CASA... — LOUCOS E MENINOS PRODÍGIO — O GÊNIO E O DESEQUILÍBRIO — SHIRLEY TEMPLE DO ROCOCÓ!

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

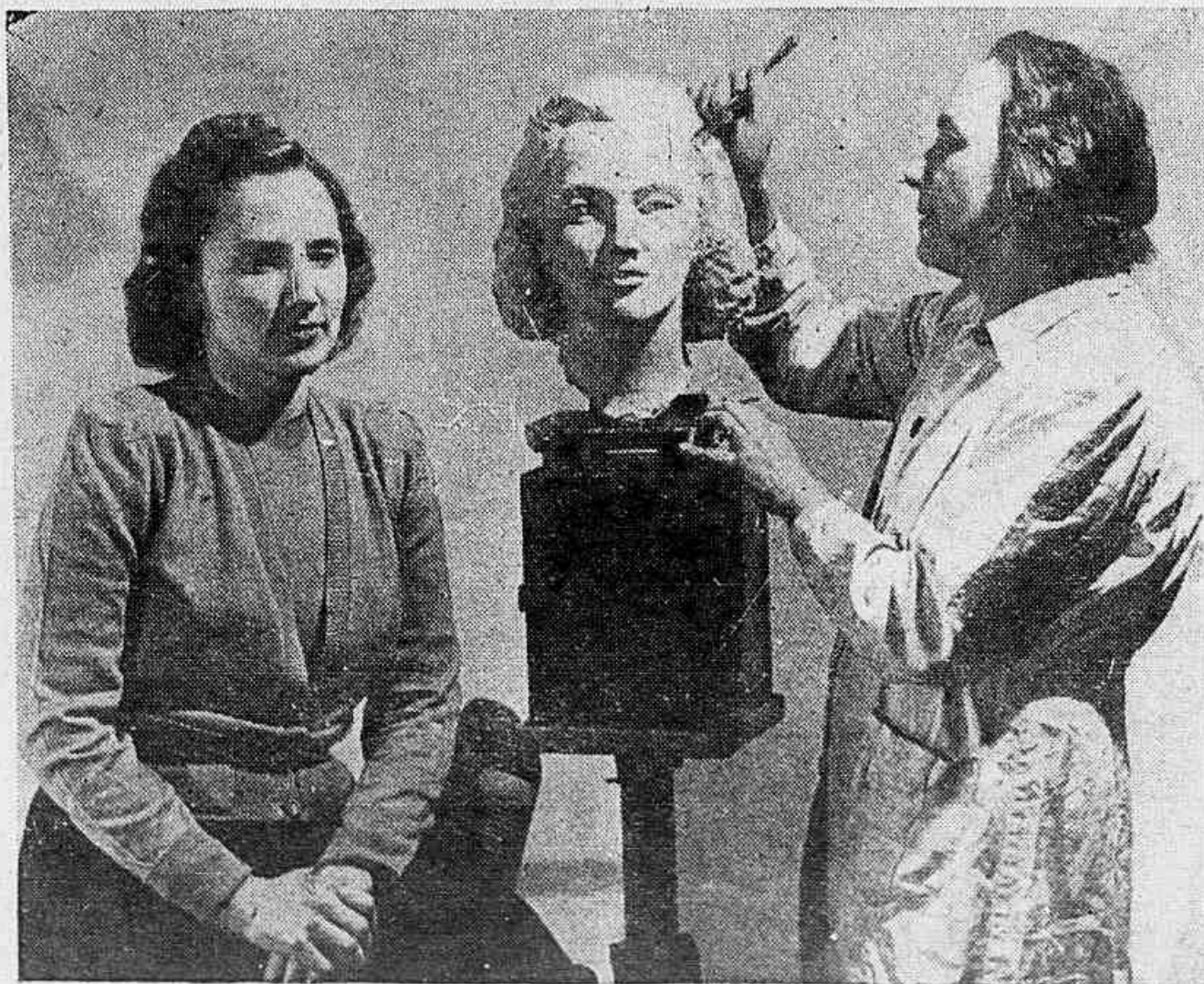
tempo... Símbolo dos autênticos meninos prodígios, é claro, mas com todas as manhas e artimanhas do tipo. Tanto assim foi que um musicólogo bastante irreverente ousou chamá-lo, com grande escândalo de colegas mais circunspectos, a "Shirley Temple do rococó!"

O MENINO YEHUDI

Yehudi Menuhin também foi menino

prodígio. De calças curtas, muito compenetrado, com o violino debaixo do queixo, assombrou muitas cabeças coroadas da Europa e muitos bolsos abarrotados de dólares da América do Norte. Contudo, foi crescendo e, logo, perdeu os atrativos superficiais com que sua infância se adornou. Estudou, aperfeiçoou sua técnica, desenvolveu a sua sensibilidade, dedicou-se às tarefas ár-

A escultora alemã Tina Wentcher terminando um busto de Hepzibah Menuhin, irmã do violinista, atualmente em "tourné" com ele.



duas da arte consciente, da arte que já se definiu como uma "capacidade infinita para trabalhar" — e tornou-se um dos maiores violinistas do mundo.

Separado, durante um período de sua vida, da irmã, Hepzibah, com quem deu os primeiros concertos, volta ele agora a apresentar-se, em tournée, ao lado daquela jovem pianista, que saiu de seu retiro na Austrália, onde se casou, para reconquistar o público que ainda não a esqueceu.

A carreira de Yehudi Menuhin é um triunfo da arte, da honestidade artística. Entregue ao instrumento que, hoje, domina, ele desprezou essa "genialidade" fácil, que se ganha com um pouco de virtuosismo e muito de charlatanismo. É um artista completo, culto, inteligente, fino. É um desmentido a todas aquelas teorias de que o artista é, em geral, vagabundo, pouco asseado e impertinente. Cortês, operoso, excelente pai de família, Yehudi tem mantido a estima das platéias, estima mais profunda, importante e duradoura do que os aplausos cedo esquecidos tributados aos prodígios de alguns anos atrás... Entretanto, é bem certo que, tanto quanto Paganini, aos doze anos Menuhin deve ter ouvido palavras idênticas às que o professor Alessandro Rolla disse, depois de ouvir aquele outro grande violinista, com tanto talento e tão pouca idade:

— Você veio procurar-me, para que eu me tornasse seu professor, mas, infelizmente, nada lhe posso ensinar. O instrumento não tem mais segredos para você.

O VIOLINO JANTA EM CASA

A propósito, conta-se de Menuhin que, sempre convidado para jantares e almoços onde os convidados esperam concertos gratuitos, ele tem uma resposta invariável, ao lhe recomendar algum anfitrião que leve o instrumento:

— Sinto muito, meu caro sr., mas o violino janta em casa...

Esta ele aprendeu, também, com Paganini.

A VIDA DE CONFÚCIO

(Cont. da pág. 34)

— Só sei — respondeu o guarda — que parece um cão vagabundo.

E realmente o filósofo andava bastante enxovalhado nesse tempo. Enxovalhado e serenamente feliz. «Confúcio», escrevia ele acerca de si mesmo, «é um homem que na sua ansiosa busca de saber esquece o alimento; que na alegria de sua obtenção esquece os pesares, e não percebe a aproximação da velhice».

Tão ocupado vivia em ajudar os outros que não tinha tempo de pensar em si. Certa ocasião um eremita o censurou por vagar nas ruas da cidade e pedir audiências a pessoas. «Não seria melhor imitar aqueles que fogem inteiramente do mundo, forrando-se aos seus ultrajes e males?». E Confúcio respondeu, com magoada surpresa: «Não posso privar com pássaros e bestas; se não procurar a convivência da humanidade sofredora, com quem hei de conviver?».

De modo que frequentava a sociedade dos seus semelhantes, e fazia por lhes mitigar os sofrimentos com o bálsamo da sua sabedoria. Muitos dos que tratava, aborreciam as aparências do mundo e ansiavam por conhecer-lhe a significação profunda. Quando lhe perguntavam o que sabia da morte, ele respondia, com terna severidade: «Como hei de compreender a morte, se ainda não compreendo a vida?». E continuava no tom de um pai falando aos filhos: «Não nos preocupemos com seres sobrenaturais, enquanto não soubermos servir aos homens».

Confúcio adotava uma atitude realista diante da vida. Não era um filósofo visionário. Quando um jovem discípulo lhe perguntou se se devia pagar o mal com o bem, respondeu: «E com que, então, se pagará o bem?». O sábio sr. Kung era um oriental prático. «Não pagues o mal nem com o bem nem com o mal, mas com justiça».

Condensou toda a sua filosofia ética numa única sentença negativa, que cinco séculos depois seria traduzida na doutrina positiva da Regra de Ouro. «A minha fórmula para o procedimento», disse, «é a Reciprocidade. Não faças aos outros o que não desejarias que te fizessem».

Nunca elaborou um sistema unificado de pensamento. Considerava-se antes um semeador ocasional das sementes vivas da sabedoria. «Se essas sementes deitam raízes no coração humano, talvez abotoem na flor da vida harmoniosa».

Para os reis, no entanto, não tinha sementes, mas apenas urtigas. Sabia espicaçar aqueles que o escutavam unicamente para o escarnecer.

— Quais são para ti, os três requisitos do governo perfeito? — perguntou-lhe certa vez um príncipe, em tom de chocarreira condescendência.

— Bastantes provisões, tropas suficientes e confiança popular.

— E supondo que não se pudesse ter esses três fatores, — continuou o príncipe, — qual deles sacrificarias?

— Primeiro, as tropas. Depois, as provisões. Mas nunca sacrificaria a confiança do povo. Sem confiança, um governo não se mantém.

Outro régulo lhe perguntou:

— Não deve o príncipe estimar a coragem acima de tudo?

O sábio respondeu:

— Deve colocar a probidade em primeiro lugar. O homem poderoso que tem coragem sem probidade é uma ameaça para o Estado; o homem comum que tem coragem sem probidade não é mais que um bandido.

Confúcio não acreditava no céu nem no inferno, mas possuía uma fé imensa nas virtudes potenciais dos seus semelhantes. «Não é fácil encontrar um homem que tenha estudado três anos as máximas da sabedoria sem se tornar bom». Sonhava com o dia em que surgiria uma raça de super-homens morais para governar o país. «Se a humanidade fosse governada com justiça durante apenas um século», afirmava, «toda violência desapareceria da terra».

Sua paixão dominante era a pesquisa do governo justo e do «Homem Superior» que inaugurasse tal governo como um modelo para o futuro. «O Homem Superior obra de maneira que os seus atos sejam em todas as gerações uma

...FOI TOMAR UM CINZANO



O preferido
por todos!

Cinzano é um vermouth suave... de paladar delicioso e popularidade indiscutível. Cinzano é o mais consumido em todo o Brasil e em todo o mundo.

Peça Cinzano, e V. dirá sempre,

“Sim, Sim, Cinzano!”

CINZANO

VERMOUTH



senda universal; procede de forma que seu comportamento seja em todas as gerações uma lei universal; fala de modo que as suas palavras sejam em todas as gerações uma norma universal».

Acima de tudo, o Homem Superior cultiva quatro princípios: ilustração, bom comportamento, honestidade e fidelidade. Tecendo o seu saber e a sua virtude num padrão de ação, procura seguir o «caminho nuplino» da boa vida. «No tocante ao uso de seus olhos, anseia por ver claro... No relativo ao seu semblante, anseia por que seja benigno. Quanto à sua atitude, anseia por que seja respeitosa. No atinente às suas palavras, anseia por que sejam sinceras. No concernente à gestão de seus negócios anseia por que seja honesta. No que diz respeito às suas dúvidas, anseia por interrogar os outros. Com referência à sua índole, pensa nos sofrimentos que na sua cólera pode causar. A propósito de sua ambição, pensa na justiça».

Ao passo que o homem comum é exigente com os outros, o Homem Superior é exigente consigo mesmo. Ama

os homens por suas virtudes e procura compreender-lhes as faltas. «O amor e a sabedoria são o coração e a alma do Homem Superior». Nos momentos mais sombrios de sua vida errante, Confúcio declarava: «Não me preocupa muito que os homens não me entendam. O que me aflige é não os entender».

A sabedoria sutil desta avançada doutrina estava acima da compreensão dos neófitos e dos tiranos do mundo. Mas os discípulos que viveram e sofreram com o mestre no penoso rodar dos anos compreendiam o valor do homem, embora nem sempre soubessem aquilatar o valor das suas palavras. «Não são os princípios que dão grandeza ao homem; é o homem que dá grandeza aos princípios».

Os discípulos de Confúcio encontravam no mestre, não um filósofo, mas um profeta. Ele nunca procurou deslumbrá-los com uma cultura privilegiada. Buscava unicamente esclarecê-los com a sua simpatia acolhedora. «Há homens», ob-

servava, «que procuram algum sentido abstruso na religião e na filosofia, e levam vida singular a fim de deixar um nome à posteridade. E' o que não faço nunca».

Era simplesmente «um estadista à procura de Estado» — um homem que sentia que o caráter individual é a base da sociedade, e «todos, do imperador ao cidadão mais humilde, devem considerar o cultivo da pessoa como a base de tudo, se a China há de ser selva de suas devastadoras guerras civis».

Chegaria um dia ao fim essa anarquia interna? «A organização social deve nascer da disciplina familiar» — uma disciplina fundada na sinceridade e respeito mútuo. O imperador deve desempenhar o papel de pai. «Deve ser um guia afetuosos». Os súditos são os seus filhos. Devem ser respeitados e obedientes. «Quando o vento sopra, o caniço deve curvar-se». Todos devem condenar a dissensão entre os membros dessa família como um verdadeiro fratricídio. Pois a piedade filial do povo e a soli-



IRRADIEM... MAS PAGUEM

HA' dois anos, mais ou menos, a ABR (Associação Brasileira de Rádio) assinou um convênio com as sociedades de compositores, regulando a cobrança do direito autoral devido pela execução de obras musicais através das emissões a ela filiadas. Ficou, assim, estabelecida a cobrança inicial de um cruzeiro por número irradiado, no primeiro ano, valor este que seria acrescido, de ano para ano, de um aumento de vinte por cento, até atingir um total de dois cruzeiros. Foi, inegavelmente, uma grande vitória para o compositor, cujas obras estavam antes sujeitas a forçats baixíssimos que nem sequer proporcionavam rateios aceitáveis. Entretanto, a omissão lamentável de números irradiados, que se verifica diariamente na programação de algumas de nossas emissoras, e entre elas as mais poderosas, como a Nacional, a Tupi e a Globo, apenas prejudicam o compositor (nacional ou estrangeiro). Essa programação, em geral mal feita, timbra em ressaltar, unicamente, o título dos programas e... das novelas. Não acreditamos que as emissoras o façam de má fé, visando fugirem ao pagamento de um direito sagrado e ainda inferior ao que pagam as grandes cadeias norte-americanas e o rádio argentino. Mas a frequência de tais irregularidades está a exigir uma severa providência da direção das nossas emissoras junto aos seus programadores, porque irradiar uma obra musical e deixar de incluí-la no programa equivale a ofender duplamente o patrimônio do autor.

F. CORREIA DA SILVA

GENY

Samba de Haroldo Lobo e David Nasser. — Gravação de 4 Azes e 1 Coringa, em Odeon.

Ai, Geny!
Nosso amor morreu...
Podes crer que nunca mais
encontrarás
um amor igual ao meu...

Recordando quando me deixaste,
Meu lar abandonaste...
Custei a me esquecer de ti,
Porque a tua ingratidão
Feriu meu coração
E assim o nosso amor morreu
ó Geny!

★

TELEFONEMA LÁ PRA CASA

Samba de Herivelto Martins e Benedito Lacerda. — Gravação de Francisco Alves, disco Odeon.

Telefona lá pra casa logo mais
Dizendo a hora que eu vou lhe apanhar;
Eu saio do trabalho às cinco horas,
O comércio fecha às seis,
Dá tempo de comprar;
Sem fantasia é que nós não podemos
ficar.

Fiz um vale de quinhentos
Pra comprar sua balana;
Vou ficar endividado,
Mas você há de sair tôda bacana.
Eu, não faz mal,
Um macacão de quarenta,
Está feito o meu carnaval!

★

É COM ESSE QUE EU VOU!

Samba de Pedro Caetano. — Gravação de 4 Azes e 1 Coringa, em Odeon.

É com esse que eu vou
sambar até cair no chão...
É com esse que eu vou
desabafar com a multidão.
Se ninguém se animar
eu vou quebrar meu tamborim,
mas se a turma ajudar
vai ser pra mim.

★

BE SWEET TO ME KID

Fox de Hough & Adams e Jos. E. Howard. — Do filme I WONDER WHO'S KISSING HER NOW, da BTH.

Aw gee! Be sweet to me kid,
I'm awful fond of you;

Aw gee! When you're cross with me,
Nothin' looks good, I'm so blue;
On the square kid,
I'm crazy about you for fair;
Love me the way you did,
Fill me with joy my honey boy;
Go on, be sweet to me kid.

★

Fox de Mack Gordon e Josef Myrow. — Do filme MOTHER WORE TIGHTS, da 20th Century.

This is my favorite city,
This is my favorite town;
I like the way the people meet you,
They greet you with a smile
And not a frown.
And when my ramblin' is over,
This is where I'd like to settle down;
So when someone will say,
Where are you from chum;
I can proudly say
Cincinnati is my home town.

★

DREAMER'S HOLIDAY

Fox de Cliff Friend e Dave Franklin.

How'd you like to take a trip
and be "care-free",
Let troubles fade away;
Gather up our dreams and come along
Babbling brooks,
with me,
On a dreamer's holiday.
and shady nooks,
and whisp'ring breeze,
You meet them all while you stray;
How romantic doing anything you
please,

It's a dreamer's holiday.
Listen to the rustlin' flowers,
Don't they sound like "tinklin' guitars?
What's that coming down in showers?
What's that coming down in showers?
Why, it's millions of kisses from the
stars.

Whip-poor-wills and singing hills
will say "hello",
While heaven lights up your way;
All of this is yours and mine,
If we'll just go on a dreamer's holiday.

★

IF...OU KNEW SUSIE (Like I Know Susie)

Fox de B. G. De Sylva e Joseph Meyer. — Do filme da RKO, do mesmo título.

If you knew Susie
Like I know Susie...
Oh! Oh! Oh! What a girl!
There's none so classy
As this fair lassie...
Oh! Oh! Holy Moses! What a chassiss!
We went riding,
She didn't balk;
Back from Yonkers,
I'm the one that had to walk.
If you knew Susie
Like I know Susie...
Oh! Oh! What a girl!

cidade paternal do soberano são prescritas pelas leis celestes. Sem embargo, se o pai exige algo injusto, os filhos devem gular-se pelo senso do dever, — no qual há uma moralidade superior à da lealdade familiar. Devem resistir à injustiça paterna. Assim também, se o imperador escolhe mal os ministros, ou abusa de suas prerrogativas de chefe da família, o povo deve resistir. «O direito à rebelião é de origem divina».

E esse «Estado-família», quando será lançado na rota da prosperidade e do poder? «Quando seus membros começarem a procurar a harmonia envolvente da compreensão mútua».

O Estado feliz, observa Confúcio, trata de se tornar uma unidade autônoma, e evitar, se possível, todo empecilho exterior. Limita o fausto da corte e procura distribuir a riqueza entre o povo. Busca reduzir as penalidades e aumentar a educação. Ensina as boas maneiras e a música a todos. «Pois a música é irmã da benevolência, e a boa música, da retidão». (O próprio Confúcio era flautista exímio.) O Estado feliz — continua ele — aparelha-se para o dia em que o grande princípio da harmonia reinará entre os homens. «Então o mundo inteiro se tornará uma república... Os homens discorrerão sinceramente uns com os outros, e cultivarão a paz universal... E não mais considerarão unicamente a seus pais como pais, nem tratarão unicamente a seus filhos como filhos... Todo homem terá seus direitos, e toda mulher sua individualidade... Serão reprimidas as maquinacões egoístas, e não terão ensejo de renascer... Os ladrões, gatunos e traidores não infestarão mais a terra... Esse é o Estado do que eu chamarei a Grande Harmonia».

Quando amanhecerá para o homem o dia dessa grande República Mundial? E o mestre, recordando a causa do seu exílio, afastou a flauta de sua boca e sorriu melancolicamente. «Quando eu encontrar um homem que ame tanto a Virtude como a ama a Beleza».

V

Aos sessenta e nove anos, voltou por fim a Lu, sua terra natal. Completara-se o ciclo do seu exílio. O príncipe morrera havia muito, dos excessos nos prazeres. E o povo não esquecera seu antigo primeiro ministro. Mais uma vez recorreu a ele em busca de conselhos e conforto. Mas, como os anos que lhe restavam se iam fazendo escassos, o filósofo estava ansioso por se retirar do mundo. Dedicou-se a trabalhos literários, coligiu as poesias chinesas antigas, empreendeu a reforma da música executada nas cerimônias públicas, e editou monumental história do seu país. Com resignação cada vez maior, concentrou-se no Fim Próximo.

A alta montanha tem de esboroar-se;
A forte viga tem de partir-se;
E o sábio, fenecer como uma planta.

Seus discípulos fizeram muito barulho quando por fim lhe cerraram os olhos. Reuniram em livro os seus ditos e inventaram portentosas histórias de seus atos. «Ele é o sol, a lua — glorioso, inatingível, supremo... E' tão impossível igualá-lo como subir uma escada que leve da terra ao céu».

Sua fama póstuma foi tão grande como o abandono que sofreu em vida. Os imperadores mandaram colocar o seu retrato em lugar de honra, gravar em pedra as suas máximas, construir templos em seu nome e oferecer-lhe sacrifícios quatro vezes por ano. Antes que tivessem passado muitas gerações, foi designado com o título oficial de Diviníssimo. Mas, no fervor do culto ao homem, quase todos esqueceram o bom-senso das suas palavras. «Tudo o que me podem chamar é isto: um estudioso insaciável, um mestre infatigável; isto, e nada mais».

(Do livro «Grandes capitães da Fé».)

O EMBAIXADOR DO SERTÃO

(Cont. da pág. 28)

folclórica, principalmente do seu anedotário que não tem igual no gênero, pelo contingente de direta observação e anotação «in loco» da psicologia do sertanejo.

Depois de tanto correr terra, Leonardo Mota vinha, ultimamente, em Fortaleza, se entregando a outro gênero de pesquisas, tendo publicado, há alguns anos, a crônica do famoso movimento literário da «Padaria espiritual» e se achando, no momento, entregue a uma beneditina história do clero cearense. Na minha última visita ao Ceará, fui encontrá-lo no seu gabinete de trabalho, com as paredes revestidas de cima a baixo com fotografias, muitas delas amareladas daguerreotipos, de quanto padre tenha passado pelas igrejas da nossa terra, e dos quais sabia tudo, localizando-os de longe, em qualquer ponto da parede, em assombrosa exatidão, por meio duma longa vareta de professor de geografia.

Para terminar esta nota de recordação e de saudade do homem de espírito e de coração que foi o morto de ontem, vem, pois, a propósito citar uma das suas famosas anedotas sertanejas, relativa justamente a certo cura cearense que, em viagem de desobriga, alta noite, acossado pela chuva, teve de antecipar o local da dormida e pedir pousada na choupana de uma viúva.

«O padre vinha com uma fome que não era brincadeira. A pobre viúva perguntou-lhe aflita: — «Seu vigário, vossa senhoria já jantou? — Qual! Nem sequer almocei... — Vala-me Deus, seu vigário, eu não tenho nada que lhe dar. O que é uma mão cheia de farinha, o que é um taco de rapadura eu não tenho. Nada, não tenho nada. Coisíssima alguma! — Que se há de fazer? Vou dormir com fome. E' um diazinho de penitência, pra desconto dos meus pecados».

E, pacientemente, o sacerdote se estirou na rede e procurou com o sono distrair as reclamações do estômago. Já estava cochilando, quando a dona da casa falou, alto, da camarinha:

— «Seu vigário, vossa senhoria gosta de pipoca?»

Na voz de «pipoca», o reverendo sentou-se na rede, pronto para o mastigo: — Gosto; eu gosto muito de pipoca!

E a pobre viúva, lamentando-se: — Ah, uns carocinho de mio, p'r'eu torrar umas pipoca pra seu vigário!...»

O porco do seu Fidelis

(Cont. da pág. 13)

— Mas, compadre, todos sabem que o senhor é pobre, não pode fazer presentes como os outros.

— Ah! Eu sou pobre, mas sei agradecer o que me dão!

— Compadre, não se ofenda! Olhe. Eu tive uma idéia! — e a voz do compadre vibrava de alegria.

Fidelis levantou para ele os olhos cheios de esperança.

— Qual é?

— O compadre mata o porco...

— Sim. E depois?

— Carneia o porco...

— E...?

O seu Fidelis tremia de ansiedade.

— E saia o porco...

— E depois, compadre? E depois?

— Muito simples! Depois o senhor diz para todos que havia matado o porco para dar de presente, mas que de noite alguém roubou todo ele!

— Compadre! Bendito seja o dia em que eu li cunheci! Essa idéia é de virá e rompê! Venha cá um abraço!

Os dois se abraçaram, contentes como duas crianças.

— E não se esqueça de espalhar a notícia para cada um dos que vão chegando ou dos que passaram por aqui. E' preciso que todos fiquem sabendo, prá depois não falarem mal do senhor!

Quando o Fidelis levantou dos pelé-gos, de manhã bem cedo, e foi ao pátio olhar os pedaços do porco, levou um susto, porque não havia nada. Só os fios nus do arame se balançando ao sopro de um ventinho.

— Compadre! Compadre! Me acuda!

— Pronto! Que foi? Tá doente? O que foi?

— Me roubaram o porco!

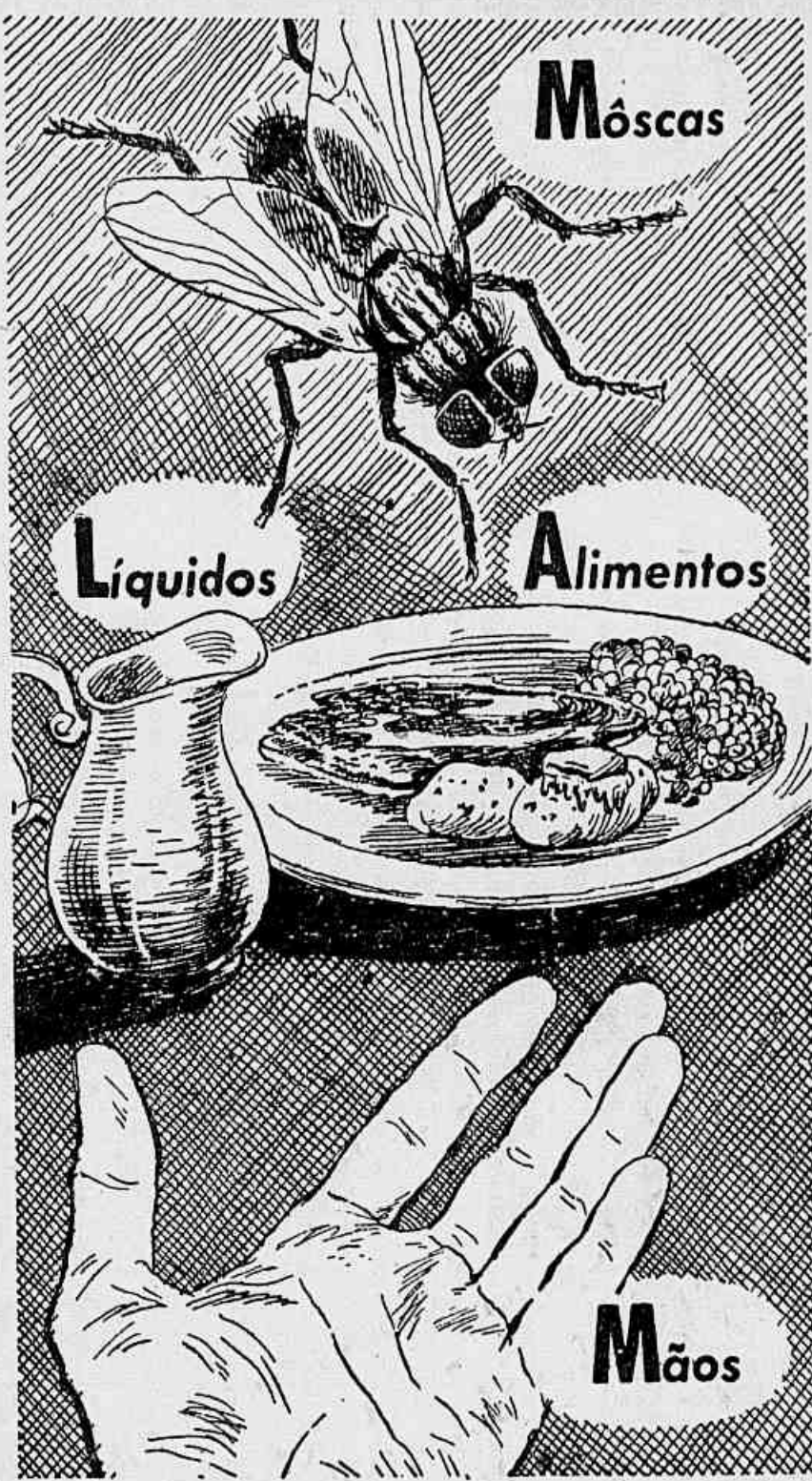
O compadre do Fidelis deu uma risadinha.

(Cont. na pág. 52)

COMO EVITAR A DISENTERIA



A disenteria é mais comum em pessoas de vinte a trinta anos, embora não seja rara entre crianças.



Se for a lugares de condições sanitárias deficientes, previna-se contra a disenteria. A água que bebe pode estar poluída.



Desapareceria o perigo da disenteria se compreendessemos bem quanto ela é séria e contagiosa — agindo prontamente e de maneira adequada

Conheça a resposta a estas perguntas.

Que é disenteria? É uma enfermidade contagiosa usualmente caracterizada por forte diarreia. Há dois tipos principais: disenteria bacilar e amebiana. Como saber se está atacado do mal? A disenteria bacilar pode se revelar repentinamente. Característicos: febre alta, diarreia aguda, às vezes dor no estômago e náusea. Mas a disenteria amebiana em geral não surge bruscamente. Sente-se cansaço, um vago mal-estar no estômago, talvez um pouco de diarreia. É muito séria a disenteria? Pode, nos casos mais graves, causar até a morte! Não facilite. Procure imediatamente o seu médico se sentir qualquer sintoma. Ele sabe como curá-lo — mas a demora pode tornar a cura lenta e difícil.

Quatro veículos comuns da perigosa disenteria. São eles: os Alimentos, as Môscas, as Mãos, os Líquidos. E eles vão longe e caminham depressa! O "habitat" favorito dos parasitas da disenteria é o intestino humano. Uma vez expelidos, eles vivem, literalmente, "da mão para a boca". As môscas apanham estes parasitas. Levam-nos aos alimentos, aos pratos. Daí, nós os levamos à boca. O leite é outro veículo. E pessoas cujas mãos estão contaminadas podem tocar os nossos alimentos, antes que nos cheguem às mãos — quer seja no lugar onde são produzidos, vendidos ou preparados.

Decore e observe estes conselhos preciosos! Não é preciso sofrer os inconvenientes da disenteria: evite-os!

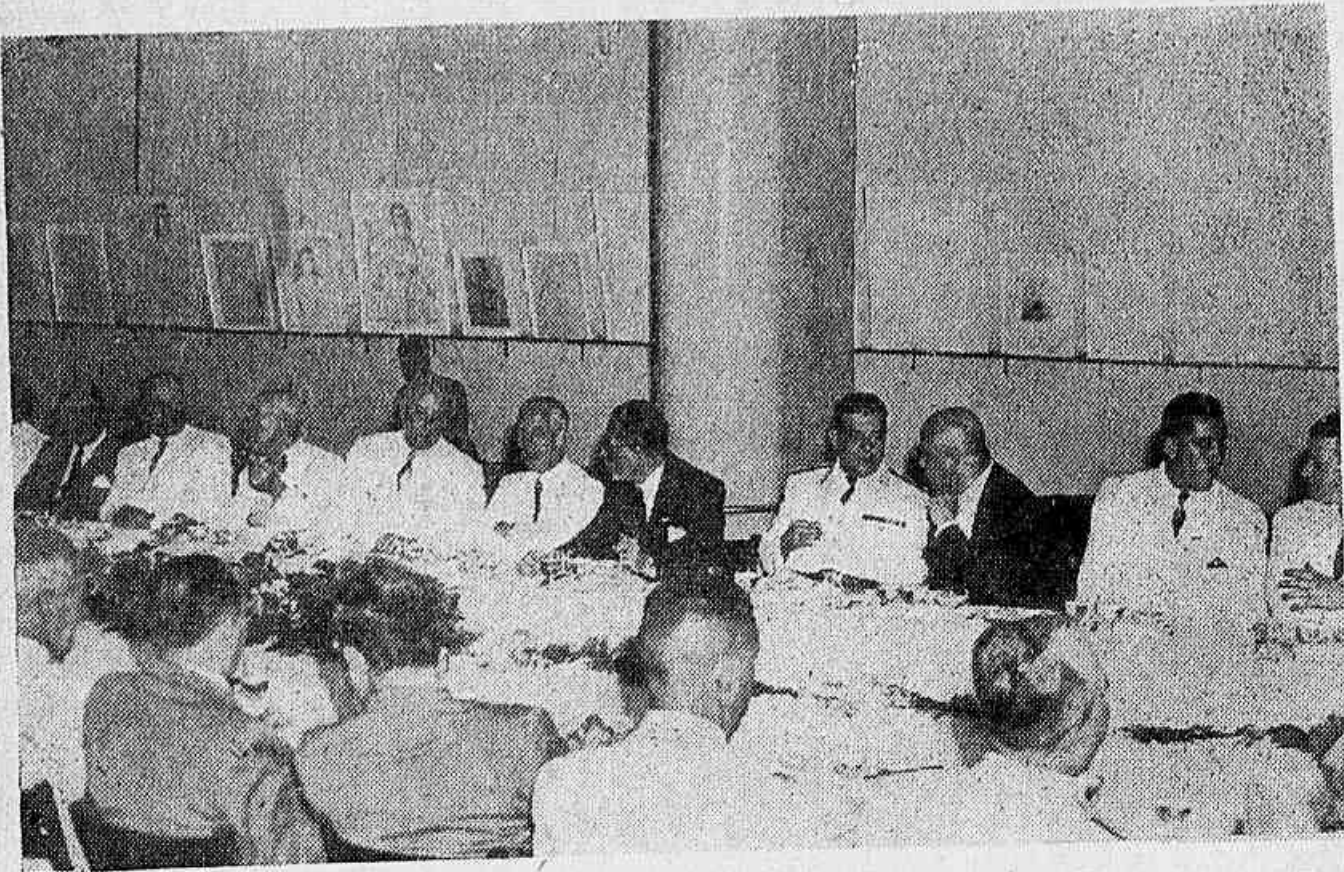
a) Expulse as môscas de sua casa — use telas ou mate-as com DDT ou outros inseticidas. b) Ferva a água que bebe. E, também, a vasilha em que a guarda. Cozinhe bem os seus alimentos. (Os parasitas não resistem a 10 minutos de fervura). c) Lave com água quente e sabão talheres, pratos, etc. Use água quente e sabão para lavar o assento dos aparelhos sanitários. d) Lave as mãos frequentemente — sempre depois de ir ao banheiro, sempre antes de comer. e) Isole-se sempre qualquer membro da família que estiver atacado de diarreia e consulte-se o médico. O perigo de contágio é maior nos primeiros dias

• Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas de seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico para restabelecer ou assegurar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas de Squibb têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano em todo o mundo.



SQUIBB

PRODUTOS FARMACÊUTICOS



ALMÔÇO NA A. B. I.

Aspecto do almoço oferecido pela A. B. I. ao sr. ministro da Guerra e realizado no salão de exposições da Casa do Jornalista.



ESCRITOR E CONFERENCISTA NORTE-AMERICANO CHEGA AO RIO

Procedente de Montevideo, pelo "clipper" da Pan-American World Airways, chegou o escritor e conferencista norte-americano Ray Josephs, autor do livro "Argentine Diary", sobre assuntos argentinos durante a guerra e que teve apreciável procura, nos Estados Unidos. O sr. Ray Josephs é um observador da vida latino-americana, que divulga na América do Norte, por intermédio de conferências e artigos na imprensa.

Em companhia de sua esposa, permanecerá três semanas nesta capital.



A PESTE SUINA

Os estudantes de veterinária, momentos antes de embarcar, no avião da Panair, para as zonas atingidas pela peste suína.

O porco do seu Fidelis

(Cont. da pág. 50)

— Ah! Compadre, que susto o senhor me deu! Pois é isso mesmo! Vá dizendo assim!

— Mas me roubaram, mesmo!

— Vá dizendo assim! Até eu já estou acreditando!

E o compadre ria, satisfeito.

— Mas me roubaram! — e o Fidelis tremia de indignação.

— E' bem assim como eu lhe aconselhei que fizesse. Vá dizendo!

— Mas...

Fidelis resolveu fechar a boca e botou o compadre a ponta-pés para fora da casa. No dia seguinte tomou o trem e voltou para a querência. Pouco depois o compadre chegava à mesa para almoçar e dizia para a empregada:

— Traz o porco do seu Fidelis!

A Fada das Pérolas

(Cont. da pág. 15)

— E' uma santa! exclamou Joana, ao ver desaparecer, cheia de orgulho, o carro da atriz.

D. Maria do Carmo continuava para ela uma entidade celeste. Talvez fosse. Os deuses são bons ou máus. As mais das vezes, bons e máus ao mesmo tempo. E nós chamamos deus ao que não compreendemos acima de nós. A atriz era para Joana o insistentíssimo assombro bom. A lavadeira via-a nos cartazes da rua, no calçado e nos brinquedos dos filhos com a doçura da Fada das Pérolas. Na vizinhança o prestígio da família Araujo crescera enormemente. Eram todos pobres sem ideal senão o da vaga inveja do bem material jãmais conseguido. D. Maria do Carmo aparecia quase sempre estabelecendo a curiosidade, para distribuir coisas. As vezes, não desidia da sua vitória forrada de cetim verde.

— O' Joana, anda cá. Toma que eu trouxe para os petizes. E o Araujo?

As vizinhas, logo, que o carro partir, eram só exclamações e perguntas. Como é linda a sua comadre! Quando é mesmo a Crisma do Pedrinho? Dizem que ela é milionária. Ela gosta de Serafim, hein?

Joana de nada sabia. Aquilo era um milagre, a Fada das Pérolas. Por que, de repente, resolvera protegê-los? Sentia bem que passara sem a proteção, calma, bem. Mas se não havia mal algum? Até seria desagradável agora que a proteção cessasse por causa dos presentes e da vizinhança. Ao demais, uma certeza lhe viera; a posição de Serafim dependia da Fada das Pérolas.

D. Maria do Carmo, aliás, desorganizava-lhe a vida. Uma vez mandou-a buscar de carro — a vitória de cetim verde. Joana, com o Pedrinho nos joelhos e a Guiomar ao lado, ia, quase com medo, tendo deixado a roupa da freguesia por aprontar. Ficára assombrada com o palacete de Baependi, os criados, os divans de seda, os tapetes, os espelhos. D. Maria do Carmo recebeu-a no quarto de dormir que era forrado de rendas sobre seda azul celeste e com a cama sobre um estrado, irradiando brilhos de ouro. A atriz conversava.

— Temos que fazer um pecúlio para o Pedro. Disponho de duas apólices de conto de réis que vou pôr na caixa em nome do garoto. Venha cá, Pedro. E' verdade. Que idade tem o Araujo? E forte, esse rapaz. E' direito, não?

— Lá isso — de toda confiança.

— E mulheres?

— Muito sossegado.

— Vê-se. Homens com mulheres estragam-se logo.

Depois distribuiu presentes, nervosa, como desejosa de alguma coisa. Quando Joana, de volta, contou ao Serafim o caso, ele ficou sério, a boca aberta, e não disse nada. Mas pela madrugada Joana acordou sacudida pelo marido.

— Sabes que a tua comadre teve hoje um faniquito lá no teatro?

— Hein?

— Ao descer da apoteóse final, caiu desmaiada. Caiu nos meus braços, que

eu estava perto. Level-a ao colo até ao camarim. E' leve.

Joana ergueu-se e sentiu que o seu homem cheirava a vinho.

— Que horas são?

— Mais de três. Andei por aí a borderjar, a tomar uma pinguíta, para ver se tomo coragem...

Joana ficou olhando. Os homens têm os seus dias de quizília. Não é bom contrariá-los com perguntas. Mas Serafim tinha a cabeça chela do seu caso.

— Aquilo está o diabo, Joana! A tal do Carmo vai para três meses que me atenta.

— Uma senhora tãc nossa amiga!

— Bem sei porque. Ela desafia-me, ouviste? E' rica, tem dinheiro, mas eu tenho de ir com ela cu estou perdido. Meteu-se em brios!

E não lhe sendo possível narrar o apetite de Maria do Carmo, a estrêla histórica que passava o teatro inteiro numa fúria sexual de assustar, despejou as cenas em frases curtas, sem seguimento. Ele afinal era homem. A tal do Carmo, logo que o vira, começara a provocá-lo. Os companheiros lho disseram. A gaja era maluca. Tinha dois amantes de chelha, um fazendeiro e um deputado, fora os outros marchantes. Mas não lhe bastavam esses. De repente escolhia. Tivera um menino estudante. Ele, porém, não era de brincadeiras. Dams da alta com sedas, joias, faniquitos, estonteavam-no. Tirara o corpo fora. Ainda assim a mulher insistia. Todo aquele carinho em casa era para pegá-lo.

— Que hei de fazer? O desmaio foi fingido, só para eu agarrá-la. E' uma tipa que faz e desfaz no teatro. Se não vou, põe-me na rua. Depois, sou homem. Já os outros riem de mim...

Confusamente à perceber, Joana olhava-o...

— Isso acontece no teatro. Nem tem importância. O Juca da Olaria já teve uma corista que empenhava as joias para presentear-lo. Era uma corista. Esta é estrêla. Lá os rapazes dizem que eu devo aproveitar. No fundo estão com inveja. Dize-me tu se eu sou lórpa? A gaja é mesmo capaz de pensar que eu não presto. Pois vou. Acabou-se.

A sua revolta era a inconsciente revolta do vigor humilde, que não pode ter vontade. Não sabia bem se queria, se não queria, se devia ir ou não ir. Joana, diante de uma mulher da sua igualha, que lhe tomasse o homem, saltaria aos murros. A Fada das Pérolas estava tão alta, a preferência era tão envaidecedora, que lhe parecia outra coisa, como o teatro ou um grande baile — a que só o seu homem fosse convidado. Tinha dor, uma dor horrível, mas sem coragem de o dizer com receio ao cataclismo de que a pudessem culpar depois.

Serafim despiu-se aos trancos. Atirou-se à cama. Em breve roncava. Ela ficou chorando. Mal o dia abriu, estava a pé. A ânsia que lhe ia ao peito. Era aquele dia! O seu homem ia... Tão bonito, tão forte, tão bom! O seu homem ia... Tudo quanto fizesse para obstar seria inútil. O seu homem ia... Que grande diferença entre ela e a Fada das Pérolas, num quarto de rendas, cheio de perfumes. O seu homem ia... Se não fosse hoje, seria amanhã, graças àquele horrível teatro. O seu homem ia... Coitado! Porque a sorte a isso o obrigava. Ela tinha um homem que as ricas desejavam. Desgraça! Desgraça!

Ao meio dia, Serafim acordou. Ela deu-lhe o almoço. Ajudou-o a vestir a roupa limpa. Nem um músculo da sua face tremia. Talvez o pobre Serafim preferisse uma cena, para desabafar num par de taponas. Mas, nada.

— Faze uma boa janta.

Ela suspirou:

— Has de vir com fome.

Um silêncio angustioso calou. Ele era bom, não lhe queria mal. Apenas nos seus olhos, Joana via a Fada das Pérolas com a sua nudez, as suas joias.

— Que se há de fazer? Vamos a ver! Não te aflijas...

Ele abriu a porta e saiu sem se voltar. Ela debruçou-se na rótula e viu-o caminhar ligeiro. Como se ele não vol-

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



Fume! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pómea nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

tasse jamais... Alguma coisa dentro do seu magro peito batia.

— O' Joana, não vais molhar a roupa?

— Já lá vou, mãe...

Voltou à tina, cantarolando. Na sua cabeça via Serafim entrando no palacete, via o grande abraço, via... Uma grande ansia enchia-lhe a alma. Se não voltasse? Ele voltou às 6 da tarde. Era escuro já. O jantar requentava no fogão. Quando ouviu bater, Joana tremia. Serafim entrou. Era o mesmo, a paixão de toda a sua vida humilde, aquele que fora o seu homem. Deus! Como se podem dar dessas enormes transformações sem que ninguém note? Por que é o mundo assim? A pobre mulher estava diante de outro, de outro ser, sentia bem, irrevogavelmente, resignada.

— Então?

— Lá me arranjeri.

— Serafim!

— Acabou-se, agora.

Nesse dia voltou cedo. Mas no seguinte não apareceu. A Fada das Pérolas tomara a Joana a noite do seu homem. Quando o viu, às seis da manhã, ela ainda não dormira. Então foi para o rapaz do campo, desconhecedor do prazer, o delírio. Estava inteiramente dominado. Passava apenas horas em casa, a dormir. Na sua ingenuidade e como jamais amara Joana, achava natural aquilo e fazia à pobre mulher confidências. Os luxos da Carmo, os ciúmes dos amantes que pagavam, uma vez que a atriz lhe beijara os pés, outra em que pedira para que a esmurrasse.

— E' maluca, mas boa...

A sra. D. Maria do Carmo continuava aliás a mandar presentes e a fazê-los principalmente a Serafim. O homem transformava-se. Tinha um relógio com cadeia de diamantes, tinha dois anéis de brilhantes.

— Vês. Deu-me isso. Os rapazes dizem que eu não a aguento. Mas eu sou homem...

Era vaidade, deslumbramento, desafio e tudo a misteriosa força da corrupção. Um dia ele contou que a Carmo tivera de apanhar.

— Andava a azoinar-me. Dei-lhe uma surra!

Joana admirava o poder do seu homem capaz de até escravizar tão alta senhora. Aos poucos a sua dor se desfazia numa expectativa orgulhosa. Ela interessava-se por um drama em que a personagem principal era o homem a quem amava, o pai dos seus filhos.

— Ele é uma fera de ciúmes. Só não os tem de ti.

— Também por que?

— E' porque tu não os tens.

— Para te aborrecer?

Qualquer coisa sem que o sentisse quebrava dentro do seu peito. Tinha apenas a certeza vaga de que a sua existência normal desaparecera no dia em que soubera... Desde então sonhava

com a Fada das Pérolas. Era como se o homem tivesse ido ocupar um cargo importante, que só Deus poderia acabar. Estava perto todo o dia, solícito, fiel, pensando que amava da mesma maneira Serafim; mas não via que o bom rapaz perdia um pouco a cor, tinha olheiras, queixava-se de pontadas, de tonturas.

Quando se amou uma criatura que nos abandona, mesmo que pensemos continuar a amá-la e esperemos a sua impossível volta, dá-se que nas suas doenças somos incapazes de senti-las. E' o alucinamento da alma, o egoísmo vital, o que queiram. E', principalmente, o desinteresse inconsciente à liberdade inconsciente.

Assim, ela própria, ao fechar a rótula naquela manhã de domingo sentiu estranha a idéia de falar a Serafim da dor na costela. E no quinquete, olhando a luz hiberna, teve uma grande tristeza, sem razão. Para distrair-se, foi arranjar os filhos, que iam brincar na calçada, almoçou sem vontade, arran-

jou-se ela mesma, e à tarde ficou na janela a conversar com as vizinhas.

Ainda havia sol, quando viu parar, esbaforido, em frente à janela um rapaz do teatro.

— Aqui é a casa do Serafim?

— Sim, senhor...

— Pois... A senhora é a mulher dele?

Pois... A senhora desculpe. Mas o Serafim está mal!

— Como?

— Foi puxando um trainel...

— Hein?

— Veio-lhe uma golfada de sangue que não parou...

Joana ficou lívida. A vizinhança apinhava-se.

— O médico é uma besta. Não fez nada! ganiu o rapaz.

Mas não foi preciso que ele dissesse mais. Pela rua vinha vindo um magote de gente em torno a uma pobre maca. E estendido, hirtó, a camisa sangrando, a boca aberta, o olho vítreo, o cadáver de Serafim. A primeira hemoptise de sanguíneo afogara-o. Aquela vida de

*P'RA MIM,
isto é um banquete completo!...*



Ah!... é um banquete com Malzbier da Brahma

É indubitável!... Quando Malzbier da Brahma aparece à mesa, o prazer da refeição é redobrado... sugere até um banquete!... E mais ainda: redobra também o seu valor nutritivo. Porque Malzbier da Brahma é rica em malte. Por isso, completa e equilibra qualquer refeição. E sua presença à mesa torna-se indispensável quando há necessidade de compensar a falta de um ou outro alimento. Ligeiramente doce e de baixo teor alcoólico, Malzbier da Brahma é, por excelência, a saborosa cerveja do lar.

COMPLETA E
EQUILIBRA

suas refeições



CABELOS BRANCOS?

LOCÃO

Brilhante

PUBLICIDADE PARA A
REVISTA DA SEMANA

EM SÃO PAULO:

Tratar com
JARBAS DE FREITAS GALVÃO

RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 613
2.º and. Sala 217 — Fone: 6-6718



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

**AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES
DESTA REVISTA**

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

serviços a uma paixão delirante matara o pobre rapaz. Na algazarra, só Joana, lívida, não chorava nem gritava. Foi quem abriu a porta para entrar a maca. Na sala invadida, estava como alheada, olhando o cadáver. Os choros, os gritos continuavam em torno. E, de repente, ela sentiu o silêncio. Toda a gente se voltava para ver saltar do seu carro de seda a Fada das Pérolas, sem jóias, desganhada, a cara pintada, envolta num casacão. A pobreza, a miséria daqueles coitados que não compreendiam senão a superioridade da riqueza sentiam a satisfação de ver a mulher da alta dar a prova final do seu amor a um pobre diabo como eles.

— Joana! Minha pobre Joana! gritou Maria do Carmo, teatralmente. Morto, morto o nosso Serafim.

Joana olhou a Fada das Pérolas. Uma convulsão sacudiu-a. Era como se, de repente, só naquele momento voltasse da catalepsia do instinto. O seu semblante esverdeou num súbito derramamento de bills. Os lábios estavam roxos. Ficou entre o cadáver e a atriz.

— Senhora dona Maria, o homem morreu. Para que quer o cadáver?

A Fada das Pérolas recuava, a dor espetacular suspensa.

— Mas que é isso, Joana? Está louca!

— Há outros homens. Vá matá-los. Esse não presta mais.

— Joana!

De todos os lados havia protestos. Joana! Joana!

A pobre mulher caminhou para a atriz. Maria do Carmo estava já na rua, desmantelada, vexada. Dois rapazes do teatro logo a meteram na carruagem, enquanto ela, soluçando, se dizia desgrçada.

Então Joana voltou-se e viu o cadáver, o corpo forte e lindo inteiriçado, os cabelos crespos empastados na testa de macho, os grandes olhos arregalados. Deu um grito, um grito terrível.

— Tragam essa mulher! Tragam! Ele não me perdoaria! E' dela que ele gostava! Serafim! Serafim! O meu amor! Tragam, se não eu morro. Tragam! Ele já não me queria. Deem-no à Fada das Pérolas, deem-no — o meu Serafim só dela, o meu Serafim!

E emborcou em convulsões sobre o cadáver, enquanto no alarido dos circunstâncias a vitória de seda verde partia levando a insaciável Fada das Pérolas.

VENDE-SE UM VESTIDO DE NOIVA

(Cont. da pág. 23)

— E' seu filho? perguntou à velha senhora, que se achava sentada a seu lado.

Um sorriso de orgulho e saudade arrepanhou os lábios murchos, enquanto uma sombra descia sobre os olhos azuis.

— Não, não é meu filho, respondeu ela, suspirando. E' meu noivo.

A moça olhou com assombro aquela fisionomia enrugada, aqueles lábios secos que faziam a espantosa afirmativa. A anciã mostrou compreender e de novo sorriu.

— Já sei. A senhora, naturalmente, está pensando que eu sou doida. Não precisa ficar encabulada. Todo o mundo pensa. Mas eu não sou.

Fez uma pausa, durante a qual suspirou e prosseguiu:

— Deveria dizer que «foi» meu noivo. Mas ele morreu. Colocando o verbo no presente, tenho a impressão de que ainda é vivo, que eu ainda o espero, que ele virá logo mais, como antigamente, falar-me de seu amor, de nossa felicidade, de nosso futuro... Falar de detalhes para a ornamentação de nossa casinha e sobre os nossos filhos, que naturalmente virão... Sim, ele é louco por crianças, falaremos principalmente sobre nossos filhos.

Vanda estava estupefacta e ao mesmo tempo comovida. Mais e mais irreal ia lhe parecendo o ambiente, mais e mais ela parecia estar vivendo dentro de um sonho, de um sonho de éras passadas. Aquêlê cheiro bom de limpeza e coisas velhas ia-se cada vez mais impregnando em todo o seu ser e tinha a impressão de que, fechando os olhos e reabrindo-os um momento depois, achar-se-ia vestida com uma saia rodada, de espartilho e anquinhas, assim como sua companheira, a curiosa velhinha, que seria uma linda moça, cujos lábios frescos um rapaz com cravo no peito e olhos cheios de ternura viria beijar. Aquêlê mesmo rapaz do retrato, sorridente e bonito.

A voz da velha cortou-lhe a divagação:

— Como é seu nome, minha filha?

A jovem voltou-se para ela, como quem é bruscamente acordado. Custou um instante a responder e, ao ouvir o som de sua própria voz, estremeceu.

— Vanda? E' um bonito nome, comentou a velha.

Em seguida aproximou-se mais da moça. Uma grande curiosidade parecia boiar agora nos surpreendentes olhos azuis.

— Diga-me, Vanda, você ama muito o seu noivo?

A boca fresca e juvenil sorriu.

— Se o amo? Amo-o tanto que chego às vezes a esquecer-me que somos tão pobres e vamos sofrer muito, até que a nossa vida possa melhorar. Meu amor deve ser tão grande como o que a senhora sente pelo seu noivo, — completou, num gesto espontâneo de agrado àquela estranha e simpática criatura... Sei que a senhora avalia perfeitamente o que eu sinto, dona...

— Adélia, minha filha

Ergueu-se, tomou a mão da jovem e lhe disse, então:

— Queria saber, ter certeza. Agora vamos. Venha ver o vestido.

Atravessou a sala com seu passo incerto, abriu uma porta, que dava para um curto e escuro corredor. Abriu outra porta e Vanda viu-se então num quarto de dormir pouco espaçoso. Não pôde nem perceber como ele estava mobiliado.



DA VIDA NADA SE LEVA...

A todos os homens e mulheres, desiludidos de alcançarem a suprema felicidade humana, recomendamos as famosas Pímulas Maratú, aprovadas e licenciadas pelo D. N. Saúde Pública como tônico nervino no tratamento da astenia neuro-muscular e suas manifestações e isentas de qualquer ação nociva. As Pímulas Maratú são fabricadas com extratos de Catuaba e Marapuama (Acanthes Virilis), duas plantas de virtudes extraordinárias e que existem abundantemente em alguns Estados do norte do Brasil. Aliás, elas já eram conhecidas desde longa data pelos gentios brasileiros que as usavam como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Quando alguém sentir uma ligeira depressão no ritmo normal de sua vida, mesmo que seja devido à idade avançada, deve recorrer a estas pílulas, que darão, não só o entusiasmo perdido, como ainda, uma sensação de bem-estar e alegria de viver. Deixem de pessimismo... Tomar as Pímulas Maratú é saber gozar a vida, mesmo porque... da vida nada se leva.

Não permita que a prisão de ventre prejudique o seu organismo

Conserve os seus intestinos sempre limpos. Todos sabem que um grande número de moléstias tem como responsável a prisão de ventre ou constipação intestinal. As indigestões, flatulência, hemorroidas, dispepsia, vertigens, neurastenia, lassidão, insônia, perda de apetite, dor de cabeça, pontadas nas costas, palpitações, mau hálito, espinhas no rosto, úlceras na boca, apendicite, congestão hepática, etc. são manifestações do mau funcionamento do estômago, fígado e principalmente dos intestinos. As Pímulas Aloicas auxiliam os movimentos peristálticos dos intestinos, regularizando-os. Desinfetam o tubo gastro-intestinal. Expulsam os gases e descongestionam o fígado. As evacuações produzidas pelas Pímulas Aloicas não são acompanhadas de dores, ardor ou mal estar. Sua ação é branda e completa. Não se aventure ao risco de agravar uma doença já por si tão grave, usando purgantes violentos e irritantes, que ao invés de regularizar os intestinos, ressecam-nos cada vez mais. Recorra sempre às Pímulas Aloicas. Elas nunca falham, por antiga ou rebelde que seja a sua moléstia.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é fêlo quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os danos, as manchas e as asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e saudável volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

do, pois o que imediatamente lhe chamou a atenção foi um maravilhoso, um estonteante vestido branco estendido sobre o leito. Aproximou-se dele com uma devoção religiosa, as mãos unidas como numa prece. Nunca, em sua vida, vira algo parecido. De linhas simples, o traje era, no entanto, sumptuoso como se tivesse sido feito para uma noiva real. Talvez fosse o corte, talvez esse vago toque que as costureiras peritas sabem dar em suas obras. Talvez, ainda, o carinho com que fôra confeccionado.

De seus lábios escapou um suspiro abafado e ela murmurou:

— Meu Deus, como é lindo!

Um clarão de contentamento passou pelos velhos olhos azuis.

— Você o acha bonito, bonito realmente?

Em seguida a velhinha afundou as brancas e enrugadas mãos na alvura das rendas e dos cetins e, levantando com extremo cuidado o precioso vestido, estendeu-o a moça.

— Vamos, tome-o, é seu.

Vanda exclamou, surpreendida:

— Mas, dona Adélia, eu não posso... Eu não posso levá-lo! Deve ter custado muito dinheiro! E eu... eu sou muito pobre!

A velha respondeu:

— E quem falou em dinheiro? Estou lhe dando o vestido, você não compreende?

A moça balbuciou:

— Mas... eu não posso... não posso aceitar... A senhora também é pobre...

Acariciando com ternura o lindo vestido, dona Adélia redarguiu:

— Sim, minha filha, tão pobre, que muitas vezes fiquei sem comer, para comprar um pedaço de cetim ou uma peça de renda, com que confeccionar esse vestido... Tão pobre, que mais de uma vez me perguntei: — «Poderei terminá-lo algum dia, meu Deus?»

De novo o sorriso iluminou seus olhos.

— Mas fui tão feliz todo o tempo em que estive a prepará-lo! Fazia-o como se fosse para mim. Eu era a noiva e breve chegaria o dia de meu casamento. Fernando me visitava em sonhos e perguntava: — «Então, ainda falta muito, minha querida? Precisas terminá-lo, breve chegará o dia...» Assim, enquanto fazia este traje de noivado, ia alimentando a minha ilusão...

Terminou, um pouco triste:

— Mas, quando ele ficou pronto e eu o vesti, e me olhei no espelho, vi que não era mais para o meu velho corpo, que meu rosto não se enquadrava bem na alvura das rendas e dos cetins. Então, resolvi dá-lo... Dá-lo a uma noiva linda, meiga e feliz. Revivendo um pouco de minha felicidade na sua própria felicidade...

Estendeu de novo o presente.

— Tome-o. Que ele a faça feliz, tão feliz como eu teria sido se... se Fernando não morresse.

Um riso trêmulo e envergonhado apareceu em seu rosto, juntamente com uma pequena lágrima, que pingou de seus olhos azuis.

— Talvez eu me resolva a fazer outro, quem sabe? Talvez um dia ponha de novo o anúncio num jornal: «Vende-se um vestido de noiva»... E então outra criaturinha pobre e linda como você virá aqui e levará também seu vestido, seu lindo traje de noiva, que vestirá sua felicidade e foi feito inteiro, inteirinho, com os pedaços de minha própria felicidade... Então ficarei contente, acompanharei invisível seus passos até o altar, eu sendo a noiva, e não ela, os olhos de Fernando me acariciando, me dizendo coisas, que só quem quer bem sabe dizer... Depois de tudo terminado, quando o noivo se inclinar e beijar os lábios sorridentes e desejados, seremos nós que nos beijaremos, seremos nós que estaremos dizendo por dentro, bem por dentro de nosso coração: — «Para sempre... Para sempre...»

Ergueu o rosto, subitamente remojado, os olhos que sorriam para seu invisível amor.

— Sim, minha filha, creio que começarei já a fazer meu novo vestido de noiva.

MIL MODELOS DE NAVIOS EM LONDRES

A Exposição Marítima de Londres, que se inaugurará nos fins deste mês, será a mais importante e a mais representativa já realizada na Grã-Bretanha.

Serão exibidos mais de mil modelos, em 160 secções, que em comprimento equivalem a cerca de meia milha.

Grande número de companhias de navegação e 95% dos estaleiros de construção naval do Reino Unido apresentarão modelos até 18 pés de comprimento muitos deles modelos animados de tipos diferentes de vasos de guerra, de navios mercantes e de motores de navegação.

A Exposição Marítima estará aberta entre 28 de janeiro e 8 de fevereiro.

Está à venda em todo o Brasil o
ALMANAQUE EU SEI TUDO
para 1948

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



RUGOL

facilita o tratamento da pele porque equivale a
2 CREMES NUM SÓ!

O Creme Rugol simplifica extraordinariamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura... diáfano esplendor de primavera...



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.



Aplique Rugol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos.

CREME Rugol

Mantém em segredo sua idade, porque
LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

PARA CABELOS BRANCO.
LOÇÃO

LEBLON

Contra Caspa, Seborréia e Queda dos Cabelos

MANIPULADO COM AS ÁGUAS
RADIOATIVAS DE SERRA NEGRA

PERFUMARIA LEBLON S. A.
SERRA NEGRA

A BATALHA DA CASSAÇÃO DOS MANDATOS

(Cont. da pág. 10)

Alcedo Coutinho — Deputado por Pernambuco, seu Estado natal. Formou-se em Medicina no Rio, tendo voltado para Recife, após o curso, onde seguiu a profissão. Fez parte da Coluna Prestes e de 1924 a 1930 esteve nela integrado. Ingressou nas fileiras do Partido Comunista em 1935, quando era cirurgião do Pronto Socorro e 1º assistente do Hospital Pedro II e da Faculdade de Medicina. Quando foi sufocado o movimento da Aliança Nacional Libertadora foi preso e esteve entre as grades durante quase três anos, sendo em seguida deportado para o Rio. Em 1945 voltou para Pernambuco para se candidatar na chapa do P.C.B.

Gregório Lourenço Bezerra — Nasceu também no Estado de Pernambuco, por onde foi eleito. Filho de camponeses pobres, trabalhou em várias profissões e mais tarde, entrando para o Exército, atingiu o posto de sargento. Em 1935 filiou-se ao Partido Comunista, tomando parte ativa no levante de novembro desse ano, sendo preso e ferido. Foi condenado a vinte e sete anos de prisão, tendo passado por Fernando Noronha, Ilha Grande e Penitenciária Central do Rio. Anistiado, lutou muito na Câmara contra as arbitrariedades e violências da Polícia no seu Estado. Foi um dos mais exaltados comunistas na Câmara.

Jorge Amado — Nasceu em Ilhéus, Bahia, sendo eleito por São Paulo para a Câmara Federal. Romancista dos mais conhecidos no Brasil e com vários livros traduzidos, entre os quais «Jubiabá», «Cacau», «Terras do Sem Fim», «Mar Morto», etc., sua filiação ao P.C.B. realizou-se em fevereiro de 1945. Anti-fascista de longa data, podendo ser lembrada sua atuação na Aliança Nacional Libertadora. Vice-presidente do Primeiro Congresso de Escritores Brasileiros e vice-presidente da Associação Brasileira de Escritores. Diretor do jornal paulista «Hoje», que foi empastelado na semana passada pela polícia bandeirante. Fez no Parlamento a campanha pela política da boavizinhança.

Claudino José da Silva — Natural de Carangola, Estado do Rio, filho de camponeses. Órfão de pai e mãe ainda garoto, veio para Niterói, onde aprendeu o ofício de carpinteiro. Em 1928, com vinte e seis anos, filiou-se ao Partido Comunista e em seguida tornou-se dirigente do Comitê de Niterói. De 1929 a 1931 esteve na Leopoldina, sendo nomeado delegado da Confederação Geral de Trabalhadores do Brasil ao Congresso da União dos Trabalhadores, realizado neste último ano em Pernambuco. Foi preso no Recife e, perseguido, transferiu-se para João Pessoa, continuando a trabalhar no partido. Preso novamente e deportado para o Rio, onde chegou e, devido a ferimentos, ficou hospitalizado durante nove meses. Preso em 1936 em Minas, passando pela Polícia Especial, Casa de Detenção e Ilha Grande. Conseguiu a liberdade e voltou a ser preso em Minas e mais tarde em Niterói. Defendeu no Congresso a equiparação completa em todos os setores do negro do Brasil. Foi eleito à Câmara pelo Partido Comunista no Estado do Rio.

Abílio Fernandes — Filho de Pelotas, Rio Grande do Sul, Estado pelo qual foi eleito à Câmara. Filho de operários, fez-se metalúrgico também. Foi representante do Sindicato dos Metalúrgicos em 1933 nas eleições classistas, tornando-se em pouco presidente desse sindicato, em Pelotas. Foi tesoureiro da Aliança Nacional Libertadora de Pelotas. Diversas vezes foi preso como comunista. Condenado em 1941 pelo Tribunal de Segurança. Quando licenciado na Câmara foi substituído por Trifino Correia, voltando ao Parlamento no fim da legislatura constituinte.

Osvaldo Pacheco da Silva — Nasceu na cidade de Malhado dos Bois, Estado de Sergipe. Vivendo sempre

entre os estivadores de Santos, foi eleito na chapa do P.C.B. por São Paulo. Entrou oficialmente para o Partido Comunista em 1945, embora desde 1935 tenha se dedicado ardorosamente em lutas contra o fascismo. Foi o fundador da União Geral dos Sindicatos de Santos. Estava entre os estivadores dessa cidade quando aqueles se recusaram a descarregar os navios de Franco. Na sessão do dia 7, quando a maioria da Câmara aprovou a cassação dos mandatos, o deputado Osvaldo Pacheco fez menção de puxar o revólver, num momento de exaltação.

Francisco Gomes — Suplente de Joaquim Batista Neto, iniciou os seus trabalhos na Câmara há uns oito meses. Filho de humildes lavradores do Distrito Federal, por onde foi eleito, tornou-se desde cedo operário da construção civil e no seio da classe revelou-se um combatente líder comunista. Filiou-se ao P.C.B. em 1935 e pertencia ao Comitê Metropolitano desse partido.

O AVIÃO

(Cont. da pág. 29)

quilo bairro, onde esquecemos, durante dois anos deliciosos, tôdas as lembranças más de nossa vida. Esquecemos até os perigos a que estávamos expostos... Perdõe-me o abandono, que não chegou ser abandono... Você me acompanhou nos meus desenganos...

— Para consolá-lo ou para desiludí-lo?... Não tenho mais nada para oferecer-lhe. Minha mocidade declina. Meus filhos cresceram. O mais moço já é um rapaz. E eu envelheço na inútil esperança de ser feliz... Pensei muito em você, Fernando. Mas na certeza de que não mais o veria... Você tinha ido para tão longe...

— Voltei do Norte, há pouco tempo. E fui a São Paulo para esquecer...

— Esquecer?...

— Sim. Esquecer o Rio, que só me deu amargores, dissabores, desilusões... Estive em Campinas. Rezei na Catedral. Pedí a Deus que me restituisse o antigo amor, a antiga felicidade...

— E ele lhe atendeu?...

— Agora creio que sim... A coincidência desta viagem, que antecipei de amanhã... Este assento vazio, à sua espera... O seu primeiro enjôo em avião... E eu a seu lado, para socorrê-la... Tudo isto não parece um milagre divino?... Nossa Senhora nos protege... Ontem, num café da praça Bento Quirino, eu toquei num pesinho de guiné, para ter sorte... Lembra-se de como nós abusávamos dessa planta?...

— Que não evitou o nosso afastamento...

O Douglas da Cruzeiro do Sul adejava sobre a terra carioca, tão velada de nevoeiro alto quanto a cidade de São Paulo. Caía no aparelho uma chuvinha, que aumentava a dificuldade para a aterrissagem. Os passageiros olhavam, através dos vidros inquebráveis, o infinito branco das nuvens. E já se intranquilizavam com a demora da descida.

Marta e Fernando conversavam indiferentes à apreensão dos outros.

— Afinal, Marta, novamente nos encontramos. E eu desejo que esta hora do nosso destino seja, também, a hora da nossa felicidade. Esqueça os outros instantes aflitos, que teceram a sua grande desilusão. Esqueça o passado infeliz,

SOFRE DO FIGADO ?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

que destruiu as suas esperanças de moça. Esqueça os dois homens imperfeitos de sua vida: o que a abandonou tão impiedosamente e o que não teve coragem de sofrer com você. Esqueça tudo, minha querida, para lembrar-se, apenas, de que voltou, arrependido, o seu segundo amor... Talvez o menos imperfeito...

— Tarde demais para quem já não crê na esperança... Sou como um doente sem cura. Duas vezes me enganei... Para que tentar uma nova experiência?

A dança do avião, nas alturas, não mais perturbou a deslumbrante criatura, que surgira como um sonho, na tarde nevoenta de Fernando Mota. Marta Bezerra refizera-se da indisposição, que a colhera em pleno vôo, nos caminhos do infinito e do imprevisito... Fernando havia sido, sempre, um companheiro sereno e carinhoso, que a confortara no desalento. Ela o amara com toda a vibração da sua juventude. Devia-lhe tantas emoções consoladoras... Não o esquecera nunca... E ainda o trazia, enternecidamente, dentro do coração. Ali estava ele, nobre e generoso, procurando socorrê-la em mais um momento de aflição e de amargura.

O avião, que não baixava, e continuava, ansiosamente, nas nuvens, unira aquelas duas almas, tão semelhantes no pensamento e no destino.

— Para onde vamos, Fernando? — perguntou Marta. — Faz quase três horas que saímos de São Paulo.

— Para o sonho desta inesperada tarde de primavera com chuva... Para o nosso sonho, bem. Porque ambos esperávamos esta ressurreição do nosso passado. Houve, sem dúvida, a intervenção de forças estranhas, que nos colocaram na mesma rota do sentimento e da fé. Vê, agora, como desce o aparelho, sem obstáculos, sem perigo, para a grande metrópole, onde ardem as inquietações de tantos dramas ignorados?... Lá em baixo estão os subúrbios do Rio... Deodoro... São Cristovão... Corre o trem elétrico, minúsculo, serpenteante... Sedutora brincadeira de crianças grandes... Eis a baía, anoitecendo... As barcas de Niterói... A torre imóvel da ilha Fiscal... O aero-porto Santos Dumont...

— E o sorriso da sua simpatia, Fernando, acenando de novo para meu sofrimento...

Quando o avião pousou em terra firme, e os passageiros desembarcaram, Marta e Fernando foram andando devagar, sob a garôa, no campo alagado, para não chegar tão depressa à planície e ao clima da realidade...

REGULADOR XAVIER

* O remédio de confiança da mulher *

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES:

N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras

Publicidade para a
REVISTA DA SEMANA

em São Paulo:
Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO
RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 613

2.º AND. SALA 217

FONE — 6-6718

NA COVA DAS SERPENTES

Um folhetim-sintético-ilustrado de
"REVISTA DA SEMANA"

Por MARY JANE WARD
Ilustrações de Frank Godwin



— Pregue-as nos roupões.

Foi um choque para Virginia saber que o homenzinho que julgara um doente como outro qualquer era na realidade um médico... e ainda superior a Kik. E ficou mais chocada ainda ao saber que havia mordido o dedo do camarada. Não tinha a menor lembrança do incidente. Na Quinta Enfermaria os dias se arrastavam. Um dia perguntaram-lhe se sabia manejar uma máquina de costura e ela fez a tolice de dizer que sim. A encarregada deu-lhe então alguns roupões de banho e uma porção de marcas, ordenando-lhe que as pregasse nos roupões. A máquina tinha uma carretilha que não parava cheia, e Virginia levava um tempo enorme para reenche-la. Depois, era uma dificuldade para recolocá-la



— Virginia, abra essa porta!

no lugar. Assim, seu primeiro dia na sala de costura, que foi também o último, foi repleto de atrapalhadas. Depois disso, Virginia nunca mais deixou a enfermaria. A rotina era semelhante a das outras. Tomava-se banho, de chuveiro; comia-se três vezes por dia, carne ou cereais; uma vez por semana passava-se pelo pente fino e ia-se à balança. Virginia comia sempre muito pão e bebia muita água nas refeições, pois Robert e o dr. Kik diziam que precisava aumentar de peso. Era uma coisa difícil, pois as refeições não eram fartas e o tempo para comê-las era curto. Até que chegou o dia em que foi deixada sôzinha no escritório e viu o pequeno lavatório das enfermeiras. Entrou e trancou a porta. Há tanto



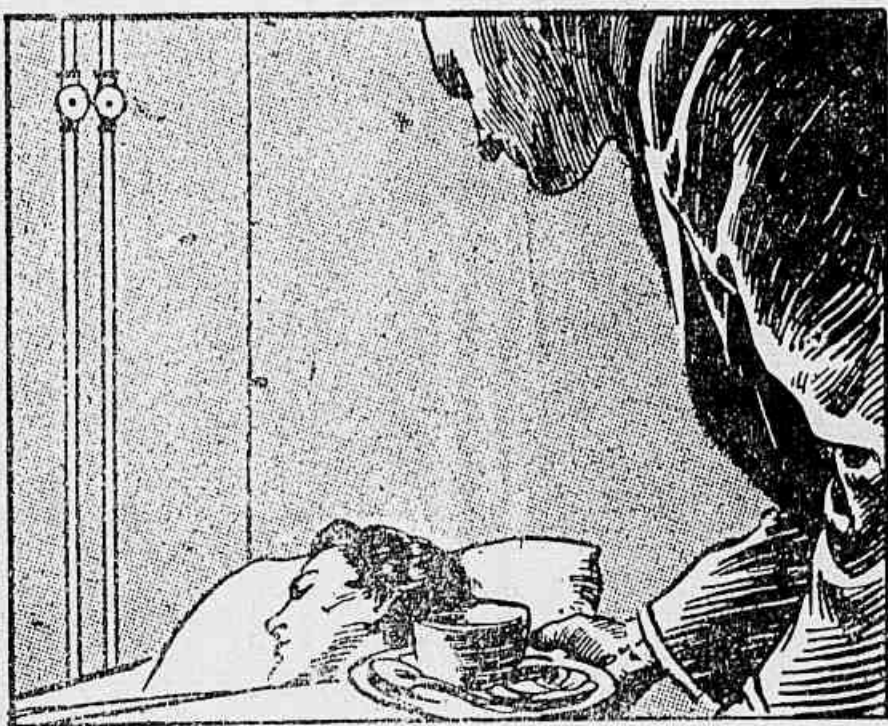
Meteram-lhe um saco na cabeça...

tempo não ficava sôzinha... Pensou: "Vou ficar alguns minutinhos aqui, saboreando a solidão..." Logo depois ouviu que as enfermeiras a procuravam. Descobriram logo: — Virginia, — disse uma, — abra essa porta e venha para cá. — Virginia teve então uma idéia: — Não saio enquanto Robert não vier me buscar. — As enfermeiras disseram que iam mandar chamá-lo. E pouco depois voltaram dizendo que ele já tinha chegado. Virginia abriu a porta. Passou pelas enfermeiras e entrou na sala diurna. — Onde está ele? Robert! — gritou. E foi apanhada, é claro. Enfiaram-lhe logo um saco na cabeça. Virginia achou que ia morrer...



Era um dos carcereiros.

O mar solapava a costa rochosa e uma vez ou outra uma vaga maior arrebatava contra os muros da prisão. Maré alta... maré alta... A única peça de mobília na cela era a estreita cama em que Virginia jazia. Podia mexer os dedos dos pés e das mãos, mas o resto do corpo estava apertado em panos molhados. Na sua fantasia, Virginia achava que a qualquer instante os carcereiros viriam, para metê-la num saco de lona e atirá-la ao mar. Mas Robert estaria num barco... para salvá-la. Pouco depois entrou um homem e pôs a mão na sua testa. Ela sabia que era um dos carcereiros. Ele falou qualquer coisa, mas não obteve resposta. Depois ela se viu num carro, descendo uma montanha. Quase se espatifaram. Tiraram-na do carro para uma enorme ba-



Não a enganariam de novo...

nheira, onde havia uma pequena maca de lona. Deitaram-na na maca e cobriram a banheira. E a água, a temperatura do corpo, entrava e saía sem parar...

Uma enfermeira tentou alimentá-la. Não quis; fechou a boca e virou para o outro lado. Uma vez a enfermeira apanhou-a desprevenida, mas Virginia cuspiu longe o pedaço de batata... A enfermeira saiu; mas voltou pouco depois. Falava com alguém. Virginia ouviu o nome do marido. Virou-se. Era mesmo parecido com ele. — Talvez o senhor consiga fazê-la comer, sr. Cunningham, — disse a enfermeira. Virginia virou o rosto. Não a enganariam novamente...

De vez em quando ela reparava que a tiravam da



— Virginia! Espere um minuto!

banheira para uma cama molhada. Aos poucos, começou a perceber as coisas. Toda a noite ia para a tal cama... enrolada em toalhas frias. Duas vezes fugiu e procurou uma coberta seca. Daí em diante, passaram a amarrá-la... "Não era direito, aquilo. Quem poderia escapar dali?" Uma noite, porém, aconteceu uma coisa boa... A enfermeira estava ocupada e Virginia achou uma cama seca com dois cobertores. Na manhã seguinte, levantou-se antes que entrasse alguém e nada foi descoberto. De noite, procurou de novo a cama seca, mas só encontrou um quarto cheio de colchões, todos no chão e cobertos de lençóis molhados... Achou melhor dar o fora... — Virginia, espere um minuto! — Era muito tarde. A enfermeira a descobrira...



Ficavam sentadas, olhando para nada.

Consultando um cartão, a enfermeira disse: — Cama seca. Bem, pode ficar naquela. — Virginia agradeceu e nunca mais dormiu no molhado. E pensou que era preciso ter-se alguma iniciativa para resolver casos como o seu. E ainda mais quando o número de doentes é maior que o de enfermeiras, tem-se melhores oportunidades... E não muito depois terminaram os dias de banheira. Durante o dia, Virginia ficava na sala grande. Quase todas as mulheres ficavam sentadas, olhando para coisa nenhuma. Estava na Décima Segunda Enfermaria. Depois foi transferida para a Oitava. Uma vez ou outra saía com a turma de trabalho. Iam para uma ruazinha de casas vermelhas. Entravam na de número



— A nossa é a número nove.

nove, que parecia uma casa de verdade. Do corredor, podia-se ver um pedaço de uma sala de visitas; Virginia esperava que algum dia pudesse entrar naquela sala... Esfregavam o chão e limpavam espelhos. Depois do trabalho, a Oitava Enfermaria era como a liberdade. Podiam ficar à vontade, fazendo o que bem entendessem. Algumas jogavam bridge, e Virginia foi convidada a tomar parte. Mas aquele bridge era de um tipo que ela nunca vira em toda a vida. Todas faziam truques e no fim todas ganhavam, para alegria geral... Tamara parecia ser a única mulher perigosa na Oitava Enfermaria. Era alta e musculosa, dona de uma expressão agressiva. As enfermeiras avisavam para que ficassem longe dela.



Tamara disse: — Agradecida, minha amiga.

e todas obedeciam. Tamara já fizera cinco operações na cabeça, diziam algumas, e não tinha mais jeito. Eram todas muito presunçosas diante desses casos perdidos. A atitude delas perante a loucura incurável era semelhante à dos sãos diante de qualquer doente. Odiavam Tamara por ser louca... Um dia, Virginia teve uma experiência que a levou a pensar se Tamara não teria cura, caso alguém quisesse cuidar dela. Estava tocando piano e Tamara sentou-se ao lado. Depois, sorriu: — Mui-tíssimo agradecida, minha amiga. — Logo apareceu uma enfermeira, repreendendo Virginia, que respondeu: — Às vezes um animal doente sabe melhor a maneira de lidar com outro animal doente...

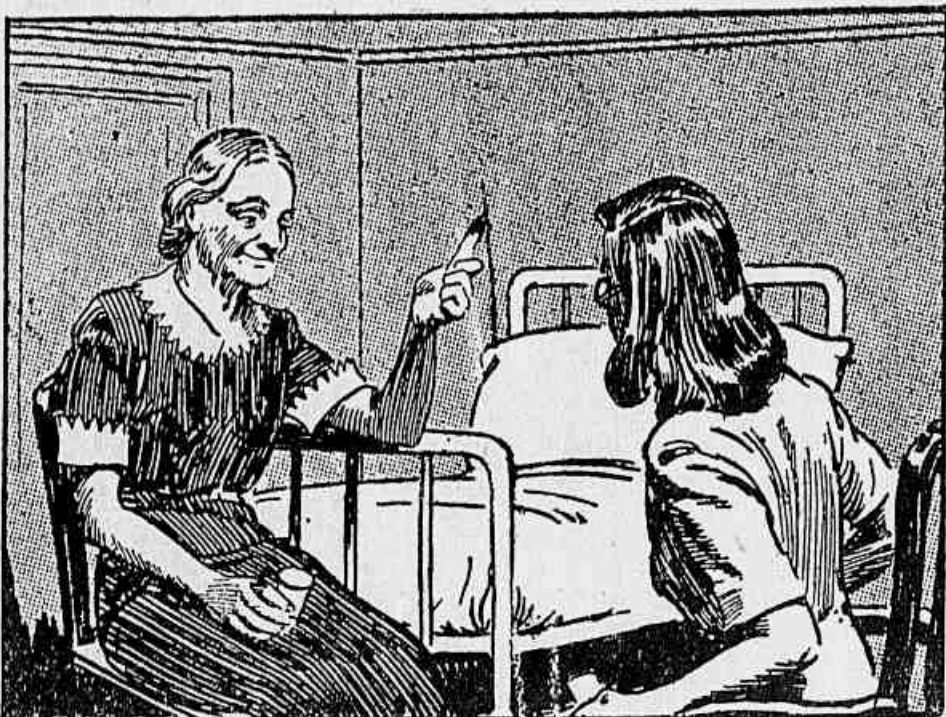
NA COVA DAS SERPENTES

Este folhetim continuará nestas mesmas páginas na próxima semana

Direitos adquiridos com o King Features Syndicate. Tradução de JORGE A. FORTES



Jenny exibiu um abridor de latas.



— Um níquel pelo que está pensando, querida...



— Calma; segure-se em mim...

Passaram-se muitos dias antes que Virginia reparasse na velha da Oitava Enfermaria. Sabia apenas que se chamava Jenny e que habitava um dos cubículos particulares denominados quartos. Mas só prestou atenção nela quando foi convidada para um chá. O "chá" era uma lata de suco de abacaxi que a velha guardava na janela. Virginia quis levar a lata para que uma enfermeira a abrisse. Jenny fez uma careta e mostrou um abridor de latas. Virginia ficou horrorizada. Havia uma ordem severa quanto a instrumentos iguais àquele. E ali estava Jenny com o abridor de latas. E ela não podia chamar-lhe a atenção... O suco foi sorvido em copinhos de papel, acompanhado de bolachas. Durante a festa, Jenny contou a Virginia a sua história. E durante todo o tempo brincava com o abridor. Virginia não tirava os olhos do instrumento e ficou contente

quando pôde sair do quarto da velha. E nos outros dias não houve jeito de escapar dos "chás" de Jenny. A velha tinha um modo de olhar todo especial. E não levou muito para que Virginia se convencesse de que Jenny pretendia matá-la. Quando Robert vinha visitá-la, nunca falava em Jenny. Não devia aumentar as aflições do espôso. Além disso, ele poderia pensar que estava com a mania de perseguição. E ficou na dúvida se não estaria mesmo... Mas a ponta do abridor não era imaginária. Rasgava a lata com tanta facilidade... — Não sente tão longe de mim, — pedia sempre Jenny. — Sou um pouco surda. Venha mais para perto, querida. — Então, uma tarde, Virginia viu que chegara o momento. Jenny abriu a lata, como sempre, mas recolocou-a no peitoril da janela. Limpou o abridor no vestido e o ficou olhando por muito tempo. Depois, olhou para Vir-

ginia. — Um níquel pelo que está pensando, querida, — disse ela. Virginia ergueu-se e disparou para o escritório. — Ora, Virginia, — disse uma enfermeira. — Que é isso? — Virginia procurou lembrar-se. Queria uma enfermeira, mas para que seria? Alguma coisa terrível ia acontecer. — Quero meu médico, por favor, — gemeu, quando o soalho começou a girar. — Acalme-se, — disse a enfermeira. — Calma, Virginia. Sta. Jones, apazigue-se. Segure-se em mim, Virginia...

— Ela nunca fez como hoje, — soluçou Virginia, pensando em que nunca antes tivera sinal tão convincente. A enfermeira abriu a porta. — Lá está o doutor, — e Virginia viu que ele vinha correndo, mas que nunca a alcançaria...



— Sala desse tapete!



Entraram num carro fechado.



— Está vendo? Bem feito, não é?

O sol estava brilhando. Era verão novamente. Novamente? Talvez ainda... E flocos brancos, como a neve, começaram a dançar lá fora, ao sol. — Está nevando, — gritou alguém. — Que beleza... — E de repente, Virginia pensou em chá. E lembrou-se da velha... Atravessou a sala e parou sobre um tapete. Era tão macio! Alguém gritou: — Virginia está de novo no tapete! — Apareceu uma enfermeira: — Sala desse tapete, Virginia Cunningham. Já lhe disse isso umas doze vezes. Aqui não se fica em cima dos tapetes. — Virginia desculpou-se, alegando que não se lembrava de coisa alguma. — Sempre as mesmas desculpas, — disse a enfermeira. — Eu nunca...

— Olhe, — berrou a intriga. — Emma está no tapete!

Aquela era a Décima Quarta Enfermaria, onde Virginia passou o Natal. Foram todas para um enorme salão, onde uma vez assistira a uma fita.

No palco estava um homem, ao lado de uma árvore de Natal, que começou a cantar...

Virginia ficou algum tempo naquela enfermaria, até que um dia chegou uma enfermeira com uma porção de casacos, mandando que os vestissem. — Depressa, o carro está esperando. — Virginia vestiu um sobretudo masculino, grande de mais para ela. Foram guiadas para um carro fechado parecido com os da polícia. O trajeto foi pequeno. Entraram num prédio. Naquele novo salão diurno havia algumas mulheres e uns poucos bancos compridos. Uma mulher gorda cantava. Num canto, outra dançava. Umas enrolavam barbantes nos dedos.

Uma mostrou a Virginia uma boneca de pano que ela mesma fizera. Quando puxava um braço da boneca, o outro sumia. — Está vendo? — disse a criatura. — Bem feito, não é? — Aquilo era um pesadelo. Caminhavam por um túnel escuro para o refeitório. Algumas andavam descalças. "E' aqui", pensou Virginia.

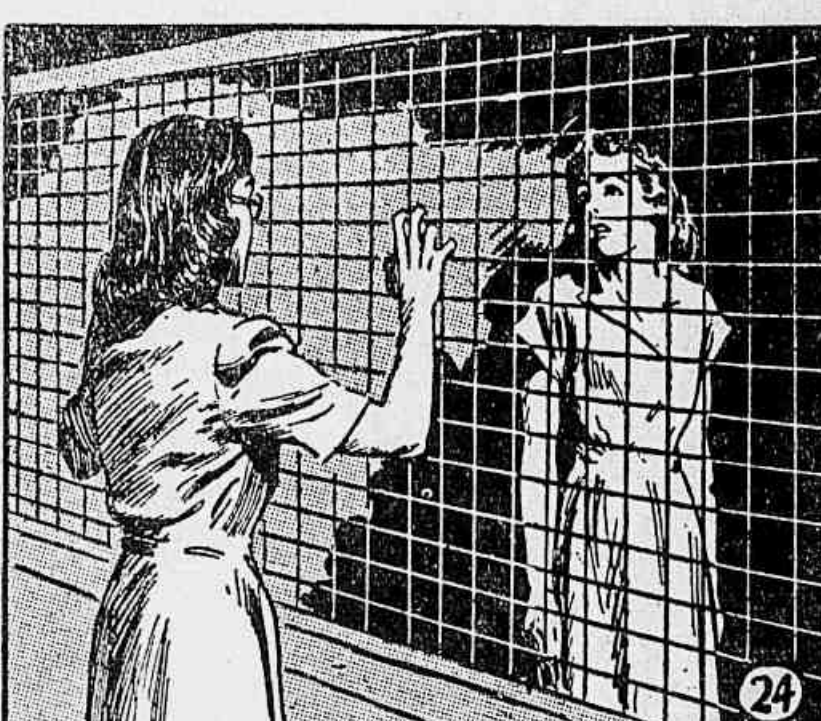
Naquela noite, no dormitório, sentiu-se menos desesperançada. Quando a gente verifica que não é a pior numa enfermaria, sente-se feliz. Por que se preocupa com choques? Há muito tempo usava-se lançar gente louca em covas de serpentes; pensavam que uma prova capaz de enlouquecer um são seria também capaz de fazer voltar um louco à razão. Assim, haviam atirado Virginia numa cova de serpentes, fazendo-a verificar que ainda havia esperança...



Comiam depressa e voltavam correndo.



— Passe bem, sra. Cunningham.



— Grace! Pensei que tivesse ido embora!

Durante uma semana, pareceu que a maior diversão das doentes do Edifício Trinta e Três era a correria pelo túnel, para o refeitório. Comiam o mais depressa possível e depois voltavam, correndo. As enfermeiras não eram muito implicas. Raramente levantavam a voz. E as enfermeiras, em geral, não eram muito turbulentas. Uma cantava. Outras brincavam com barbantes. A mulher que fazia bonecas trabalhava o dia inteiro. E a dançarina só queria dançar. Um dia Virginia esteve com o jovem dr. Terry, seu novo médico. Não gostou dele. Preferia o dr. Kik. Até que chegou o dia em que o encontrou; e procurou dizer-lhe que não conseguia lembrar-se das coisas. Ele não gostou: — Você está com-

plicando as coisas. Está se lembrando de qualquer coisa que leu e à qual procura relacionar os acontecimentos. Você se lembra de tudo, Virginia.

— Sinto muito, — disse ela. — mas o senhor está enganado. — E de repente percebeu que ele queria que saísse. Já não estava interessado nela, nem como doente nem como ser humano. Ela sabia muito bem da sua péssima aparência. Há muito que não saía daqueles aventais brancos, e ele tão bem vestido... Levantou-se: — Passe bem. — Queria fugir logo daquele homem elegante... — Passe bem, sra. Cunningham.

Havia poucas pessoas a evitar no Trinta e Três. Há-

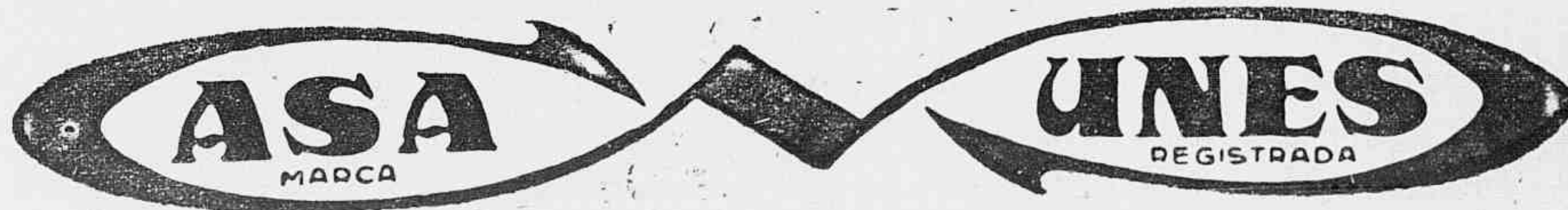
via aquela mocinha robusta que tinha a mania de empurrar os outros e a outra que oferecia caroços de maçã e fazia questão de ver a pessoa comê-los. Virginia pensava nesses perigos quando voltou do jantar, aquela noite, pelo túnel. Tinha ficado muito para trás da turma, de modo que estava quase sozinha quando viu Grace. Grace, a moça bonita que sentara a seu lado no banco, naquele dia de sol... que ficara boa o bastante para voltar ao trabalho. Grace estava do outro lado da tela de arame que dividia o túnel. Oh, Grace. — A outra parou e ficou olhando. — Pensei que você tivesse ido para casa, — disse Virginia. — Há muitos meses... — Grace continuava olhando...

H
A
L
L



Mobiliarios -- Tapeçarias -- Decorações

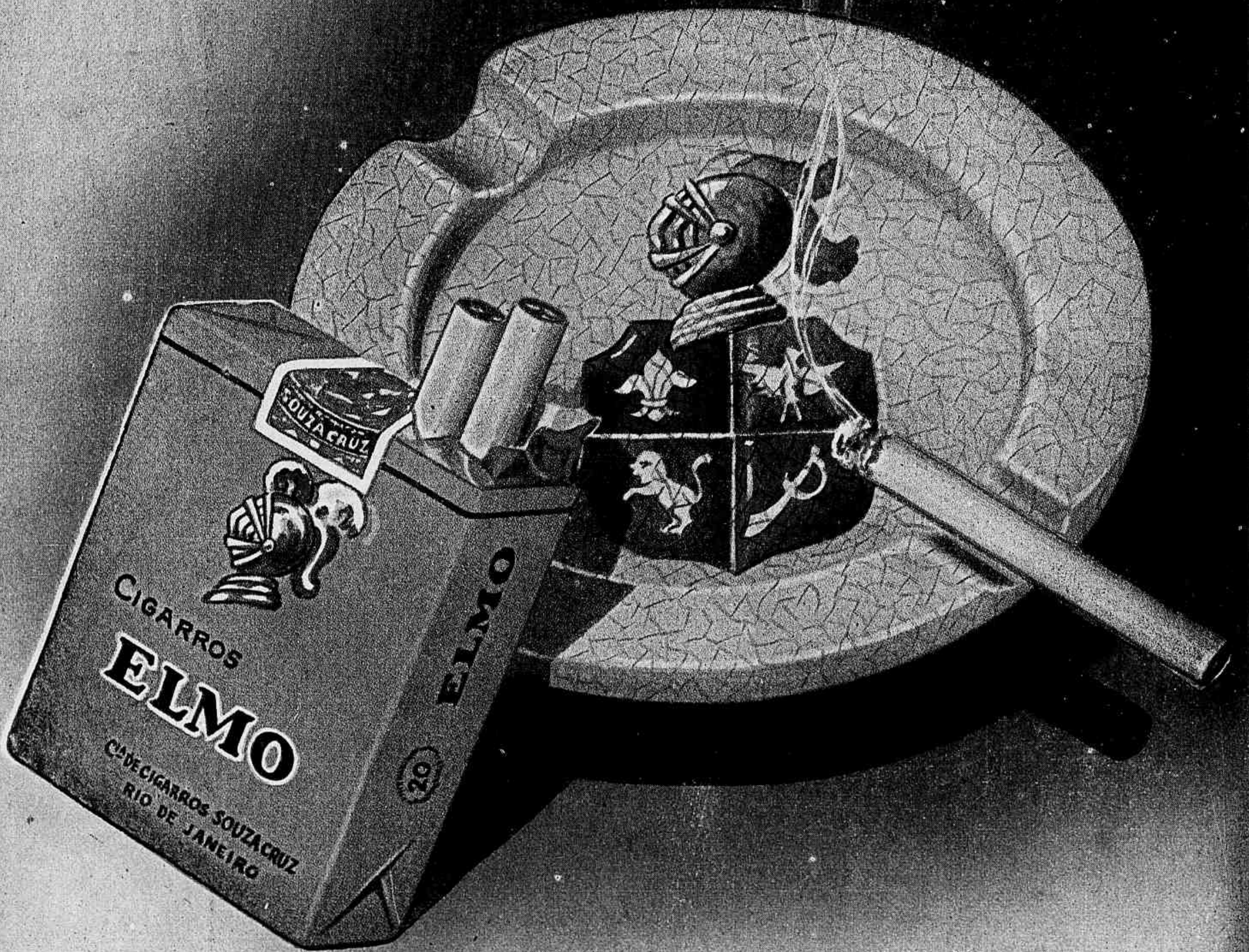
ORÇAMENTOS GRATIS



66 - RUA DA CARIÓCA 67 - RIO

Himmel

CIGARROS ELMO



CIA. DE CIGARROS *Souza Cruz*